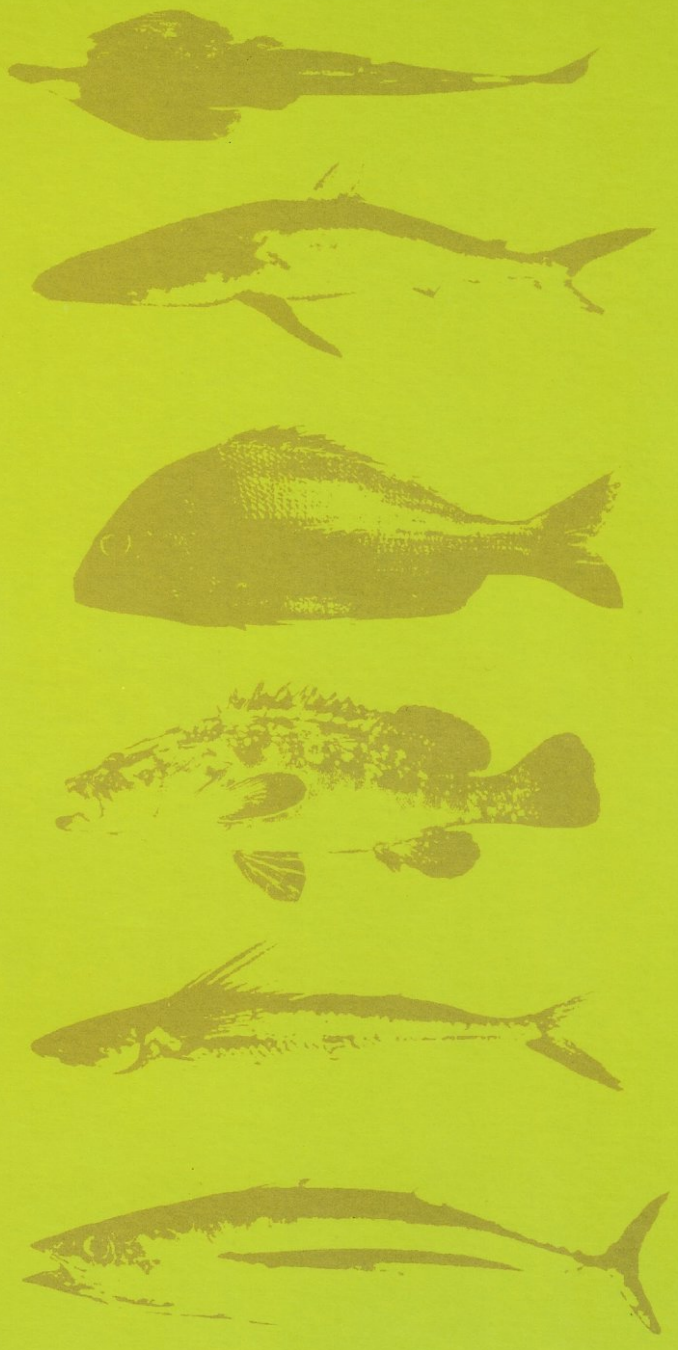
PROGRAMA REVIZEE - SCORE NORDESTE

VOLUME 6

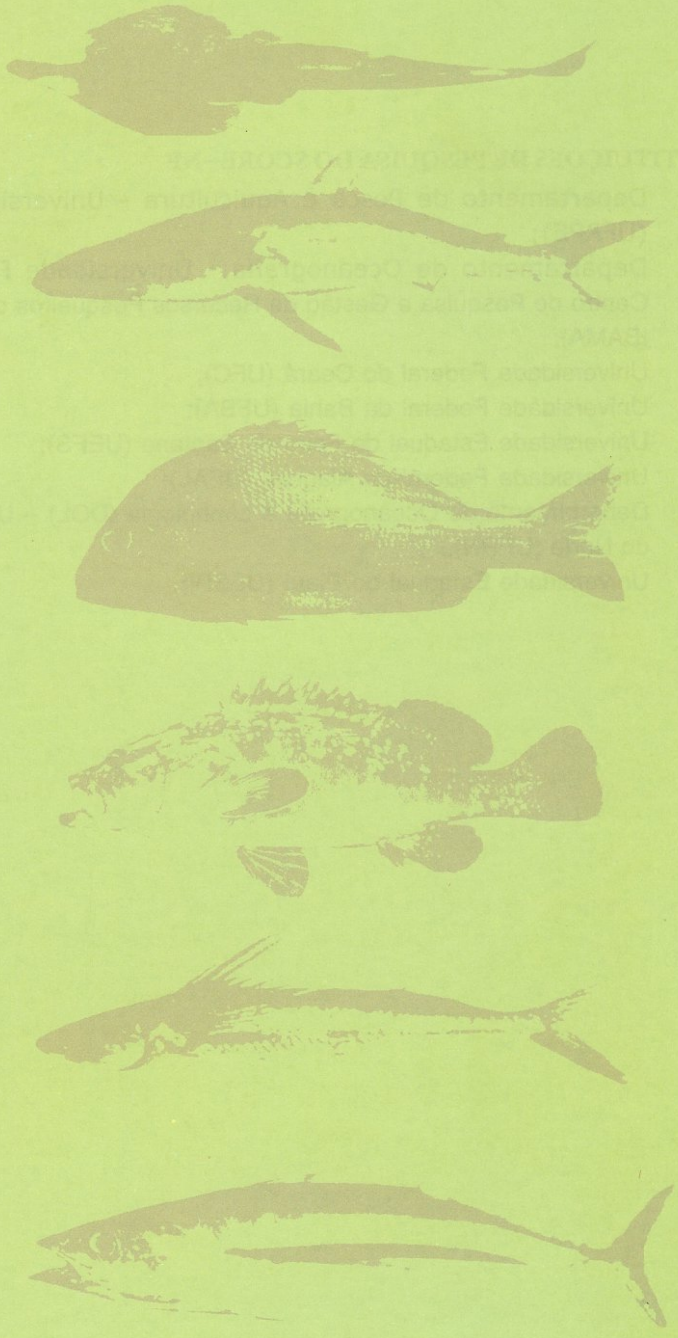


Peixes Marinhos da Região Nordeste do Brasil

Marcelo Francisco de Nóbrega
Rosângela Lessa
Francisco Marcante de Santana

PROGRAMA REVIZEE - SCORE NORDESTE

VOLUME 6



Peixes Marinhos da Região Nordeste do Brasil

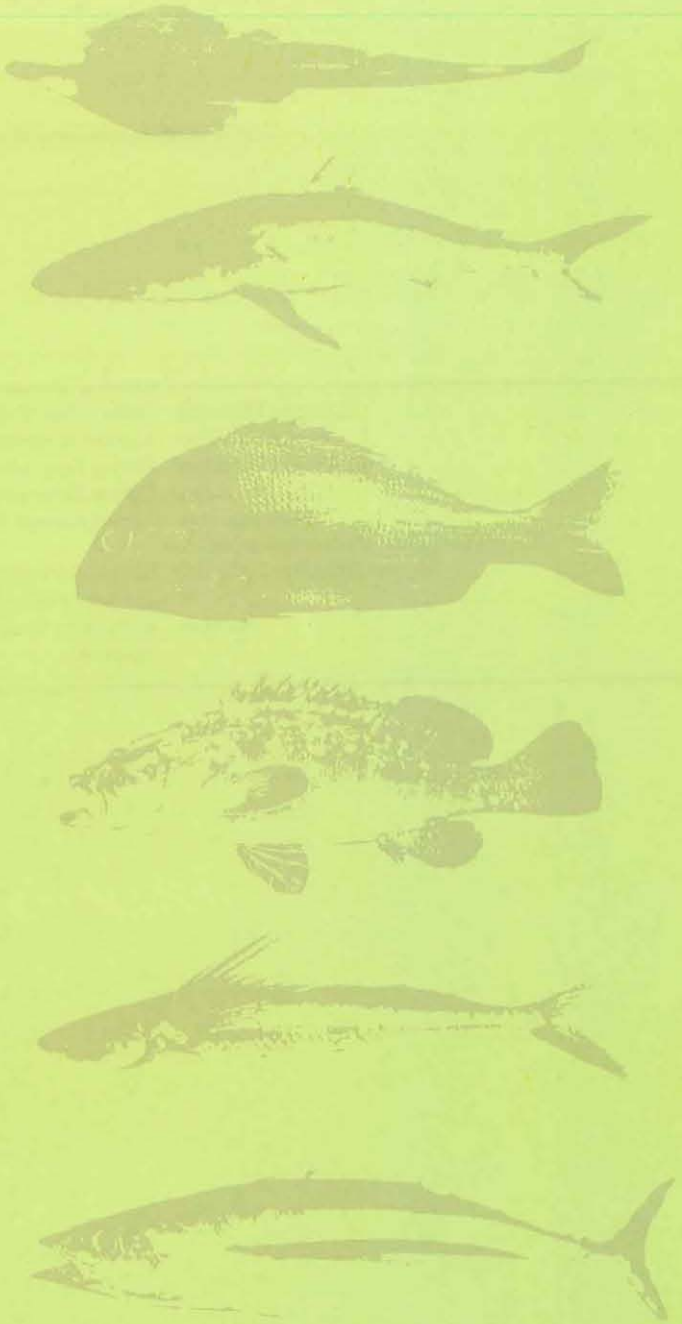
Marcelo Francisco de Nóbrega
Rosângela Lessa
Francisco Marcante de Santana

INSTITUIÇÕES DE PESQUISA DO SCORE–NE

Departamento de Pesca e Aquicultura - Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE);
Departamento de Oceanografia - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE);
Centro de Pesquisa e Gestão de Recursos Pesqueiros do Litoral Nordeste (CEPENE/ IBAMA);
Universidade Federal do Ceará (UFC);
Universidade Federal da Bahia (UFBA);
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS);
Universidade Federal de Alagoas (UFAL);
Departamento de Oceanografia e Limnologia (DOL) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);
Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

PROGRAMA REVIZEE - SCORE NORDESTE

VOLUME 6



Peixes Marinhos da Região Nordeste do Brasil

Marcelo Francisco de Nóbrega
Rosângela Lessa
Francisco Marcante de Santana

Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:	Fábio Hissa Vieira Hazin
Projeto Gráfico:	Márcio Magalhães
Editoração Eletrônica:	Femag Empreendimentos Editoriais Ltda
Capa:	Osmar Dourado e Mário Lúcio Alves
Revisão Geral:	Thales Ramon de Queiroz Bezerra
Revisão Técnica – Peixes Marinhos da Regiao Nordeste do Brasil:	Sílvio Jablonski, Carolus Maria Vooren, Maria Cristina Cergole, Flávia Lucena Fredóu, José Lima de Figueiredo
Autores:	Rosangela Lessa, Marcelo Francisco de Nóbrega, Francisco Marcante Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária:

Nóbrega, Marcelo Francisco de

Peixes Marinhos da Região Nordeste do Brasil./ Marcelo Francisco de Nóbrega, Rosangela Lessa, Francisco Marcante Santana;- Fortaleza: Editora Martins & Cordeiro, 2009. (Programa Revizee – Score Nordeste)
208p.; il.

ISBN 978-85-99121-15-3

1.Tecnologia (Ciências Aplicadas). I. Nóbrega, Marcelo Francisco de. II. Título

CDD 600

Índice para catálogo sistemático:

ANO 2009

Direitos reservados MARTINS & CORDEIRO Ltda
Rua Capitão Hugo Bezerra, 385 --Barroso
CEP.: 60.862-730 - Fortaleza – CE - Telefone: (85) 3474-5555.

SUMÁRIO

Resumo, *abstract* e palavras-chave 7
Introdução 9
Localidades de amostragem 10
Áreas de pesca 12
Embarcações 14
Artes de pesca 15
Peixes marinhos do Nordeste do Brasil 18
Índice das espécies 19
Peixes Cartilaginosos 27
Peixes Ósseos 48
Referências bibliográficas 192
Anexos 198

RESUMO, ABSTRACT E PALAVRAS-CHAVE

Resumo

Amostragens de desembarques das frotas artesanais (Piauí a Bahia), industrial (Natal-RN) e do Arquipélago de São Pedro e São Paulo foram realizadas, entre 1998 e 2000, como parte das atividades da Área de Dinâmica de Populações e Avaliação de Estoques do Programa REVIZEE/SCORE-NE. Um total de 2.998 desembarques, que correspondeu a 207,7 toneladas de peixes, constitui-se de 121.475 exemplares de 179 espécies, capturadas em 437 pesqueiros que distaram entre 1,37 e 94 km da costa. Desse total, 159 espécies de 47 famílias foram de peixes ósseos e 20 espécies de 7 famílias representaram os peixes cartilaginosos. Além daquelas informações, desembarques da pesca artesanal foram incluídas neste guia como informações sobre os recursos capturados durante as prospecções do REVIZEE com espinhel pelágico e de fundo. Deste modo, esse guia se constitui num amplo inventário dos recursos pesqueiros explorados na ZEE-Nordeste do Brasil.

Palavras-Chave – Brasil; região Nordeste; recursos pesqueiros; pesca artesanal; pesca industrial; Arquipélago de São Pedro-São Paulo; REVIZEE.

Abstract

Samplings of landings from artisanal fleets, (Piauí to Bahia, Brazil), industrial fleets (Natal-RN, Brazil) and the Saint Peter/Saint Paul Archipelago (Brazil) were performed between 1998 and 2000 as part of the activities of the Population Dynamics and Stock Assessment of the REVIZEE/SCORE-NE program. A total of 2,998 landings corresponded to 207.7 tons of fish, made up of 121,475 specimens from 179 species caught in 437 fisheries operating between 1.37 and 94 km from the coast. Of this total, 159 species from 47 families were bony fish and 20 species from 7 families were cartilaginous fish. Besides the landing information of the artisanal fishing, information was included on the resources captured during REVIZEE (Live Resources of the Exclusive Economic Zone) prospecting activities with pelagic longlines and bottom lines. Thus, the present study constitutes an ample inventory of the fishery resources exploited in the Exclusive Economic Zone of northeastern Brazil.

Key Words – Brazil; Northeastern Region; Fisheries Resources; Artisanal Fishing; Industrial Fishing; Saint Peter and Saint Paul Archipelago; REVIZEE.

INTRODUÇÃO

Marcelo Francisco de Nóbrega
Rosangela Lessa
Francisco Marcante Santana

A Zona Econômica Exclusiva (ZEE) constitui um conceito de espaço marítimo introduzido pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos do Mar (CONVEMAR), representando uma área que se estende desde o limite exterior do Mar Territorial, de 12 milhas náuticas (mn) de largura, até 200 mn da costa, perpendicularmente.

Em 1994, foi criado o Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE), que objetivou a realização do levantamento dos recursos marinhos e de seus potenciais sustentáveis, ao longo de toda a ZEE do Brasil. Esse programa contribuiu para o preenchimento de lacunas no conhecimento das potencialidades de exploração sustentável daqueles recursos, garantindo a obtenção, sistematização e divulgação das informações, para o reordenamento das pescarias nacionais, além do cumprimento das metas assumidas frente à comunidade internacional.

Visando a implementação operacional do Programa REVIZEE, a ZEE brasileira foi subdividida em quatro grandes regiões, de acordo com suas características oceanográficas, biológicas e tipo de substrato dominante: Costa Norte, Costa Nordeste; Costa Central e Costa Sul.

Na costa Nordeste, o Sub-Comitê Regional Nordeste (SCORE/NE) daquele Programa, estabeleceu espécies-alvo para as avaliações de estoques, tendo, como critério de escolha, sua abundância e importância sócio-econômica. Com apoio em uma intensa atividade de amostragem em 15 comunidades pesqueiras artesanais, distribuídas ao longo da região, foram desenvolvidos estudos das espécies-alvo demersais: Lutjanus analis, L. jocu, L. synagris, L. vivanus e O. chrysurus, além das espécies-alvo pelágicas: Coryphaena hippurus, Hirundichthys affinis, Scomberomorus brasiliensis e S. cavalla, que, somadas, representaram 40,6%, em peso, dos desembarques. Essa atividade acarretou o acompanhamento de desembarques da frota envolvida nas pescarias dessas espécies, o que levou a um amplo inventário da composição especifica daqueles desembarques, predominantemente multiespecíficos, e das características das operações de pesca.

Na região Nordeste do Brasil, a pesca artesanal marinha é desenvolvida por 510 comunidades, envolvendo diretamente 200.000 pessoas (IBAMA, 2002). As atividade de pesca empregam baixa tecnologia, predominando a pesca artesanal sobre a industrial. Na plataforma continental e regiões estuarinas, há predominância de embarcações de pequeno porte, em

sua maioria movidas à vela e com baixa autonomia, cuja produção contribuiu com cerca de 75% das capturas realizadas no Nordeste, no período de estudo. Essas embarcações atuam em áreas caracterizadas por uma elevada riqueza de espécies e baixas biomassas específicas, explicadas por condições oceanográficas e hidrológicas típicas das costas oeste dos continentes, no hemisfério sul (Lalli e Parsons, 1997). A predominância de águas quentes e a existência de uma termoclina permanente, ao longo de toda a ZEE-Nordeste, impedem a circulação vertical de massas d'água, dificultando o aporte de nutrientes de regiões mais profundas, o que determina a baixa produtividade primária e, consequentemente, a baixa abundância em todos os níveis tróficos da cadeia alimentar marinha.

Aquelas características determinam pontos de desembarques descentralizados na região Nordeste, o que levou necessidade de se organizar uma ampla rede de coleta de informações, ao longo de toda a região, de modo obter um 'retrato' fiel do setor pesqueiro e permitir o inventário dos recursos explotados pelas frotas artesanal e industrial. Para tanto, foi realizada, inicialmente, uma análise dos volumes do Boletim Estatístico da Pesca (ESTATPESCA) do IBAMA, de 1991 a 1997, a fim de identificar as localidades com maiores volumes de peixes desembarcados na região.

As amostragens de peixes eram realizadas diariamente em 15 localidades, distribuídas entre Parnaíba (PI) e Baía de Todos os Santos (BA). Foram, ainda, realizadas amostragens de desembarques da frota industrial e amostrados desembarques das embarcações que atuam no entorno de São Pedro-São Paulo e das diversas prospecções realizadas pelo SCORE-NE, no período de 1992 a 2000. Os dados assim coletados podem ser considerados como um divisor de águas para o conhecimento da diversidade da ictiofauna, considerando-se as espécies explotadas e as da fauna acompanhante.

Assim, a presente obra apresenta um inventário das espécies ocorrentes ao longo da ZEE do Nordeste do Brasil, contendo informações sobre áreas de ocorrência, áreas de pesca exploradas pela frota local, informações sobre as embarcações utilizadas e breves informações sobre as características das artes de pesca utilizadas. Informações mais abrangentes sobre esses dois últimos elementos da atividade pesqueira são amplamente detalhadas no volume "Dinâmica das Frotas Pesqueiras da Região Nordeste do Brasil: análise das principais pescarias" cuja consulta é sugerida.

Localidades de amostragem

As atividades de amostragem foram realizadas diariamente, durante os desembarques da frota artesanal – com propulsão a motor e à vela, que atuou com linhas de mão (fundo, corso e superfície), redes (de cerco, de emalhar e de emalhar para peixe-voador) e armadilhas para peixes (covos). Essas atividades consistiram na

identificação e mensuração (comprimentos e peso) de peixes ósseos e cartilaginosos, capturados ao longo da ZEE-Nordeste do Brasil.

Os locais de amostragens estiveram distribuídos nas seguintes localidades (Figura 1): Arembepe, na Bahia; Maceió, em Alagoas; São José da Coroa Grande, Tamandaré, Porto de Galinhas, Candeias, Recife, Pau Amarelo, Ilha de Itamaracá e Ponta de Pedras, em Pernambuco; Baía Formosa e Caiçara do Norte, no Rio Grande do Norte; Caponga, Camocim e Fortaleza, no Ceará. Incluíram-se, ainda, informações de Pedra do Sal e Praia dos Coqueiros, no Piauí, estas últimas restritas a poucos meses de amostragem. Ainda, amostragens foram realizadas junto à empresa de pesca Norte Pesca S/A, sediada em Natal (RN), bem como em embarcações que operam nas adjacências dos arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo (ASPSP, Programa PRO-ARQUIPÉLAGO), localizado a cerca de 1.000 km da costa do Rio Grande do Norte. As menores distâncias entre os pontos de desembarques e os pesqueiros foram registradas no litoral norte da Bahia (Arembepe), onde a plataforma continental é a mais estreita do Nordeste, enquanto nos estados do Piauí e Ceará se identificaram os pesqueiros mais distantes da costa, de toda a região, o que se pode explicar pela grande extensão de suas plataformas.

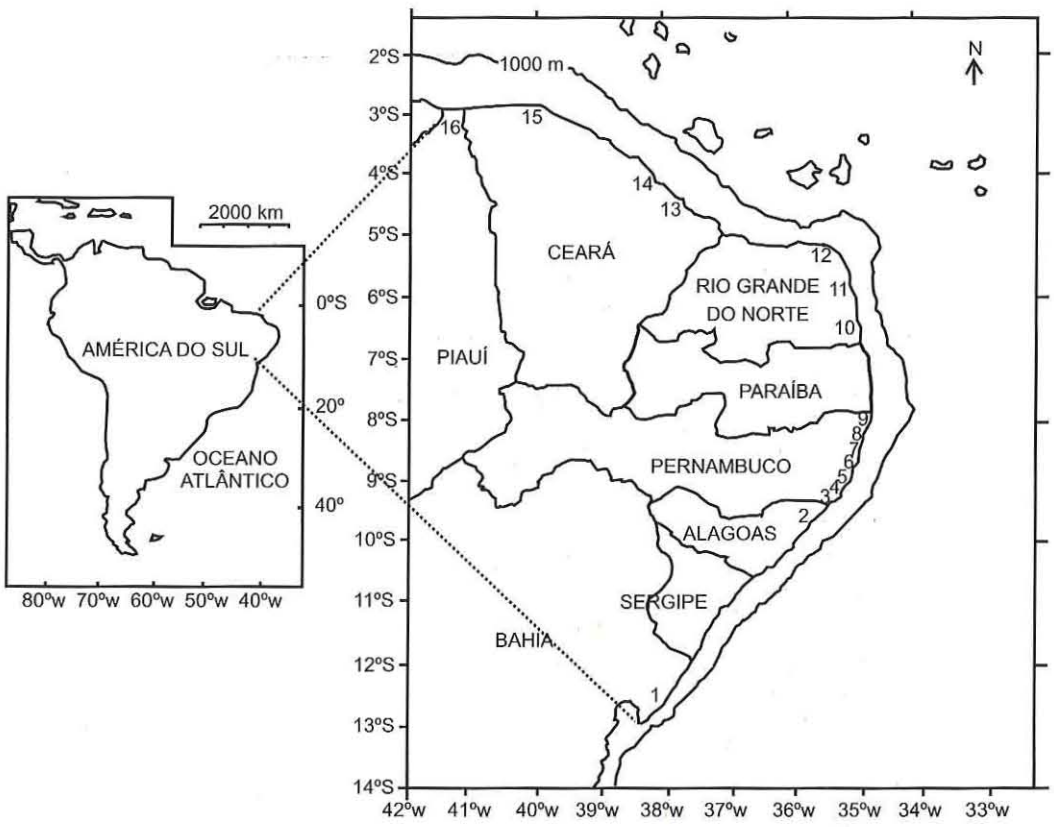


Figura 1 – Localidades de amostragens de desembarques da frota que opera com linha de mão, rede de emalhar e armadilha (covo) para peixe, entre 1997 e 2000: Arembepe (1); Maceió (2); São José da Coroa Grande (3); Tamandaré (4); Porto de Galinhas (5), Candeias (6); Recife e Olinda (7); Pau Amarelo (8); Itamaracá e Ponta de Pedras (9); Baía Formosa (10); Natal (11); Caiçara do Norte (12); Caponga (13); Fortaleza (14); Camocim (15); Cajueiro da Praia, Pedra do Sal e Praia dos Coqueiros (16).

Áreas de pesca

Informações sobre as pescarias, geralmente obtidas dos mestres das embarcações, no momento dos desembarques, permitiram identificar as áreas de pesca mais utilizadas pela frota pesqueira artesanal da região, além da profundidade de atuação, distância da costa e deslocamento das embarcações entre o porto e o pesqueiro. Um total de 437 áreas de pesca foi mapeado, cujas localizações pontuais estão apresentadas na figura 2.

No litoral norte da Bahia, onde a frota opera predominantemente com linha de mão (superfície e fundo), foram identificados 80 pesqueiros, com profundidades de 16 a 340 m e distância da costa entre 1,4 e 18,3 km. Nessa área, o deslocamento das embarcações variou de 1,7 a 116,1 km, com a frota alcançando, para o sul, 15 a 30 km de Salvador, e 109 km para o norte, atingindo 65 km de distância de Sergipe.

Em Alagoas, onde se empregam, principalmente, linhas de mão (superfície e fundo) na quebra da plataforma e talude continentais, foram mapeadas 59 áreas de pesca que apresentaram distâncias da costa entre 14,5 e 41,7 km e profundidades de 26 a 187 m. Os deslocamentos da frota ocorreram até o sul do estado, na divisa com Sergipe (103 km), e até São José da Coroa Grande (PE), para o norte (105 km).

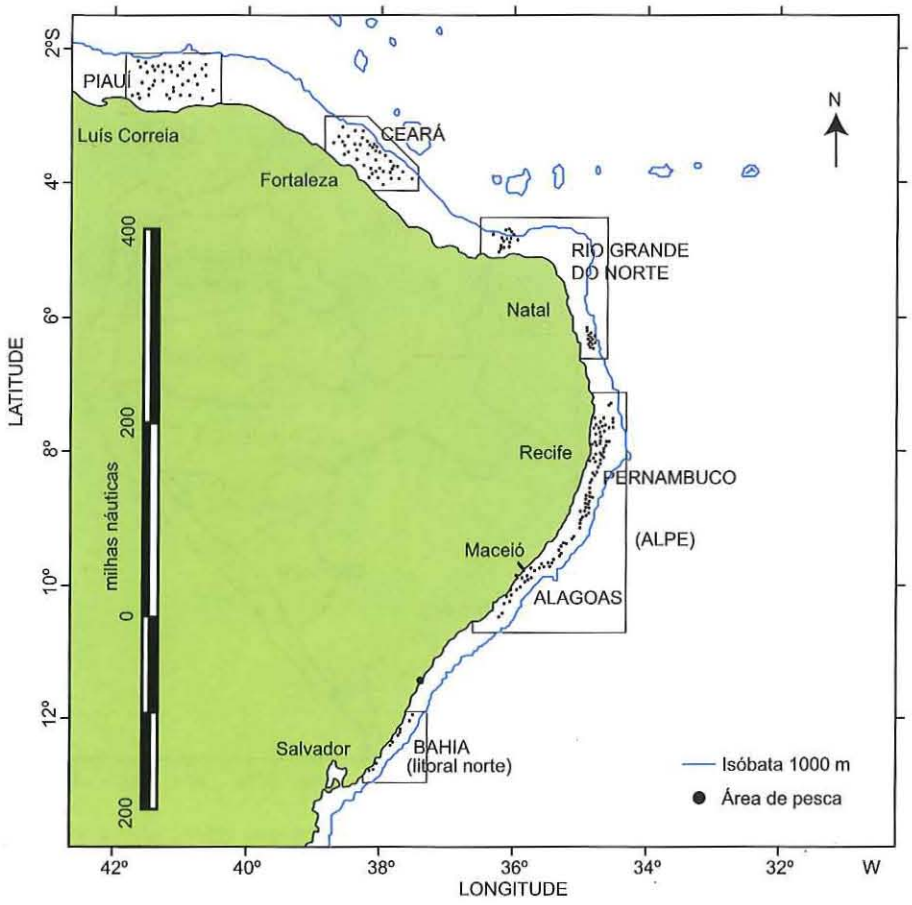


Figura 2 – Áreas de pesca identificadas nas atividades de amostragem, do litoral norte da Bahia à foz do rio Parnaíba (Piauí).

Em Pernambuco, uma diversificada frota pesqueira opera com linhas de mão (fundo e superfície), redes (emalhe e cerco) e armadilhas para peixes (covo), sobre 129 pesqueiros. A distância desses pesqueiros à costa variou de 2,5 a 43,8 km, com profundidades de 4 a 238 m e o deslocamento da frota esteve entre 13,5 e 108,8 km, ultrapassando a divisa com Alagoas, para o sul (103 km), e Paraíba, para o norte (82 km).

Em Baía Formosa e Caiçara do Norte (RN), conjuntamente, foram identificadas 67 áreas de pesca, com profundidades de 4 a 1.000 m (média de 126 m) e distâncias da costa entre 2,2 e 32,5 km (média de 17,4 km), desenvolvendo-se pescarias destinadas, em sua maioria, aos grandes peixes pelágicos, com o emprego de linhas de superfície na região oceânica. Em Caiçara do Norte, no entanto, há uma frota pesqueira artesanal, atuante de março a julho, direcionada ao peixe-voador-de-quatro-asas (*Hirundichthys affinis*), que é consumido a baixo custo pela população economicamente menos favorecida da região. É, também, utilizado como isca-viva na captura de grandes peixes pelágicos (atuns, dourados, espadarte e cavala-empinge). Na região oceânica, a operação da frota é facilitada pela pequena extensão da plataforma continental que margeia a costa setentrional do Rio Grande do Norte, onde, após percorrer cerca de 35 km, já atingem a zona oceânica. Entretanto, outras artes de pesca também são empregadas no estado, como redes de cerco direcionadas à agulhinha-preta, na zona costeira; redes de emalhar para capturar a serra (*Scomberomorus brasiliensis*), e linhas de fundo visando a captura de espécies de Lutjanidae e Serranidae. Nessas áreas, a frota se deslocou por distâncias entre 1,5 e 34,6 km (média 25,6 km), sem grandes deslocamentos para o norte ou sul do estado.

As 81 áreas de pesca identificadas no Ceará apresentaram profundidades de 4 a 220 m (média de 56 m) e distâncias da costa entre 6,5 e 94 km (média de 29,4 km), empregando-se, principalmente, redes de emalhar para serra (*S. brasiliensis*), cavala-branca (*S. cavalla*) e sardinha-laje (*Opisthonema oglinum*), bem como linhas de fundo, principalmente para espécies de Lutjanidae e Serranidae. A cavala-branca é um recurso extremamente abundante, capturada pela linha de superfície e fundo. A frota se deslocou dos portos de 8 a 111 km (média 28 km), por distâncias de até 80 km para o sul, a partir de Fortaleza, e que ultrapassaram o limite com o Piauí, ao norte. Assim, a frota acompanhada pelo SCORE/NE, no estado, foi composta totalmente por embarcações à vela, devido à exclusão dos barcos que capturam lagostas e daqueles que chegam a atuar no Maranhão e Pará, estados componentes de outro SCORE.

Apenas 21 pesqueiros foram identificados no Piauí, cuja frota, composta principalmente por canoas à vela, direciona-se à captura, com redes de emalhar, da serra, cavala-branca, bagres e algumas pescadas (cianídeos), muito abundantes naquele

estado. A profundidade das áreas de pesca variou de 4 a 56 m (média de 18 m), com distâncias de 6,9 a 70 km da costa (média de 25 km) e deslocamento entre 9,3 e 82 km (média de 32 km).

Embarcações

Diversos tipos e categorias de embarcações compõem a frota da região Nordeste, caracterizando-se por grandes diferenças entre os estados. As embarcações, cujos desembarques foram acompanhados, classificaram-se segundo o Boletim Estatístico da Pesca – ESTATPESCA (IBAMA, 2002). Descrições mais detalhadas das embarcações artesanais atuantes na ZEE-Nordeste do Brasil estão apresentadas no volume "Dinâmica das Frotas Pesqueiras do Nordeste do Brasil: análise das principais pescarias".

Bateira – embarcação sem casaria (cabine); convés fechado ou aberto; propulsão à vela; quilha com comprimento de até 6 m; pequena autonomia. Utilizada geralmente em pescarias estuarinas e próximas da costa.

Bote à vela – embarcação sem casaria (cabine); convés fechado; propulsão à vela; casco de madeira com quilha; comprimento do casco e tamanho da vela variando conforme localidade e estado. Também conhecido como "bote de casco" ou "bastardo", possui razoável autonomia (até 14 dias), principalmente no Rio Grande do Norte e Ceará, onde opera até a região oceânica.

Bote motorizado – embarcação com casaria alta; casco em forma de "V", formando uma "barriga" no centro do barco, o que induz uma borda livre menor, além de maiores comprimentos de boca e calado; "frade" colocado na proa para receber o mastro, posteriormente; comprimento variando de 8 a 11,4 m; motores de 1 a 4 cilindros e potência de 18 a 65 hp; até 11,6 TBA; tanques de combustível com capacidade de 20 a 400 litros. Apresenta maior autonomia de mar dentre todas as embarcações da região (até 21 dias), sendo responsáveis pelos desembarques mais expressivos da frota artesanal do nordeste.

Canoa – embarcação sem casaria, convés ou quilha; propulsão à vela ou remo; fundo chato; casco de madeira; comprimento variando entre 3 e 9 m. Conhecida também como "caíco", "curicaca", "patacho" ou "biana", são empregadas no estuário e zona costeira, apesar de haver registros de canoas à vela atuantes longe da costa (Piauí e Ceará), em pescarias de até 14 dias e deslocamentos aproximados de 100 km.

Jangada – embarcação sem casaria, convés ou quilha; casco chato de madeira, com comprimento de 4 a 6 m; propulsão à vela, remo ou vara; pequena autonomia (pescarias de ida-e-volta). Geralmente revestida com isopor na parte interior do casco, é chamada de "paquete" ou "catraia".

Lancha motorizada – embarcação com casaria no convés (proa ou popa) e quilha; casco de madeira, fibra de vidro ou alumínio. Classificada como pequena, média ou grande (até 15 m), é pouco utilizada pela frota artesanal da região.

Saveiro motorizado – embarcação casaria baixa; casco arredondado; mastro na proa para colocação de vela; borda livre maior; comprimento entre 7 e 9 m; motor de 1 a 4 cilindros e de 18 a 65 hp; TBA de 2,4 a 3,6; tanques de combustível com capacidade para 14 a 400 litros.

Frota industrial – embarcações com casco em ferro ou madeira; comprimento entre 15 e 20 m; autonomia de pesca maior que 30 dias; geralmente equipadas com motor de 6 cilindros, além de um motor de 3 cilindros para a refrigeração do pescado; capacidade de armazenamento de pescado entre 15 e 20 t.

Artes de pesca

Uma grande variedade de petrechos de pesca é utilizada na região Nordeste, conforme o local de atuação e as espécies-alvo das pescarias. As linhas de mão de fundo, meia-água e superfície são os aparelhos mais empregados, sendo responsáveis por aproximadamente 85% dos desembarques acompanhados. Também foram registrados três tipos de redes: de emalhar (geralmente de fundo), de cerco e para peixe-voador (emalhe de superfície). Além dessas artes, o covo para peixe, usado no passado na captura da lagosta, foi recentemente direcionado para capturar espécies de peixes demersais. Geralmente se emprega o puçá na captura do peixe-voador, durante a noite e com o auxílio de atração luminosa. Na seqüência, descrevem-se, resumidamente, as características gerais das artes de pesca mais comuns. A descrição detalhada dessas artes de pesca está apresentada no volume "Dinâmica das Frotas Pesqueiras do Nordeste do Brasil: análise das principais pescarias".

Rede de cerco – comprimento de 30 a 45 m; altura de 4 m no centro ("copo") e 1,5 m nas extremidades ("mangas"); malhas de 12 a 15 mm, entre-nós opostos; atuação na superfície, em profundidades de 4 a 12 m. Usada para cercar cardumes de espécies costeiras, são comumente empregadas "batidas" na água, no centro do cerco, para que os peixes se dirijam à rede e se emalhem mais facilmente. Em Pernambuco e Rio Grande do Norte, principalmente, são direcionadas à captura das agulhinhas branca e preta (*Hyporhamphus unifasciatus* e *Hemiramphus brasiliensis*). A fauna acompanhante, nas pescarias de cerco, compõe-se por espécies de agulhões da família Belonidae.

Rede de emalhar – comprimento de 800 a 3.600 m; altura de 2 m; malhas de 35 a 130 mm, entre-nós opostos; confecção em nylon monofilamento; atuação em profundidades de

4 a 60 m. Geralmente direcionada à captura da serra (*S. brasiliensis*), também é empregada na captura de cações, sardinhas e pescadas, por embarcações motorizadas e à vela, podendo operar fixas ao fundo ou à deriva. Nesta categoria se incluem todos os tipos de emalhes, como caçoeira, caceia, malhão, rede de espera e tainheira.

Rede para peixe-voador – comprimento de 9 m; altura de 1,5 m; malhas de 30 mm entre-nós opostos; com atuação na superfície, em profundidades de 600 a 1.000 m, operada na zona oceânica. Tem uma das extremidades fixa à embarcação, que permanece à deriva durante a operação de pesca; é empregada no Rio Grande do Norte para a captura do peixe-voador-de-quatro-asas (*H. affinis*), sendo localmente denominada de "caçoeira". Usada de abril a julho, época de reprodução do *H. affinis*.

Covo de Peixe – armadilha de fundo semi-fixa; formato hexagonal; confecção em madeira; revestimento com palhetas de "canabrava", tela de arame ou panagem plástica; atuação em profundidades de 12 a 60 m. Também conhecida como "manzuá para peixes", possui abertura em um dos lados ("sanga"), permitindo a entrada dos peixes. Esse petrecho é direcionado para espécies de peixes demersais de pequeno porte, principalmente o saramunete (*Pseudupeneus maculatus*). Na operação de pesca, são amarrados 20 covos, em média, por uma corda ("cangalha"), que permanecem por um dia no fundo e são rebocados para a embarcação, onde são despescados.

Linha de mão – Amplamente utilizada, essa arte de pesca é dividida em três categorias:

• *Superfície*: composta por linha principal de poliamida monofilamento (até duas por pescador), onde se fixam linhas secundárias (poliamida monofilamento), com menor diâmetro que a principal; geralmente afixado um anzol por linha secundária; atuação sobre profundidades de 26 a 1.000 m (média de 111 m). Empregada na captura de peixes pelágicos como atuns, cavala-empinge, cavala-branca e dourados, utiliza, principalmente, sardinhas, peixes-voadores (*Cypselurus cyanopterus* e *H. affinis*) e garapau (*Selar crumenophtalmus*), como isca.

• *Fundo*: possui linha principal de poliamida monofilamento, com lastro ("chumbada") preso na extremidade e distorcedor, quando presente, colocado no início e/ou final do arco (suporte fixo); de 1 a 3 anzóis por linha secundária, que podem estar dotadas de "estropo" (fio de aço). A linha de fundo deve ter comprimento adequado à profundidade do pesqueiro, que varia de 17 a 340 m (média 66 m). As espécies mais comuns capturadas pelas linhas de fundo pertencem às famílias Lutjanidae, Serranidae e Haemulidae. Sardinhas-laje (*O. oglinum*) e garapaus (*S. crumenophtalmus*) servem como isca. Nas operações de pesca com linha de mão, as linhas de fundo são utilizadas simultaneamente com as de superfície, com cada pescador operando uma linha de superfície e uma de fundo.

• *Corrico ou corso*: confeccionado em poliamida monofilamento, compõe-se de, até, sete linhas de mesmo diâmetro, cada uma com um anzol, sem chumbada, que são arrastadas pela embarcação durante os deslocamentos entre pesqueiros e ao redor deles. Com atuação em áreas de profundidades de 26 a 1.000 m, semelhante às linhas de mão de superfície, também é direcionado às mesmas espécies. Devido à dificuldade de separação do pescado entre as linhas de mão de superfície e os corricos, no momento dos desembarques, as duas modalidades são registradas como "linhas de superfície".

Espinhel pelágico – consiste numa linha principal (mestre) de *nylon* monofilamento, com comprimento entre 10 e 100 km, dividida em seções, denominadas de "samburás", que correspondem a seqüências de linhas secundárias (5 a 6), delimitadas por bóias. As linhas secundárias, também de *nylon* monofilamento e de menor diâmetro que a principal, são dotadas de estropo, distorcedor e anzol, um por linha. É utilizado pela frota industrial operante na região oceânica da ZEE-Nordeste, incluindo o ASPSP. Também é comum o uso de atratores luminosos do tipo "*light stick*", um por linha secundária, para atrair o predador da isca que, normalmente, corresponde a lulas (*Ilex argentinus*), armazenadas congeladas. Captura, principalmente, atuns, agulhões, dourados e tubarões.

As amostras

Nas amostragens realizadas pelo SCORE/NE, foram registrados 2.998 desembarques de 975 embarcações, que totalizaram 207,7 t de peixes ósseos e cartilaginosos. Foram amostrados 121.475 espécimes de peixes, pertencentes a 179 espécies de 54 famílias (Anexo I) das quais 159 espécies de 47 famílias correspondem a peixes ósseos e 20 espécies de 7 famílias a peixes cartilaginosos, enquanto 16 gêneros não foram passíveis de identificação ao nível de espécie. Neste volume, constam 144 espécies de 42 famílias de peixes ósseos, e 21 espécies de 10 famílias de peixes cartilaginosos. A identificação e caracterização das espécies, aqui apresentadas, basearam-se em Nelson (1994), Compagno (1984), Figueiredo e Menezes (1978, 80, 85), Fischer (1978), Menni *et al.* (1994), Garrick (1982), Carvalho-Filho (1999), sendo dispostas em ordem alfabética, ao longo do volume.

Aqui se apresentam os nomes científicos e vulgares; as características morfológicas externas; as medidas morfométricas (comprimentos total, C_t; comprimento zoológico, C_z; largura do disco, L_d; figura 3) mínima, média e máxima; *habitat* e hábito; área de captura; importância comercial; frota e arte de pesca direcionada. No entanto, apesar de permitir o reconhecimento visual das espécies, este trabalho não substitui o uso da literatura de sistemática ictiológica. Informações detalhadas sobre a biologia populacional, avaliação dos estoques das espécies-alvo, importância econômica e ecológica, são apresentadas no volume "Dinâmica de Populações e Avaliação dos Estoques dos Recursos Pesqueiros da Região Nordeste".

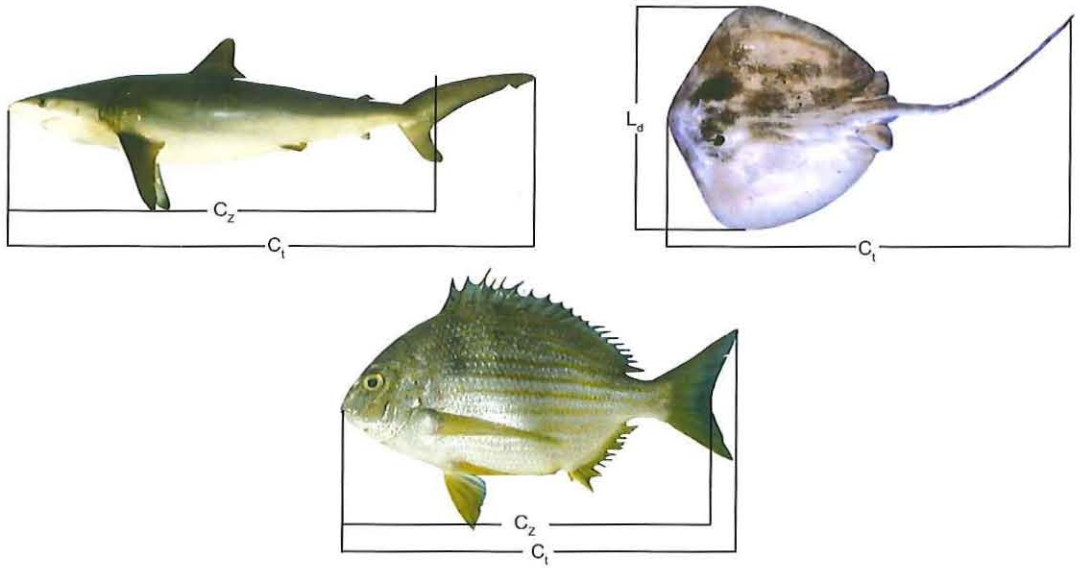


Figura 3 – Medidas morfométricas mensuradas nas amostragens do SCORE-NE/REVIZEE, onde: C_z – comprimento zoológico; C_t – comprimento total; L_d – largura do disco.

Índice das espécies

Peixes Cartilaginosos (Elasmobrânquios) ...27

Família Alopiidae

Alopias superciliosus 27

Família Carcharhinidae

Carcharhinus acronotus 28

Carcharhinus falciformis.....29

Carcharhinus leucas 30

Carcharhinus longimanus.....31

Carcharhinus porosus 32

Carcharhinus signatus.....33

Galeocerdo cuvieri 34

Prionace glauca 35

Rhizoprionodon porosus 36

Família Dasyatidae

Dasyatis americana 37

Dasyatis guttata.....38

Pteroplatytrygon violacea 39

Família Ginglymostomatidae

Ginglymostoma cirratum 40

Família Lamnidae

Isurus oxyrinchus 41

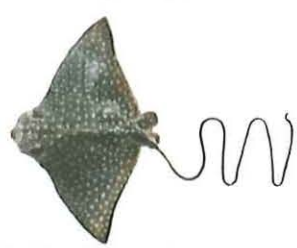
Família Mobulidae

Manta birostris 42

Família Myliobatidae

Aetobatus narinari.....43

Rhinoptera bonasus 44



Família Rhinobatidae

Rhinobatos percellens 45

Família Sphyrnidae

Sphyrna lewini 46

Família Squalidae

Cirrhigaleus asper 47

Peixes Ósseos (Teleósteos) 48

Família Acanthuridae

Acanthurus bahianus 48

Acanthurus chirurgus 49

Família Albulidae

Albula vulpes 50

Família Alepisauridae

Alepisaurus ferox 51

Família Ariidae

Aspistor parkeri 52

Aspistor quadriscutis 53

Bagre marinus 54

Genidens genidens 55

Sciades proops 56

Família Atherinidae

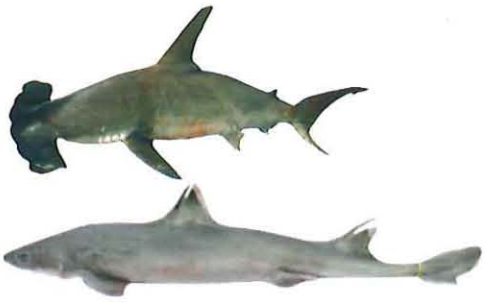
Atherinella brasiliensis 57

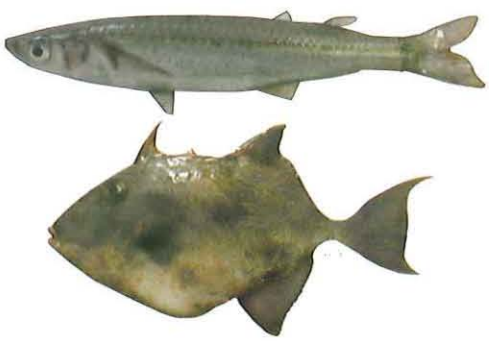
Família Balistidae

Balistes capriscus 58

Balistes vetula 59

Melichthys niger 60





Família Belonidae

Ablennes hians 61
Strongylura marina 62
Tylosurus acus 63

Família Bothidae

Bothus ocellatus 64

Família Carangidae

Alectis ciliaris 65
Caranx bartholomaei 66
Caranx crysos 67
Caranx ruber 68
Caranx hippos 69
Caranx latus 70
Caranx lugubris 71
Chloroscombrus chrysurus 72
Elagatis bipinnulatus 73
Oligoplites palometa 74
Oligoplites saliens 75
Selar crumenophthalmus 76
Selene setapinnis 77
Selene spixii 78
Selene vomer 79
Seriola dumerili 80
Seriola rivoliana 81
Trachinotus carolinus 82
Trachinotus falcatus 83
Uraspis secunda 84

Família Centropomidae

Centropomus parallelus 85
Centropomus undecimalis 86

Família Chaetodontidae

Chaetodon striatus 87

Família Clupeidae

Opisthonema oglinum 88

Família Coryphaenidae

Coryphaena equiselis 89

Coryphaena hippurus 90

Família Elopidae

Elops saurus 91

Família Ephippidae

Chaetodipterus faber 92

Família Exocoetidae

Cypselurus cyanopterus 93

Hirundichthys affinis 94

Família Gempylidae

Gempylus serpens 95

Lepidocybium flavobrunneum 96

Ruvettus pretiosus 97

Família Gerreidae

Diapterus rhombeus 98

Eugerres brasilianus 99

Família Haemulidae

Anisotremus surinamensis 100

Anisotremus virginicus 101

Conodon nobilis 102

Genyatremus luteus 103

Haemulon aurolineatum 104

Haemulon chrysargyreum 105
Haemulon melanurum 106
Haemulon parrai 107
Haemulon plumieri 108
Pomadasys corvinaeformis 109

Família Hemiramphidae
Hemiramphus brasiliensis 110
Hyporhamphus unifasciatus 111

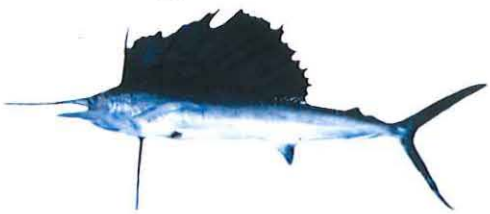
Família Holocentridae
Holocentrus ascensionis 112
Myripristis jacobus 113

Família Istiophoridae
Istiophorus albicans 114
Makaira nigricans 115
Tetrapturus albidus 116
Tetrapturus pfluegeri 117

Família Labridae
Bodianus rufus 118
Halichoeres radiatus 119

Família Lobotidae
Lobotes surinamensis 120

Família Lutjanidae
Etelis oculatus 121
Lutjanus analis 122
Lutjanus apodus 123
Lutjanus buccanella 124
Lutjanus cyanopterus 125
Lutjanus griseus 126
Lutjanus jocu 127
Lutjanus purpureus 128



Lutjanus synagris 129
Lutjanus vivanus 130
Ocyurus chrysurus 131
Rhomboplites aurorubens 132

Família Malacanthidae
Malacanthus plumieri 133

Família Megalopidae
Megalops atlanticus 134

Família Mugilidae
Mugil curema 135

Família Mullidae
Mulloidichthys martinicus 136
Pseudupeneus maculatus 137

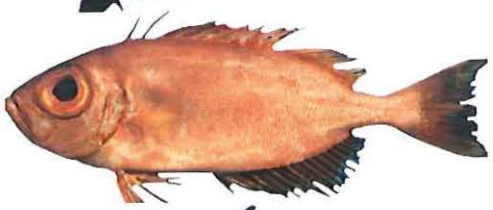
Família Paralichthyidae
Syacium papillosum 138

Família Pomacanthidae
Holacanthus ciliaris 139
Pomacanthus paru 140

Família Pomacentridae
Abudefduf saxatilis 141

Família Priacanthidae
Priacanthus arenatus 142

Família Rachycentridae
Rachycentron canadum 143



Família Scaridae

Scarus coeruleus 144
Sparisoma chrysopterum 145
Sparisoma rubripinne 146
Sparisoma viride 147

Família Sciaenidae

Cynoscion acoupa 148
Cynoscion jamaicensis 149
Cynoscion leiarchus 150
Cynoscion virescens 151
Larimus breviceps 152
Macrodon ancylodon 153
Menticirrhus americanus 154
Micropogonias furnieri 155
Stellifer rastrifer 156

Família Scombridae

Acanthocybium solandri 157
Auxis thazard 158
Euthynnus alletteratus 159
Katsuwonus pelamis 160
Scomberomorus brasilliensis 161
Scomberomorus cavalla 162
Scomberomorus regalis 163
Thunnus alalunga 164
Thunnus albacares 165
Thunnus atlanticus 166
Thunnus obesus 167

Família Serranidae

Alphestes afer 168
Cephalopholis fulva 169
Diplectrum formosum 170
Epinephelus adscensionis 171

Epinephelus itajara 172
Epinephelus marginatus 173
Epinephelus morio 174
Epinephelus mystacinus 175
Epinephelus nigritus 176
Epinephelus niveatus 177
Mycteroperca bonaci 178
Mycteroperca interstitialis 179
Mycteroperca tigris 180
Mycteroperca venenosa 181
Paranthias furcifer 182

Família Sparidae

Archosargus probatocephalus 183
Archosargus rhomboidalis 184
Calamus penna 185
Calamus pennatula 186

Família Sphyraenidae

Sphyraena barracuda 187
Sphyraena guachancho 188
Sphyraena picudilla 189

Família Trichiuridae

Trichiurus lepturus 190

Família Xiphiidae

Xiphias gladius 191

ALOPIAS SUPERCILIOSUS (LOWE, 1840)

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-raposa-de-olho-grande (BRA); Bigeye thresher (ING); Renard gros yeux (FRA); Zorro ojón (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie pelágica e costeira de águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos. Habita as camadas epipelágica e mesopelágica. É capturada na ZEE-Nordeste do Brasil pela frota de espinhel pelágico e nas adjacências do ASPSP. Possui baixo valor comercial, mas suas nadadeiras são comercializadas no mercado asiático.

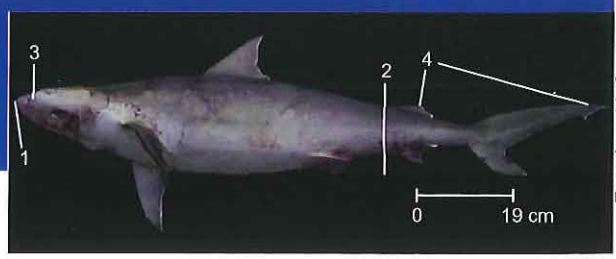
■ *Tamanho*

Os exemplares capturados apresentaram comprimento de 300 cm C_t, em média.

■ *Características*

Nadadeira caudal longa (1), do mesmo comprimento do corpo. Olhos grandes (2), com um entalhe dorso-lateral bem marcado acima da cabeça (3). Cor marrom-acinzentada no dorso, com tonalidade mais clara na região ventral.

CARCHARHINUS ACRONOTUS (POEY, 1860)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-flamengo (BRA); Blacknose shark (ING); Requin nez noir (FRA); Tiburón amarillo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se na costa oeste do Atlântico desde a Carolina do Norte (EUA) até o sul do Brasil. Nas amostragens do REVIZEE no nordeste, apresentou as maiores freqüências nos desembarques dos estados do Ceará (50%) e Pernambuco (33,3%); baixa ocorrência foi verificada no norte da Bahia (8,3%) e no Rio Grande do Norte (8,3%). Capturado entre 16 e 43 m de profundidade com igual proporção para as capturas com linha de fundo (50%) e rede de emalhar (50%). A presença da espécie nos desembarques da frota artesanal da região Nordeste foi pequena, totalizando apenas 0,010% dos exemplares registrados. Apesar da baixa ocorrência, sua carne tem boa qualidade e possui razoável valor, sendo comercializada com o nome de cação.

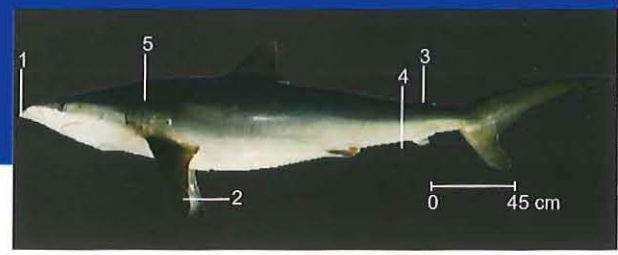
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha – 55,6 e 84 cm C_z (média de 67,6 cm) e de rede – 38,2 a 70 cm C_z (média de 56,5 cm).

■ *Características*

Apresenta uma mancha escura (preta) na ponta do focinho (1), que fica mais clara à medida que o indivíduo cresce; origem da segunda nadadeira dorsal coincidindo com a origem da anal (2); focinho moderadamente longo e arredondado (3); coloração cinza clara, com tonalidade bege, podendo apresentar manchas escuras nas extremidades da segunda nadadeira dorsal e lobo superior da caudal (4).

CARCHARHINUS FALCIFORMIS (BIBRON, 1839)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-lombo-preto (BRA); Silk shark (ING); Requin soyeux (FRA); Tiburón jaquetón (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie costeira insular e de águas oceânicas, circuntropical; no oceano Atlântico ocidental ocorre desde Massachusetts (EUA) até o sul do Brasil. Na região Nordeste, os exemplares registrados foram desembarcados no Ceará (50%) e Rio Grande do Norte (50%), capturados pela linha de fundo. Na pesca artesanal, as capturas são raras e representaram apenas 0,002%, sendo realizadas entre as profundidades de 48 e 120 m. Embora não apresente pesca dirigida, é comumente capturada por barcos industriais espinheleiros como *by-catch*. Foi também registrada nas prospecções com espinhel pelágico do REVIZEE no nordeste, capturado entre 98 e 160 m. Possui carne saborosa e razoável valor comercial. As nadadeiras são comercializadas no mercado asiático.

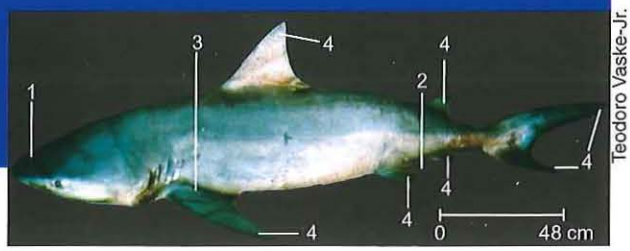
■ *Tamanho*

Comprimento entre 124 e 150 cm C_z (média de 137 cm).

■ *Características*

Apresenta corpo alongado, com focinho moderadamente longo (1); região ventral da nadadeira peitoral tem manchas negras nas pontas (2); segunda nadadeira dorsal é pequena, com margem livre comprida (3); origem da segunda nadadeira dorsal coincidindo com a origem da anal (4); coloração cinza escura ou marrom acinzentado (5).

CARCHARHINUS LEUCAS (VALENCIENNES, 1839)



■ *Nomes vulgares*

Tubarão-cabeça-chata (BRA); Bull shark (ING); Requin taureau (FRA); Tiburón sarda (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie circuntropical, ocorre no oceano Atlântico oriental, Indo-Pacífico e Pacifco oriental; no oceano Atlântico ocidental, ocorre desde a Carolina do Norte (EUA) até o sudeste do Brasil. Espécie costeira, muitas vezes é encontrada em profundidades menores que 10 m; comum em águas salobras, penetra em rios por muitos quilômetros, podendo se adaptar à água doce. Relatos de exemplares capturados no Rio Amazonas, a 3.480 km de distância do mar, são comuns. Apenas um exemplar foi registrado no norte da Bahia, capturado pela linha de fundo em profundidade de 39 m, em uma área de pesca distante 13,94 km da costa. Os espécimes são raros nos desembarques da frota artesanal da região Nordeste. A essa espécie se atribuem, a partir do ano de 1994, ataques a banhistas e surfistas na região metropolitana do Recife. Sua carne é comercializada com o nome de cação, possui bom valor comercial, prinipalmente no mercado de nadadeiras exportadas para a Ásia.

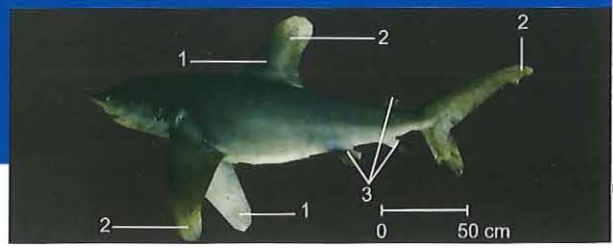
■ *Tamanho*

Comprimento de 120 cm C_z.

■ *Características*

Coloração cinza azulada no dorso e laterais do corpo, passando gradualmente a branco na região ventral. Caracteriza-se por ter o rostro muito curto (1), largo e arredondado. O espaço entre as nadadeiras dorsais é liso, desprovido de quilha dérmica. A segunda nadadeira dorsal é consideravelmente menor que a primeira e sua origem está situada antes da nadadeira anal (2). A origem da primeira nadadeira dorsal localiza-se no ponto de inserção ou axila da nadadeira peitoral (3). Exemplares jovens apresentam os extremos de todas as nadadeiras mais escuros que o resto do corpo (4).

CARCHARHINUS LONGIMANUS (POEY, 1861)



■ *Nomes vulgares*

Tubarão-estrangeiro (BRA); Oceanic whitetip shark (ING); Requin océanique (FRA); Tiburón oceânico (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie tipicamente oceânica epipelágica, distribui-se em águas tropicais e temperadas em todo mundo. No oceano Atlântico ocidental, ocorre do Maine (EUA) a Argentina. Capturas dessa espécie foram raras (0,001%) e ocorreram nos desembarques da frota de linha de mão do norte da Bahia, operando em uma profundidade de 66 m. Espécie muito frequente nas capturas da prospeção com espinhel pelágico do REVIZEE, sendo capturada entre 57 e 217 m de profundidade (média de 105 m). Embarcações da frota industrial que operam com espinhel pelágico e desembarcam na Empresa Norte Pesca, em Natal, capturam esse recurso com frequência. Raramente encontrado no comércio de pescado da região Nordeste, apesar de apresentar bom valor comercial. Suas nadadeiras são exportadas para o mercado asiático.

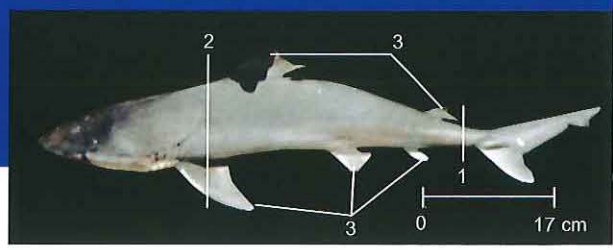
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 116 cm C_z e nas de espinhel: 59 a 179 cm C_z (média de 134,3 cm).

■ *Características*

Nadadeiras peitorais e primeira dorsal com pontas arredondadas (1); pontas das nadadeiras peitorais, primeira nadadeira dorsal e lobo superior da caudal com manchas brancas (2); nadadeiras pélvicas, anal e segunda dorsal com pontas negras (3); focinho curto e arredondado; coloração marrom com tons acinzentados no dorso e claro no ventre.

CARCHARHINUS POROSUS (RANZANI, 1839)



Rosângela P. Lessa

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-azeiteiro (BRA); Smalltail shark (ENG); Requin tiqueue (FRA); Tiburón poroso (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se na costa oeste do Atlântico, desde o norte do Golfo do México até o sul do Brasil, com exceção das ilhas do Caribe; na costa leste do Pacífico, ocorre do Golfo da Califórnia até o Peru. No nordeste, foi raro nas amostragens, apresentando apenas um exemplar registrado em Pernambuco, proveniente da frota de linha de mão, capturado em profundidade de 36 m. Possui baixo valor comercial.

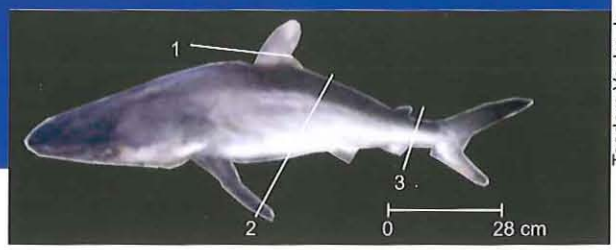
■ *Tamanho*

Comprimento de 100 cm C_z.

■ *Características*

Única espécie do gênero com a segunda nadadeira dorsal atrás da nadadeira anal (1); focinho relativamente longo e afilado; origem da primeira nadadeira dorsal sobre a margem interna da nadadeira peitoral (2); coloração cinza no dorso e branca no ventre; pontas das nadadeiras um pouco mais escurecidas do que o restante do corpo (3).

CARCHARHINUS SIGNATUS (POEY, 1868)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-toninha (BRA); Night shark (ING); Requin de nuit (FRA); Tiburón nocturno (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre do nordeste dos Estados Unidos até o sudeste do Brasil. Espécie pelágica oceânica, habita a região de quebra da plataforma continental e bancos oceânicos, capturada com frequência na superfície, principalmente à noite. Recurso explorado pela frota industrial de espinhel pelágico do nordeste, nos bancos oceânicos localizados em frente aos estados do Rio Grande do Norte e Ceará. Frequente na prospecção com espinhel pelágico do Programa REVIZEE, é capturada entre 60 e 216 m (média de 216 m). Apresenta bom valor comercial, principalmente as nadadeiras, que são comercializadas no mercado asiático.

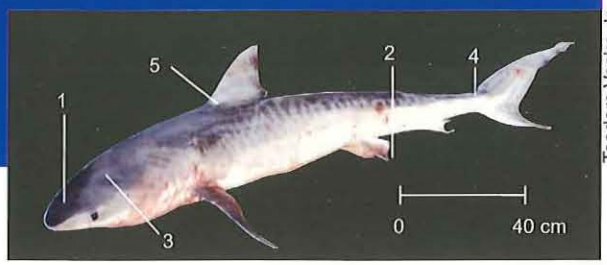
■ *Tamanho*

Comprimento de 90 a 227 cm C_z, com média de 153,9 cm.

■ *Características*

Apresenta primeira nadadeira dorsal baixa (1); focinho muito longo e moderadamente afilado; origem da primeira nadadeira dorsal situada sobre a axila da nadadeira peitoral (2); origem da segunda nadadeira dorsal coincidindo com a origem da anal (3); coloração variando entre o cinza e o castanho no dorso e mais claro no ventre.

GALEOCERDO CUVIER
(PERON E LESUEUR, 1822)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-tigre, tintureira (BRA); Tiger shark (ING); Requin tigre common (FRA); Tintorera (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Apresenta distribuição circuntropical, em mares tropicais e temperados; na costa oeste do Atlântico, ocorre de Massachusetts (EUA) até o Uruguai, incluindo Golfo do México e Ilhas do Caribe. Habita regiões costeiras, sendo mais comumente encontrada em áreas com profundidades entre 40 e 140 m. A captura dessa espécie é rara na pesca artesanal, onde foi registrado apenas um exemplar, desembarcado pela frota que operou com linha de mão no Ceará. Pouco frequente também nas capturas da prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE no nordeste, sendo capturada entre 60 e 144 m de profundidade.

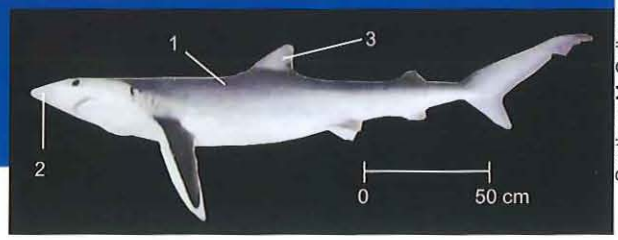
■ *Tamanho*

Linha – 72 cm C_z; espinhel – 156 a 195 cm C_z.

■ *Características*

Possui focinho chato (1); origem da segunda nadadeira dorsal à frente da nadadeira anal (2); presença de espiráculos logo atrás dos olhos (3); quilha no pedúnculo caudal (4); coloração cinza formada por pintas e estrias escuras quando jovem, tendendo a se tornarem listras que vão perdendo a cor quanto maior o tamanho (5), variando entre o cinza e o castanho no dorso e mais claro no ventre.

PRIONACE GLAUCA (LINNAEUS, 1758)



Santiago M. Quijano

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-azul (BRA); Blue shark (ING); Peau bleu (FRA); Tiburón azul (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie oceânica de ocorrência em águas tropicais e temperadas; no oceano Atlântico ocidental, ocorre da Terra Nova (Canadá) até a Argentina. A captura desse tubarão é rara na pesca artesanal da região Nordeste, devido à sua característica oceânica, onde a frota artesanal possui limitações para operar; foi registrada no sul de Pernambuco (Tamandaré), capturada pela linha de mão. É muito abundante nas pescarias da frota industrial que opera com espinhel pelágico na região. Foi à espécie mais frequente nas prospecções com espinhel pelágico do REVIZEE, no nordeste, capturada entre profundidades de 56 e 264 m (média de 122 m). Sua carne possui valor comercial e suas nadadeiras são comercializadas no mercado asiático.

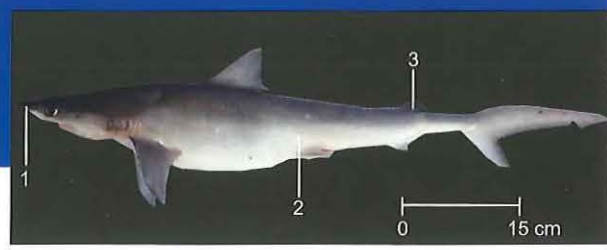
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 190 cm C_z e nas de espinhel: 63,5 a 247 cm C_z (média de 200 cm).

■ *Características*

O corpo é colorido de um azul intenso (1); focinho muito longo (2), com um corpo bastante delgado; primeira nadadeira dorsal mais próxima da nadadeira pélvica do que das peitorais (3).

RHIZOPRIONODON POROSUS (POEY, 1861)



■ *Nomes vulgares*

Tubarão-rabo-seco (BRA); Caribbean sharpnose shark (ING); Requin aiguille antillais (FRA); Cazón picudo antillano (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde Cuba e Bahamas (EUA) até o Uruguai. Essa foi à espécie de elasmobrânquio mais frequente nas amostragens do REVIZEE na região Nordeste, representando 0,411% do total registrado. Espécimes foram verificados, principalmente, nos desembarques do norte da Bahia (86,5%) e, em menor escala, no Ceará (9%), Alagoas e Pernambuco (2,6%) e Piauí (1,9%). A frota que operou com rede de emalhar de espera contribuiu com a maioria dos exemplares amostrados (97,6%) e a linha de mão apresentou capturas pouco expressivas (2,4%). Sua captura ocorreu entre profundidades de 14 e 43 m, em áreas que apresentaram distâncias da costa de 3,73 a 20,55 km. Como R. lalandii, é capturado na pesca direcionada à outras espécies, entretanto, possui bom valor comercial, sendo a espécie de tubarão mais frequente no mercado de pescados da região Nordeste.

■ *Tamanho*

Nas capturas de rede: 26,8 a 100,5 cm C_z (média de 65 cm) e nas de linha: 29 a 62,5 cm C_z (média de 46,2 cm).

■ *Características*

Corpo mais robusto do que *R. lalandii*; focinho arredondado (1); coloração cinza clara ou escura, sem tonalidades metálicas (2), as vezes, com algumas pintas brancas nos flancos; margem posterior da segunda nadadeira dorsal enegrecida (3); sulcos labiais maiores do que o de *R. lalandii*.

DASYATIS AMERICANA (HILDEBRAND E SCHROEDER, 1928)

André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Raia-manteiga (BRA); Southern stingray (ING); Pastenague américaine (FRA); Raya látigo americana (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, desde Nova Jersey (EUA) até o sudeste do Brasil, incluindo todas as áreas costeiras do Caribe e Golfo do México. Habita águas neríticas da plataforma continental, bem como áreas insulares oceânicas com arrecifes de coral. No estado do Ceará, foi amostrado o maior número de exemplares (89,6%), sendo menos frequente no norte da Bahia (10,4%). A linha contribuiu com a maior parte das capturas (80%) e o restante foi desembarcado por rede de emalhar (20%). As capturas foram realizadas em áreas que apresentaram distâncias da costa entre 2,45 e 21,30 km, com profundidaddes que variaram de 17 a 60 m (média de 41 m). Foi à espécie de raia mais abundante nas amostragens, representando 2% (4,2 t) do total registrado na região. Sua carne é de excelente sabor e razoável valor comercial.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 47,2 a 181 cm L_d (média de 134 cm) e nas de rede: 25 a 222 cm L_d (média de 130,7 cm).

■ *Características*

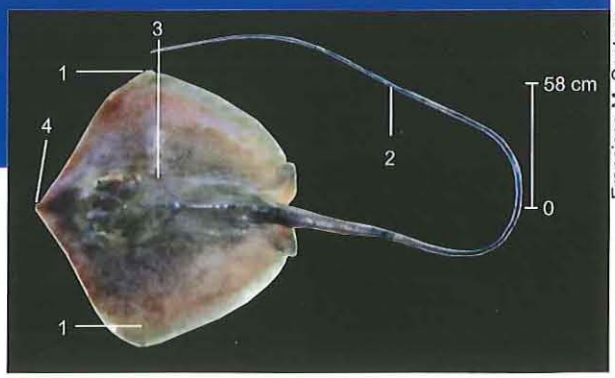
Apresenta coloração de marrom esverdeado a cinza, dependendo da cor do substrato sobre onde descansa e a transparência da água. Superfície ventral do disco branco, bordeado de cinza. De *D. guttata,* diferencia-se por seu focinho não se sobressair ao disco (1), cauda de menor comprimento e por não ter espinhos na cauda. Lados da parte anterior da cauda cinza ou esbranquiçado.

Peixes Cartilaginosos

Família Dasyatidae

Dasyatis guttata

(Bloch e Schneider, 1801)



■ ***Nomes vulgares***

Raia-lixa (BRA); Longnose stingray (ING); Pastenague longnez (FRA); Raya látigo hocicono (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

distribui-se desde o Golfo do México até Santos, incluindo áreas costeiras do Mar do Caribe, continental e insular. Espécie costeira encontrada em fundos de areia, cascalho e lama, com hábitos bênticos. No nordeste do Brasil, foram amostrados 21 exemplares, sendo 20 no norte da Bahia e 1 no Ceará, todos provenientes da frota de linha de fundo. As profundidades de captura variaram de 17 a 60 m (média de 35 m). Sua carne é bastante apreciada, porém, apresenta baixo valor comercial.

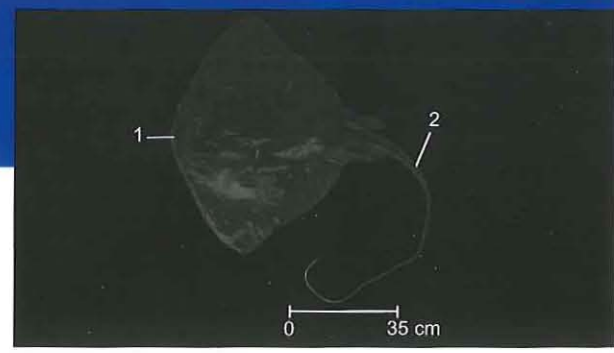
■ ***Tamanho***

L_d variou de 46 a 98 cm, com média de 62,45 cm.

■ ***Características***

Parte dorsal do disco marrom escuro uniforme, com borda das nadadeiras peitorais mais claras (1). Cauda muito longa e fina (2). Faixa de espinhos evidente no dorso (3). Focinho evidente (4). Apresenta prega dérmica ventral e crista dorsal da cauda negra. Distingue-se de *D. americana*, que é a espécie mais parecida, por ter o rostro mais proeminente e uma faixa longitudinal larga de pequenos tubérculos na parte média da superfície dorsal.

PTEROPLATYTRYGON VIOLACEA (BONAPARTE, 1832)



■ *Nomes vulgares*

Raia-roxa (BRA); Pelagic stingray (ENG).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie pelágica oceânica, distribui-se em todos os oceanos temperados e tropicais, encontrada, geralmente, entre 50 e 200 m de profundidade. É capturada, incidentalmente, pela frota industrial que opera na ZEE-Nordeste do Brasil, com espinhel pelágico para atuns e afins. Foi registrada com frequência nas capturas da prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE. A profundidade de captura variou de 60 a 224 m, com média de 129 m. É também capturada, ocasionalmente, com espinhel ao redor das ilhas do ASPSP. Não tem importância comercial.

■ *Tamanho*

Comprimento de 87 a 101 cm L_d.

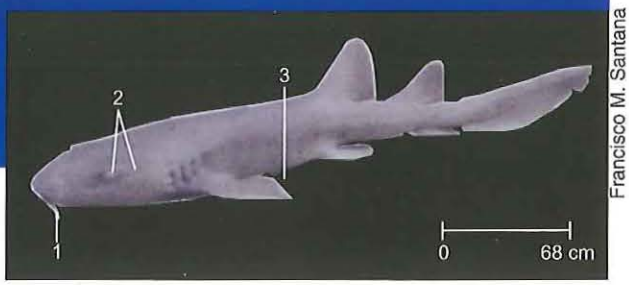
■ *Características*

Dorso com coloração marrom escuro uniforme ou marrom violáceo; superfície ventral marrom uniforme, ligeiramente mais claro que o dorso, com cauda negra. O perfil anterior da cabeça não é pontiagudo, como nas outras espécies do gênero, sendo quase horizontalmente reto (1). Apresenta espinho longo na nadadeira caudal (2).

Peixes Cartilaginosos

Família Ginglymostomatidae

Ginglymostoma cirratum (Bonnaterre, 1783)



Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Tubarão-lixa (BRA); Nurse shark (ING); Requin nourrice (FRA); Gata nodriza (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se na costa oeste do Atlântico, desde Rhode-Island (EUA) até o sul do Brasil, incluindo Golfo do México e Caribe; na costa leste do Atlântico, nas Ilhas Cabo Verde, Senegal, Camarão até o Gabão; ainda na costa leste do Pacífico, no sul da baixa Califórnia, Gofo da Califórnia até o Peru. Espécie costeira bentônica, sendo mais comum entre 15 e 50 m de profundidade. No nordeste do Brasil, foi registrada com maior frequência nos desembarques do Ceará (61,5%) e menor no norte da Bahia (23,1%), Piauí (11,5%) e Alagoas e Pernambuco (3,8%). A linha de fundo foi o aparelho predominante nas capturas (91,3%), seguido da rede de emalhar de espera (4,3%) e armadilhas (currais), onde apresentaram baixa ocorrência. As capturas ocorreram entre 15 e 60 m de profundidade. Representou apenas 0,021% dos exemplares amostrados, sendo capturada incidentalmente. Não possui valor comercial.

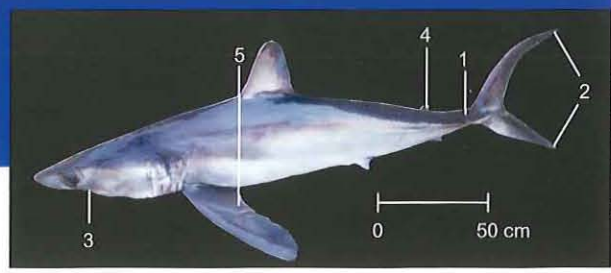
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 78,5 a 221 cm C_t (média de 129,9 cm); nas de armadilhas: média de 73 cm C_t; e nas de rede: média de 150 cm C_t.

■ ***Características***

Presença de barbilhões em frente às narinas e à boca (1); olhos muito pequenos, presença de espiráculo atrás de cada olho (2); ausência do lobo inferior da nadadeira caudal; origem da primeira nadadeira dorsal coincidindo com a origem da nadadeira pélvica (3); coloração castanha.

ISURUS OXYRINCHUS (RAFINESQUE, 1810)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-cavala, anequim (BRA); Shortfin mako (ENG); Taupe bleu (FRA); Marrajo dientuso (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie de águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos. Capturada pela frota industrial de espinhel pelágico na área oceânica da ZEE-Nordeste, nas prospecções com espinhel pelágico do Programa REVIZEE e nas adjacências do ASPSP. As profundidades de captura variaram de 70 a 170 m. A carne tem importância comercial e as nadadeiras são vendidas para o mercado asiático.

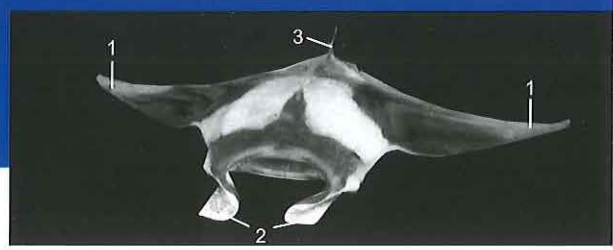
■ *Tamanho*

Na captura de espinhel: 51,5 a 225 cm C_z, com média de 160 cm.

■ *Características*

Corpo robusto, focinho afilado. Cor predominantemente azul escuro no dorso e branca no ventre. Presença de grandes quilhas laterais no pedúnculo caudal (1); nadadeira caudal em formato de lua, com lobos quase do mesmo tamanho (2); dentes proeminentes (3); segunda nadadeira dorsal muito pequena (4); origem da primeira nadadeira dorsal coincidindo com o fim da nadadeira peitoral (5).

MANTA BIROSTRIS (DONNDORFF, 1798)



Leandro Yokota

■ ***Nomes vulgares***

Raia-manta (BRA); Devil ray (ING); Manta voladora (ESP); Mante géante (FRA).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Espécie cincuntropical, no oceano Atlântico ocidental se distribui das Bermudas e Carolina do Norte (EUA) até o sudeste do Brasil. Habita regiões oceânicas, sendo epipelágica. Entretanto, aproximam-se da costa nos meses quentes do ano. No nordeste brasileiro, apenas dois exemplares foram registrados em um desembarque da frota de rede de emalhar no Piauí, capturados em uma profundidade de 17 m. Não possui valor comercial.

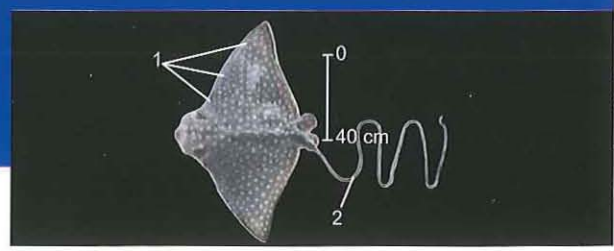
■ ***Tamanho***

Comprimento de 197 a 236 cm L_d.

■ ***Características***

Possui coloração marrom escuro no dorso e branca na região inferior. Nadadeiras peitorais largas e pontiagudas (1). Apresenta duas projeções cefálicas anteriores (2), uma de cada lado do rostro, dirigidas para frente e para baixo. Possui uma nadadeira dorsal (3). A espécie atinge um enorme tamanho, chegando a quase 7 m de envergadura e peso aproximado de 1.800 kg.

AETOBATUS NARINARI (EUPHRASEN, 1790)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Raia-pintada (BRA); Spotted eagle ray (ING); Chucho pintado (ESP); Aigle de mer léopard (FRA).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Aparentemente cosmopolita, distribui-se em águas tropicais e temperadas de todo o mundo; no oceano Atlântico ocidental, ocorre desde a Baía de Chesapeake (EUA) e Bermuda até Santos, incluindo o norte do Golfo do México e toda a área do Mar do Caribe. Espécie costeira, prefere águas limpas, sendo comum em zonas insulares e arrecifes de corais, raramente distante da costa. Nada próxima da superfície e realiza grandes saltos fora da água. Apenas seis exemplares foram amostrados na região Nordeste do Brasil, provenientes da frota de rede de emalhar, sendo dois exemplares no Ceará e quatro no Piauí. As profundidades de captura variaram de 8 a 18 m. Apresenta baixo valor comercial.

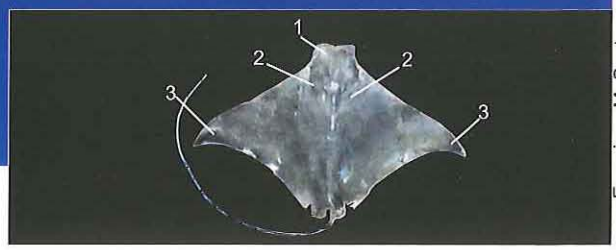
■ *Tamanho*

Comprimentos de 18 a 77 cm L_d, com média de 43,54 cm.

■ *Características*

Coloração escura com pequenas manchas brancas (1). Possui uma longa cauda, com a parte superior negra. Superfície ventral do disco e nadadeiras pélvicas brancas.

RHINOPTERA BONASUS (MITCHILL, 1815)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Raia-ticonha, arraia gaveta (BRA); Cownose ray (ING); Mourine américaine, mancha (FRA).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, desde o nordeste dos Estados Unidos, Golfo do México até o sul do Brasil. Espécie pelágica de águas superficiais, é também observada em estuários. Foram registrados apenas doze exemplares desembarcados pela frota de rede de emalhar, sendo dez no Ceará e dois no Piauí. As capturas foram realizadas entre 6 e 22 m de profundidade. Possui baixo valor comercial.

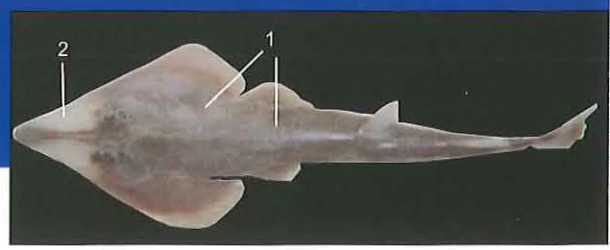
■ *Tamanho*

Comprimento de 25 a 94,4 cm L_d, com média de 61,4 cm.

■ *Características*

Possui cabeça pequena (1). É uma espécie que tem profundamente fundido o lóbulo subrostral das nadadeiras peitorais (2), formando dois lóbulos separados com um aspecto característico. As nadadeiras peitorais são longas e pontiagudas. Coloração castanha a esverdeada na superfície superior, sem manchas nem marcas, com superfície inferior branca ou amarelada.

RHINOBATOS PERCELLENS (WALBAUM, 1792)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Raia-viola (BRA); Chola guitarfish (ING); Poisson-guitare chola (FRA); Guitarra chola (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde o Caribe até o norte da Argentina. Habita fundos de areia ou lama, até, aproximadamente, 20 m de profundidade, penetrando ocasionalmente em lagoas litorais hipersalinas. Apenas seis exemplares foram amostrados, provenientes da frota de rede de emalhar, sendo três no norte da Bahia, dois no Ceará e um no Piauí. As capturas variaram entre 4 e 22 m de profundidade. Não possui valor comercial.

■ *Tamanho*

Comprimento de 41,6 a 61 cm C_t, com média de 54,3 cm.

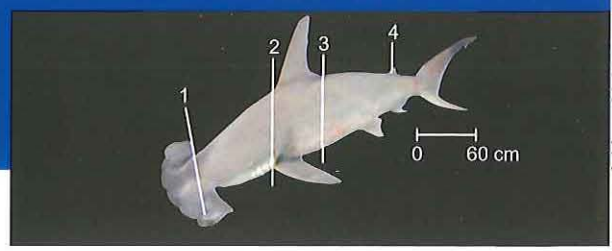
■ *Características*

Apresenta coloração marrom claro uniforme. Esta espécie é muito similar a *R. lentiginosus*, diferenciando-se por apresentar menor número de manchas redondas brancas (1) e dispostas simetricamente a cada lado da linha média de dorsal. Essas manchas variam consideravelmente sua densidade de um exemplar para outro. Focinho longo e translúcido (2). Ventre branco amarelado.

Peixes Cartilaginosos

Família Sphyrnidae

Sphyrna lewini
(Cuvier, Giffith e Smith, 1834)



Adriane M. V. Mota

■ ***Nomes vulgares***

Tubarão-martelo; panã (BRA); Scalloped hammerhead (ING); Requin marteau halicorne (FRA); Cornuda común (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Espécie cosmopolita em mares tropicais, subtropicais e temperados. No oceano Atlântico ocidental, ocorre do nordeste dos Estados Unidos até o sul do Brasil. Espécie oceânica, exemplares jovens podem ser encontrados em áreas próximas da costa. Apenas seis exemplares foram registrados nos desembarques do nordeste, sendo dois da frota de linha de fundo, no norte da Bahia, e quatro exemplares provenientes da frota de rede de emalhar, no Piauí. Exemplares amostrados da frota de linha foram capturados em 48 m de profundidade, enquanto a frota de rede operou em profundidades de 12 a 30 m. É capturado ocasionalmente com espinhel nas adjacências do ASPSP. Possui importância comercial, sendo comercializado como cação.

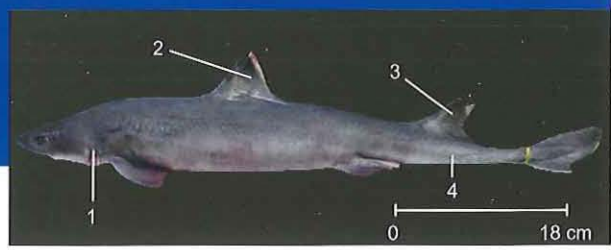
■ ***Tamanho***

Linha – 87 e 178 cm C_t; rede – 45,6 a 57 cm C_t (média de 50,5 cm).

■ ***Características***

Facilmente identificada pelo formato característico da cabeça, expandida lateralmente, com aspecto de um martelo (1); presença de um entalhe mediano na margem anterior da cabeça; presença de sulco nasal interno bem desenvolvido; origem da primeira nadadeira dorsal situada sobre ou pouco posterior à axila da nadadeira peitoral (2), com prolongamento posterior terminando anteriormente a nadadeira pélvica (3); segunda nadadeira dorsal menor que a anal, iniciando-se depois desta (4); coloração cinza ou castanha.

CIRRHIGALEUS ASPER (MERRETT, 1973)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Tubarão-prego (BRA); Roughskin spurdog (ING); Aiguillat à peau rugueuse (FRA); Galludo raspa (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, da Carolina do Norte, Golfo do México até o sudeste do Brasil. Habita o talude da plataforma continental e de ilhas, geralmente abaixo dos 100 m de profundidade. No nordeste do Brasil, foi registrada nos cruzeiros de prospecção com espinhel de fundo, entre profundidades de 100 e 600 m. Não possui valor comercial no Brasil. Uma indústria de medicamentos Japonesa (ANEW) utiliza o óleo do fígado de tubarões desse gênero para a fabricação de medicamentos que auxiliam no tratamento contra doenças respiratórias e cardíacas. Outras espécies desse gênero ocorrem no talude da região Nordeste do Brasil, mas ainda existem dificuldades a respeito da correta identificação dessas espécies.

■ *Tamanho*

C_t máximo de 98 cm, média de 68 cm.

■ *Características*

Coloração cinza escuro ou marrom no dorso e ventre mais claro. As nadadeiras possuem uma margem terminal branca. Apresenta o corpo robusto e delgado, mas geralmente pouco comprimido. Possui cinco fendas braquiais (1); primeira nadadeira dorsal (2) e segunda (3) precedidas de um espinho, sendo a segunda nadadeira dorsal tão larga quanto à primeira; não apresenta nadadeira anal (4).

Peixes Ósseos

Família Acanthuridae

Acanthurus bahianus
(Castelnau, 1855)

Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Caraúna (BRA); Ocean surgeon (ING); Chirurgien marron (FRA); Navajón pardo (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, desde o nordeste dos Estados Unidos e Bermuda (Caribe) até o Rio de Janeiro. Habita áreas rochosas e coralinas, até 35 m de profundidade, aproximadamente, caracterizando-se como uma espécie costeira. A ocorrência dessa espécie, na região Nordeste do Brasil, restringiu-se aos desembarques da frota de linha de mão de fundo do Ceará, atuando entre 4 e 16 m de profundidade. A espécie compõe, atualmente, as capturas da frota de covos para peixe que atua no litoral norte de Pernambuco. É exportada por empresas de pesca do Recife (PE), mas possui baixo valor comercial. Recurso pouco abundante na região, representando apenas 0,001% dos exemplares amostrados.

■ ***Tamanho***

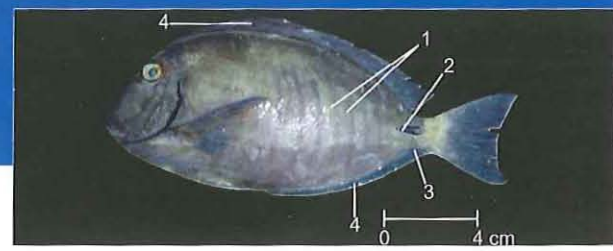
C_z de 21 a 28,7 cm, com média de 23,2 cm.

■ ***Características***

D.IX, 23-26; A.III, 21-23; R.20-22. Corpo ovalado, mais baixo que em *A. coeruleus*; nadadeira caudal lunada; coloração bege, oliva, azul ou marrom, com estrias escuras verticais; larga faixa branca (1), próxima ao espinho do pedúnculo caudal (2); nadadeira caudal com margem posterior branca ou azul; margens das nadadeiras dorsal e anal azuis (3); nadadeira dorsal contínua e com linhas alternadas, laranjas e azuis (3).

FAMÍLIA ACANTHURIDAE

ACANTHURUS CHIRURGUS (BLOCH, 1787)



Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Caraúna (BRA); Doctorfish (ING); Chirurgien docteur (FRA); Navajón cirujano (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre na costa oeste do Atlântico, do nordeste dos Estados Unidos e Bermuda (Caribe) até o Rio de Janeiro. Habita águas claras, sobre fundos rochosos ou coralinos, até 40 m de profundidade, aproximadamente. No nordeste brasileiro, foi registrada nos desembarques da frota de linha de fundo do Ceará. As capturas ocorreram em profundidades de 8 a 30 m. Possui baixo valor comercial e é geralmente negociada na forma de "caíco", isto é, vendida com outras espécies de pequeno porte e de baixo valor comercial. Como *A. bahianus*, é capturada, atualmente, pela frota de covos para peixe, em Pernambuco. Apresentou baixa freqüência nas amostragens (0,006%).

■ ***Tamanho***

C_z entre 22,5 e 25,5 cm, com média de 23,6 cm.

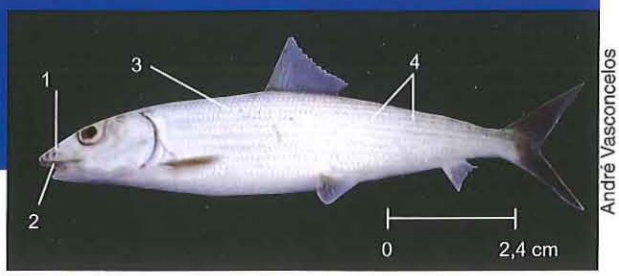
■ ***Características***

D.IX, 24-25; A.III, 22-23; P.16-17; R.16-19. Coloração bege a marrom-escuro, com cerca de 10 faixas escuras no flanco, bem evidentes (1); pedúnculo caudal possui um espinho (2), sendo mais claro que o resto do corpo (3); nadadeiras dorsal e anal muito escuras, com margens azuis (4); caudal tem a margem externa finamente marginada de claro.

Peixes Ósseos

Família Albulidae

Albula vulpes (Linnaeus, 1758)



■ ***Nomes vulgares***

Ubarana-focinho-de-rato (BRA); Bonefish (ING); Banane de mer (FRA); Macabí (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Espécie circuntropical, no oceano Atlântico ocidental, ocorre da Carolina do Norte (USA) até o Rio de janeiro. Habita fundos de areia, coralinos e de lama, até, aproximadamente, 60 m de profundidade. Foi frequente nos desembarques da frota de rede de emalhar no Rio Grande do Norte (89,2%); no norte da Bahia ocorreu nos desembarques das frotas de linha de fundo (2,34%) e rede de emalhar (7,54%); no Ceará foi raramente amostrada nos desembarques da frota de linha de fundo (0,92%). A profundidade de captura variou de 17 a 60 m, com média de 37 m, em pesqueiros que apresentaram uma distância média da costa de 8,38 km. Possui pequeno valor comercial e foi pouco frequente nos desembarques, representando apenas 0,022% dos exemplares amostrados em todo o Nordeste.

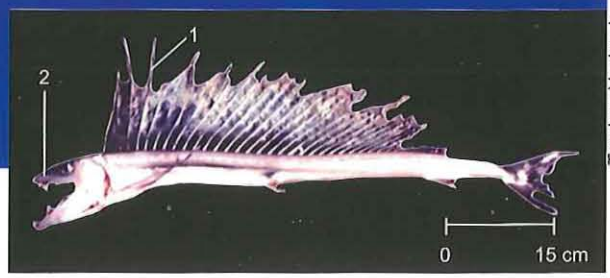
■ ***Tamanho***

O comprimento variou de 21,3 a 53,5 cm C_z, com média de 33,7 cm.

■ ***Características***

D.17-19; A.8-9; Pv.9; P.18-19; R.13-14. Focinho cônico, pontiagudo (1); boca inferior e pequena (2), mandíbula superior não alcança o olho. Apresenta coloração azul-esverdeada (3), com linhas horizontais escuras (4); nadadeiras não possuem espinhos. Nadadeira anal situada sob a metade posterior da dorsal. Jovens com dupla série de manchas negras no dorso, desaparecendo na fase adulta.

ALEPISAURUS FEROX (LOWE, 1833)



■ *Nomes vulgares*

Espada-preta-vela (BRA); Lancetfish (ING).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre em todos os oceanos do mundo, em áreas tropicais, subtropicais e árticas. Peixe pelágico oceânico, com características epipelágica e mesopelágica, sendo capturado até 1.000 m de profundidade. Na região Nordeste do Brasil, é capturado incidentalmente pela frota industrial que opera na região oceânica com espinhel pelágico para atuns e afins, sendo também registrados nas prospecções do SCORE/NE com o mesmo aparelho de pesca, entre profundidades de 63 e 252 m, com média de 163 m. Eventualmente, são também capturados com espinhel pelágico nas adjacências do Arquipélago de São Pedro e São Paulo. Não possui valor comercial, provavelmente devido ao grande número de espinhos e carne pouco apreciada.

■ *Tamanho*

Comprimento de 50 a 115 C_z, com média de 86,4 cm.

■ *Características*

D.30-45; A.13-18; V.47-52. Corpo cilíndrico, alongado, nadadeira dorsal alta ao longo de quase todo o corpo com três raios livres (1); boca grande, dentes palatinos proeminentes (2); olhos grandes. Coloração escura no dorso, passando a prateada no ventre, com nadadeiras marrom-escuro ou negras.

ASPISTOR PARKERI
(MARCENIUK, 2005)

Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Bagre-ariaçú (BRA); Gillbacker sea catfish (ING); Mâchoiron jaune (FRA); Bagre amarillo (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde as Guianas até o sudeste do Brasil. Comumente encontrada em águas estuarinas em áreas de mangues, geralmente em fundos de lama, pode penetrar em água doce. Os exemplares amostrados foram capturados por rede de emalhar no Ceará, em profundidades de 6 a 18 m. Carne de bom sabor e razoável valor comercial.

■ ***Tamanho***

Comprimento de 18 a 50 cm C_z, com média de 27,6 cm.

■ ***Características***

D.I, 7; A.21-22; P.I, 11. A Coloração amarela dos animais vivos ou recém-capturados é bastante característica, com ventre esbranquiçado. Cabeça achatada anteriormente (1). A forma da placa pré-dorsal é muito distintiva (2), entretanto, varia muito com a idade. Nadadeiras peitorais, pélvicas e anal acinzentadas.

Peixes Ósseos

Família Ariidae

Aspistor quadriscutis (Valenciennes, 1840)

Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Cangatan (BRA); Bressou sea catfish (ING); Mâchoiron bressou (FRA); Bagre bresú (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

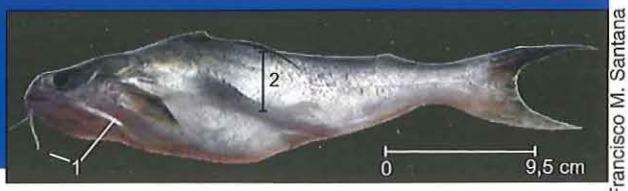
A espécie se distribui no oceano Atlântico ocidental, das Guianas até o nordeste do Brasil. Habita águas turvas, sobre fundos enlameados em áreas costeiras rasas e também estuários. Foram amostrados 123 indivíduos no Piauí (94,6%) e apenas 7 exemplares no Ceará (5,4%). A rede de emalhar capturou a maior parte dos exemplares (92,3%), contra apenas 7,7% da linha de fundo. A frota atuou entre profundidades de 4 e 22 m. Sua carne é de bom sabor, mas apresenta baixo valor comecial na região Nordeste.

■ ***Tamanho***

Capturas de rede – 16,7 a 69,5 cm C_z (média de 31,2 cm); capturas de linha – 26 a 57,5 cm C_z (média de 34,3 cm).

■ ***Características***

D.I, 7; A.19-22; P.I, 10-11. Coloração cinza-claro, sendo amarela ou marrom-acinzentada quando fresco; ventre mais claro. Todas as nadadeiras são cinzas, com extremidades mais escuras. Como nas outras espécies da família, a forma da placa pré-dorsal é importante para a identificação da espécie (1). Os barbillhões maxilares são relativamente mais compridos em jovens e ultrapassam a origem das nadadeiras peitorais (2); nos grandes exemplares, alcança apenas a borda opercular.



Francisco M. Santana

BAGRE MARINUS
(MITCHILL, 1815)

■ *Nomes vulgares*

Bagre-branco (BRA); Gafftopsail sea catfish (ING); Mâchoiron antenne (FRA); Bagre bandera (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, de Massachusetts até o sul do Brasil. Habita fundos rasos de lama, até, aproximadamente, 50 m de profundidade. Apesar de ser encontrada em águas estuarinas, é a espécie da família mais estritamente marinha. A grande parte dos exemplares amostrados na região Nordeste foi capturada no estado do Piauí, sendo apenas 5 indivíduos identificados no Ceará. A frota de rede de emalhar contribuiu com a maior parte dos desembarques (93,2%) e a linha de fundo foi responsável por 6,8% das capturas. As capturas foram realizadas em profundidades entre 2 e 32,5 m, com média de 11 m. Possui razoável importância comercial.

■ *Tamanho*

Capturas de rede: 16,8 a 50 cm C_z, média de 30 cm; capturas de linha: 40 a 49 cm C_z, média de 46 cm.

■ *Características*

D.I, 7; A.22-25; P.I, 12. Apresenta coloração cinza-azulada no dorso e parte superior dos lados do corpo, com ventre esbranquiçado. Metade inferior das nadadeiras peitorais de cor cinza. Nadadeiras pélvica, anal e caudal com pigmentação escura. Filamentos da nadadeira dorsal e das peitorais são negros. A presença de apenas um par de barbilhões (1) distingue facilmente a espécie dos demais gêneros da família Ariidae. De *Bagre bagre,* difere por apresentar menor número de raios na nadadeira anal, com os filamentos dos espinhos dorsal e peitoral mais curtos.

Marcelo F. de Nóbrega

GENIDENS GENIDENS (VALENCIENNES, 1839)

■ *Nomes vulgares*

Bagre (BRA); Sea catfish (ING).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde as Guianas até o estuário do Rio da Prata (Argentina). É comum na área costeira, sendo encontrada em fundos de lama ou areia, até, aproximadamente, 25 m de profundidade; freqüente também em estuários e mangues, podendo penetrar em rios por alguns quilômetros. Apenas um exemplar foi identificado no Piauí, proveniente da frota de rede de emalhar, capturado em profundidade de 12 m. Não possui importância comercial, pelo pequeno tamanho que atinge.

■ *Tamanho*

C_z médio de 30 cm.

■ *Características*

DI,7; A.17-18. Apresenta coloração cinza-escura no dorso, podendo também ser marrom-escuro ou preto, com ventre claro. Possui dois pares de barbilhões sob o maxilar inferior (1). Apresenta dentes do palato em duas saliências evidentes, uma de cada lado da boca. Semelhante ao *Bagre marinus*, porém não possui os filamentos alongados nos espinhos da nadadeira dorsal ou das peitorais.

SCIADES PROOPS (VALENCIENNES, 1840)

Ana Cecília G. Mai

■ ***Nomes vulgares***

Uritinga (BRA); Crucifix sea catfish (ING); Mâchoiron crucifix (FRA); Bagre crucifijo (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, do sul do Panamá até o nordeste do Brasil. É encontrada tanto em águas salobras estuarinas como em águas hipersalinas de lagoas litorais, sendo muito comum na área costeira marinha, geralmente, em fundos de lama de baixa profundidade. Parece apresentar preferência por ambientes hipersalinos. Na região Nordeste do Brasil, foi frequente nos desembarques da frota de rede de emalhar, sendo amostrados 114 exemplares no Piauí (91,9%) e 10 indivíduos no Ceará (8,1%). As capturas ocorreram em profundidades de 4 a 18 m. É considerado um dos bagres de menor qualidade, apresentando baixo valor comercial.

■ ***Tamanho***

Comprimento de 12,5 a 71,5 cm C_z, média de 41,4 cm.

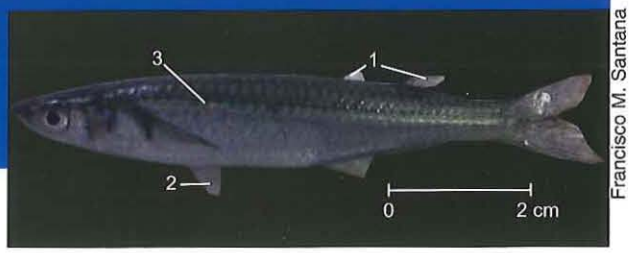
■ ***Características***

D.I, 7; A.19-21; P.I, 11. Coloração cinza-clara uniforme ou cinza-azulada na parte dorsal, esbranquiçada no ventre. Barbilhões maxilares brancos ou ligeiramente cinza. A mais importante característica, para diferenciar a espécie, é a forma de escudo da placa pré-dorsal (1). Barbilhões maxilares são curtos (2); em exemplares jovens não chegam até o extremo das nadadeiras peitorais e nos exemplares grandes apenas alcançam a borda opercular ou a ultrapassam ligeiramente.

Peixes Ósseos

Família Atherinidae

Atherinella brasiliensis (Quoy e Gaimard, 1824)



Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Varapau (BRA); Silverside (ING).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre no Mar do Caribe e Venezuela até o sudeste do Brasil. Espécie costeira característica de águas neríticas, capturada, principalmente, em áreas protegidas e lagoas costeiras hipersalinas. Apenas um exemplar foi amostrado no Ceará, desembarcado da frota de linha. A profundidade de captura foi de 5 m. Sem interesse comercial.

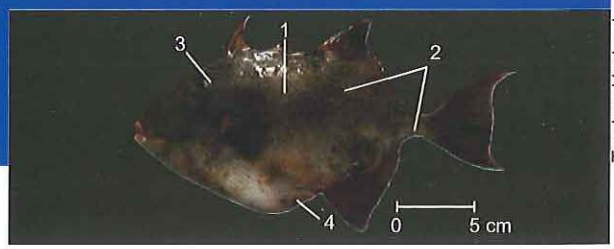
■ ***Tamanho***

C_z de 17 cm.

■ ***Características***

D.III-V, I, 7-9; A.I, 18-20; P.14-15. Apresenta corpo alongado, pouco comprimido anteriormente. Duas nadadeiras dorsais separadas (1). Nadadeiras pélvicas situadas em posição abdominal (2). Coloração verde-amarelada no dorso, passando a branca na parte ventral. Apresenta uma faixa prateada lateral nos lados do corpo (3). Nadadeira caudal com borda marrom-amarelada, com as demais nadadeiras incolores.

BALISTES CAPRISCUS (GMELIN, 1788)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Cangulo-branco (BRA), Grey triggerfish (ING); Baliste cabri (FRA); Pejepuerco blanco (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, em águas tropicais e temperadas, desde a Nova Escócia (Canadá) até a Argentina, incluindo o Mar do Caribe e Golfo do México; no oceano Atlântico oriental, distribui-se da Europa até a África. Habita principalmente fundos rochosos e coralinos, em profundidades de, até, 60 m. Sua captura foi registrada nos desembarques da frota de linha de fundo no Ceará (98,8%), sendo raro nos desembarques da frota de linha de fundo do norte da Bahia (1,2%). Ocorre também no ASPSP, mas não faz parte das capturas da frota que ali atua. Profundidades de captura variaram de 17 e 60 m. Apresentou baixa ocorrência (0,035%) sem interesse comercial.

■ *Tamanho*

Comprimento entre 19,5 e 50,5 cm C_z, apresentando média de 39,7 cm.

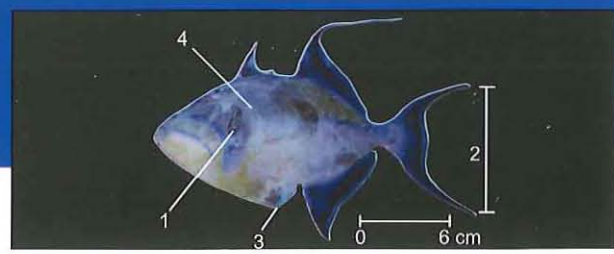
■ *Características*

D.III, 27-29; A.23-26; R.31-35. Cinza-azulada a cinza-olivácea (1), com manchas retangulares, escuras e verticais, visíveis especialmente na parte superior do corpo (2); margem superior do olho com mancha azul brilhante (3); nadadeira adiposa após o espinho ventral (4); nadadeira caudal com prolongamentos suaves nos lobos superior e inferior. Possui pintas azuladas na região superior e brancas na porção inferior e nadadeira anal, formando estrias no peito.

Peixes Ósseos

Família Balistidae

Balistes vetula (Linnaeus, 1758)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Cangulo-rei (BRA); Queen triggerfish (ING); Baliste royal (FRA); Pejepuerco cachuo (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre no Atlântico ocidental, de Massachusetts até o sudeste do Brasil, incluindo o Mar do Caribe. Espécie pelágica, habita ambientes próximos a recifes de corais e rochas. No nordeste do Brasil, apresentou as seguintes frequências de ocorrência: 37,5% dos exemplares amostrados da frota de linha de fundo e 17,7% da frota de rede de emalhar, no norte da Bahia; 2,1% dos indivíduos foram capturados pela linha de fundo e 0,6% pelo covo para peixe, em Pernambuco; 37,8% pela frota de linha de fundo e 3,6% por embarcações que operaram com rede de emalhar, no Ceará; e apenas 0,7% foram amostrados da frota de rede de emalhar do Piauí. É raramente observada nos desembarques do arquipélago de Fernando de Noronha. A profundidade de captura variou de 16 a 128 m, com média de 49 m. As áreas de pesca apresentaram distâncias entre 1,37 e 20,55 km da costa (média de 11,78 km). Espécie razoavelmente bem representada nas amostragens (0,536%) do nordeste. Apesar de possuir carne macia e saborosa, apresenta baixa importância comercial no nordeste.

■ ***Tamanho***

Comprimento: 18,5 a 29 cm C_z, com média de 33,7 cm.

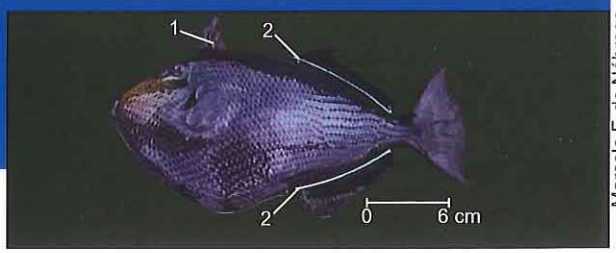
■ ***Características***

D.III, 29-31; A.26-28; R.35-38. Apresenta escamas grandes acima da base da nadadeira peitoral e logo atrás do opérculo (1); nadadeira caudal dos adultos com os lobos superior e inferior alongados (2); olhos altos e distantes da boca; nadadeira peitoral curta e ampla; nadadeira pélvica com apenas um espinho (3). Coloração de verde azulado a amarelado ou marrom esverdeado (4), com ventre alaranjado; possui uma faixa azul do focinho à base da nadadeira peitoral.

Peixes Ósseos

Família Balistidae

Melichthys niger (Bloch, 1786)



Marcelo F. de Nóbrega

■ ***Nomes vulgares***

Cangulo-preto (BRA); Pufa (BRA); Black durgon (ING); Baliste noir (FRA); Calafate negro (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se em todos os oceanos, sendo uma espécie pelágica, geralmente, capturada em águas rasas, em corais e pedras, até 40 m de profundidade. Frequente em ilhas oceânicas da região Nordeste (Arquipélago de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo). Exemplares registrados nas amostragens do Programa REVIZEE foram restritos à frota de linha do Ceará. Foi pouco frequente nas amostragens, representando 0,003% dos exemplares registrados. As capturas ocorreram entre profundidades de 17 e 36 m. São atraídos por qualquer alimento jogado na superfície da água, chegando a disputar a comida. Não possui importância comercial.

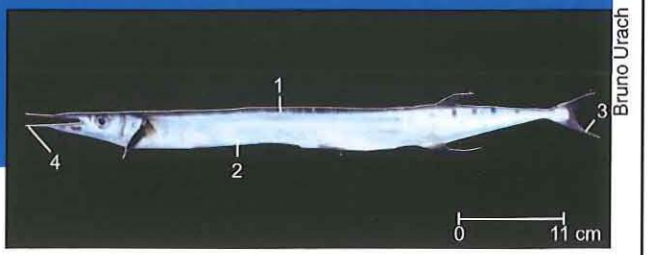
■ ***Tamanho***

Tamanhos de 44 a 47 cm C_z, com média de 44,9 cm.

■ ***Características***

D.III, 32-34; A. 28-31; R.36-37. Coloração escura; primeiro espinho da nadadeira dorsal maior que o segundo (1); abaixo da base da nadadeira dorsal e anal, listras azuis cintilantes (2); mimetismo evidente alterando a cor de preto para esmeralda. Possui corpo profundo e lateralmente comprimido. Coloração predominante preta a azul-marinho, com reflexos verde-metálicos. Nadadeiras dorsal, anal e caudal escuras, esta última com a base e margem dos lobos pálidas.

ABLENNES HIANS (VALENCIENNES, 1846)



■ *Nomes vulgares*

Agulhão (BRA); Flat needlefish (ING); Orphie plate (FRA); Agujón sable (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie pelágica, habita a região costeira e estuarina, em áreas com profundidades de, até, 50 m. As capturas dessa espécie foram registradas na costa setentrional do nordeste, apresentando a maior frequência (96,6%) nos desembarques da frota de rede de cerco do Rio Grande do Norte, sendo apenas 3,4% dos exemplares amostrados capturados com linha de mão no Ceará. Apresentou baixa frequência (0,126%). Não possui importância comercial.

■ *Tamanho*

Comprimentos: 39,1 a 87 cm C_z, com média de 62,5 cm.

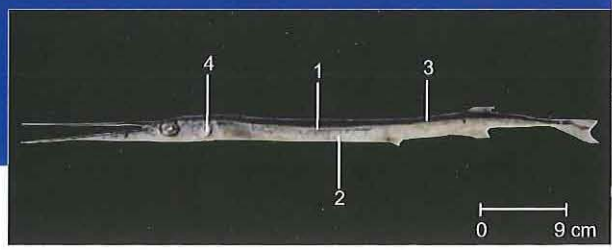
■ *Características*

D.23-26; A.24-28; P.13-15; V.93-97. Corpo longo e comprimido lateralmente; esverdeado no dorso (1) e prateado no ventre (2); cauda em forquilha, com o lobo inferior maior que o superior (3); nadadeira dorsal com origem acima dos primeiros raios da anal; sem quilha no pedúnculo caudal; ponta da mandíbula inferior vermelha (4). Mandíbulas superior e inferior alongadas, com pequenos dentes afiados.

Peixes Ósseos

Família Belonidae

Strongylura marina (Walbaum, 1792)



■ ***Nomes vulgares***

Agulhão (BRA); Zambaia-roliço (BRA); Atlantic needlefish (ING); Aiguillette verte (FRA); Agujón verde (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre no Atlântico ocidental, desde Massachusetts e Flórida (EUA), Golfo do México até o Rio de Janeiro. Habita águas superficiais costeiras e estuarinas, podendo penetrar em rios. Os maiores volumes desembarcados foram registrados no Rio Grande do Norte (97,5%), sendo apenas 2,5% amostrados no Ceará. A rede de cerco contribuiu com a quase totalidadde das capturas (93,3%), contra apenas 6,7% da rede de emalhar. Ocorre também no ASPSP, mas não é capturado pela frota pesqueira local. As capturas foram realizadas em profundidades de 6 a 24 m. Sua participação nas amostragens foi baixa (0,097%). Não apresenta importância comercial.

■ ***Tamanho***

Capturas em rede de cerco: 44,3 a 76 cm C_z (média de 58,6 cm) e em rede de emalhar: 49,5 a 113,5 cm C_z (média de 90,5 cm).

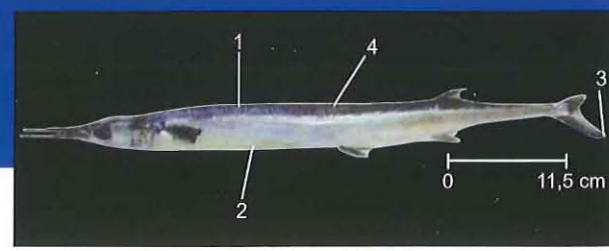
■ ***Características***

D.14-17; A.16-20; P.10-12; V.69-77. Possui coloração esverdeada no dorso (1) e prateada no ventre (2); longa faixa escura ao longo do corpo (3); pigmentos negros atrás dos olhos (4); nadadeira dorsal com origem acima do 6º ou 7º raio da nadadeira anal; nadadeira caudal furcada e azulada, com lobo inferior maior que o superior; pedúnculo caudal sem quilha; maxilares alongados com dentes afiados.

Peixes Ósseos

Família Belonidae

Tylosurus acus
(Lacepède, 1803)



■ ***Nomes vulgares***

Agulhão (BRA); Zambaia-roliço (BRA); Agujon needlefish (ING); Aiguille voyeuse (FRA); Marao ojón (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre de Massachusetts e Bermuda (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie pelágica de superfície, encontrada em estuários e regiões costeiras, em áreas com profundidades de, até, 45 m. No nordeste brasileiro, os maiores volumes desembarcados foram registrados no Rio Grande do Norte (99%) e apenas 1% no Ceará. A arte de pesca predominante nas capturas foi à rede de cerco (99,5%), contra apenas 0,5% da rede de emalhar. Faz parte da ictiofauna do ASPSP, mas não é um recurso pesqueiro explorado. Foi capturado entre 4 e 16 m de profundidade. Espécie pouco frequente nas amostragens (0,014%). Não possui valor comercial.

■ ***Tamanho***

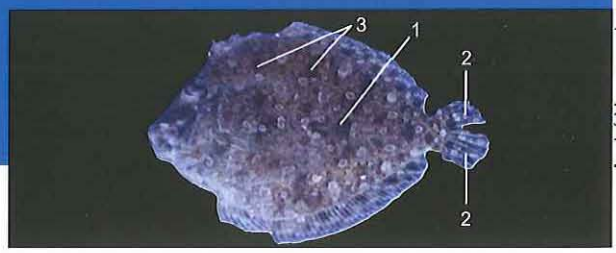
Comprimentos entre 52,7 a 119 cm C_z, com média de 72,3 cm.

■ ***Características***

D.23-26; A.20-24; P.13-14; V.90-95. Coloração azul-escura no dorso (1) e prateada no ventre (2); nadadeira caudal bem furcada, com o lobo inferior maior que o superior (3); longa faixa azul nas laterais (4); possui pequena quilha preta lateral no pedúnculo caudal; exemplares jovens possuem mancha negra na parte posterior da nadadeira dorsal, desaparecendo na fase adulta.

FAMÍLIA BOTHIDAE

BOTHUS OCELLATUS (AGASSIZ, 1831)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Linguado (BRA); Eyed flounder (ING); Arrevés playero (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre do nordeste dos Estados Unidos e Bermuda até o sudeste do Brasil, incluindo o Golfo do México e Caribe. Habita fundos de lama ou areia, principalmente em águas neríticas da plataforma continental, sendo capturada até, aproximadamente, 75 m de profundidade. Apenas um exemplar foi registrado no norte da Bahia, capturado pela frota de rede de emalhar, em uma profundidade de 30 m e distância da costa de 3,73 km. Ocorre também no ASPSP, mas não é capturada pela frota pesqueira que atua no local. Sem valor comercial.

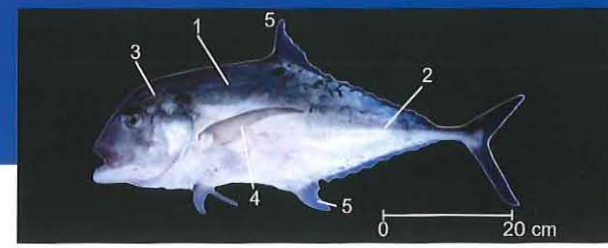
■ ***Tamanho***

Comprimento de 17 cm C_t.

■ ***Características***

D.80-85; A.60-64. Cor, em geral, marrom-esverdeada, mas bastante variável em função do fundo em que se encontra; apresenta uma mancha negra em cima da linha lateral (1); duas manchas negras acima e abaixo da nadadeira caudal (2); manchas arredondadas claras e algumas escuras na porção mediana do corpo (3). Ventre branco.

ALECTIS CILIARIS (BLOCH, 1788)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Galo-do-alto (BRA); African pompano (ING); Cordonnier (FRA); Pampano de hebra (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se de Massachusetts (EUA) até Santos (Brasil). Habita, principalmente, áreas de recifes e paredões rochosos profundos; exemplares jovens são pelágicos e formam cardumes, sendo os adultos mais frequentemente encontrados em profundidades de até 130 m. No Programa REVIZEE, foi principalmente registrada nos desembarques da frota de linha de fundo (90,2%) e rede de emalhar (4,4%), no norte da Bahia; foi pouco frequente no Ceará, nos desembarques da frota de linha de fundo (4,2%) e que opera com rede de emalhar (1,2%). É, também, razoavelmente frequente nos desembarques da frota de Fernando de Noronha. As capturas ocorreram entre 30 e 120 m de profundidade (média de 59 m). Os pesqueiros apresentaram distâncias da costa de 3,67 a 25,57 km, com média de 15,45 km. Espécie de pouca representatividade nas amostragens (0,08%) e, apesar do grande porte que possui, sua carne é pouco apreciada, apresentando baixo valor comercial.

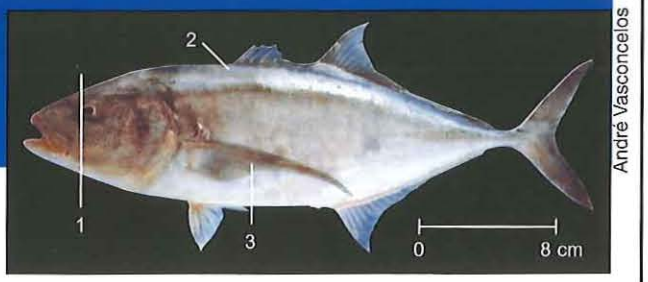
■ *Tamanho*

Captura de linha: 31,5 a 118,5 cm C_z (média de 66,8 cm) e nas capturas com rede: 42 a 92 cm C_z (média de 73,6 cm).

■ *Características*

D.VII-I, 18-19; A.II-III,15-17; V.24. Possui linha lateral arqueada na porção anterior (1) e com uma série de 12 a 30 escudos na porção posterior (2); são prateados com um leve tom azul na parte superior da cabeça (3); nadadeiras peitorais possuem comprimento maior que o da cabeça (4). Nos indivíduos jovens, a parte anterior da nadadeira dorsal e anal possui raios muito filamentosos.

CARANX BARTHOLOMAEI (CUVIER, 1833)



■ *Nomes vulgares*

Guarajuba (BRA); Yellow jack (ING); Carangue grasse (FRA); Cojinua amarilla (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre de Massachussets (EUA) até a Bahia. Indivíduos jovens habitam áreas costeiras entre algas e em estuários; adultos são encontrados principalmente em recifes de corais e fundos de pedra, geralmente, solitários ou em pequenos grupos, em profundidades de até 140 m, aproximadamente. Os desembarques acompanhados na região Nordeste indicaram que o estado de Pernambuco contribui com a maior parte das capturas (71,5%); no norte da Bahia, foram desembarcados 13,2% dos exemplares amostrados; 12% no Ceará; apenas 3% em Alagoas, e 0,3% no Rio Grande do Norte. A linha de fundo (50,7%) e a rede de emalhar (47%) são as principais artes de pesca empregadas na captura, sendo pouco frequente nos desembarques da frota de covo para peixe (2,3%). Ocorre no ASPSP, mas raramente é capturado pela frota que ali atua. As áreas de pesca apresentaram distâncias da costa de 1,37 a 43,60 km (média de 15,99 km), com profundidades entre 16 e 135 m (média de 54 m). Caracterizou-se como um importante recurso pesqueiro da região, representando 1,6%, em número, e 1,7% do peso total registrado no nordeste. Possui carne saborosa e bom valor comercial.

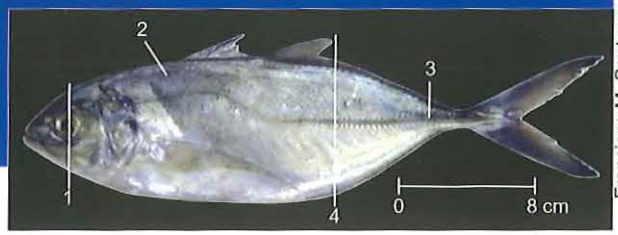
■ *Tamanho*

Capturas de linha mediram de 13,5 a 93 cm C_z (média de 49,8 cm); nas de rede, 14,7 a 74,8 cm C_z (média de 29,3 cm) e nos covos, 14,2 a 34 cm C_z (média de 28 cm).

■ *Características*

D.VIII-I, 25-28; A.II-I, 22-25; V.24. Apresenta os olhos posteriores aos maxilares (1); dorso azul brilhante e metálico (2), nadadeiras amarelas (3) e os jovens apresentam cor bronzeada com muitas manchas amareladas. As nadadeiras peitorais são maiores que o comprimento da cabeça. Apresentam de 22 a 28 escudos na parte posterior da linha lateral e quilhas laterais.

CARANX CRYSOS (MITCHILL, 1815)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Chicharro (BRA); Blue runner (ING); Carangue coubali (FRA); Cojinua negra (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se de Halifax Harbour (EUA) até Cananéia, litoral sul de São Paulo. Espécie demersal, habita fundos de pedra e coral até, aproximadamente, 100 m de profundidade. Os desembarques mais expressivos da região Nordeste foram registrados no norte da Bahia (73,6%), sendo menos frequente em Pernambuco (9,3%), Ceará (7,4%), Rio Grande do Norte (5%), Alagoas (3,9%) e Piauí (0,8%). A frota de linha de fundo contribuiu com a maior proporção das capturas (77,6%), contra 22,4% da rede de emalhar. É capturado também nos Arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo, mas com baixa frequência. A profundidade de captura variou de 16 a 128 m, com média de 60 m, em áreas de pesca que apresentaram distâncias da costa de 1,37 a 44,75 km (média de 17 km). Importante recurso pesqueiro na região Nordeste, representou 2,2% das amostragens do Programa REVIZEE, apresentando bom valor comercial.

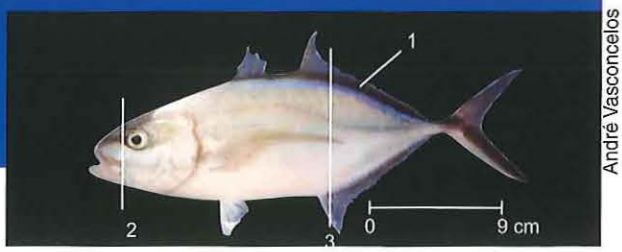
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 10 a 91 cm C_z (média de 38 cm) e nas de rede: 16,9 a 47 cm C_z (média de 30,3 cm).

■ *Características*

D.VIII-I, 22-25; A.II-I, 19-21; V.25. Olhos estão sobrepostos aos maxilares (1). Apresentam o dorso de azul-esverdeado a cinza (2); flancos e ventre prateados ou dourados; possui uma mancha negra no opérculo. Na época de reprodução, os espécimes ficam muito escuros (os machos negros). Apresenta de 46 a 56 escudos na parte posterior da linha lateral (3). Nadadeiras peitorais com comprimento maior que a cabeça, ultrapassando os escudos (4).

CARANX RUBER (BLOCH, 1793)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Xarelete-azul (BRA); Bar jack (ING); Carangue comade (FRA); Cojinua carbonera (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, de Nova Jersey (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie demersal, geralmente, encontrada em fundos de pedra e corais, até, aproximadamente, 140 m de profundidade. A maior proporção de exemplares desembarcados foi capturada no norte da Bahia (61,4%), com menores frequências em Pernambuco (27,6%) e no Ceará (11%). A linha de fundo foi o principal petrecho de pesca utilizado nas capturas (81,4%), com menor participação da rede de emalhar (15,2%) e do covo para peixe (3,4%). Os pesqueiros apresentaram distâncias da costa de 1,37 a 21,67 km com média de 12,88 km; a profundidade de captura variou de 16 a 119 m (média de 48 m). Foi um recurso pouco abundante (0,092%) na amostragem do REVIZEE. Sua carne é saborosa, com bons valores comerciais, semelhantes a *C. bartholomaei* e *C. crysos*.

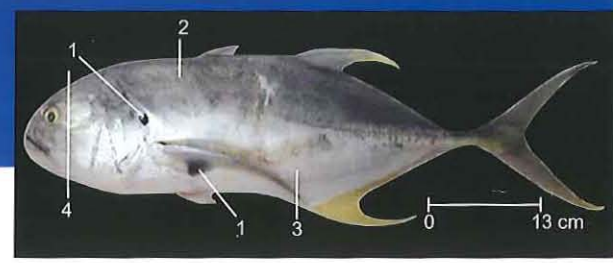
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede: 21,7 a 40,5 cm C_z (média de 34,7 cm), nas de linha: 23,5 a 86 cm C_z (média de 38,2 cm) e no covo: 3,5 a 31 cm C_z (média de 27,4 cm).

■ *Características*

D.VIII-I, 26-30; A.II-I, 23-26. V.24. Cor geral prata ou dourada, com uma faixa negra que se estende da nadadeira dorsal ao lobo inferior da nadadeira caudal (1) e uma faixa mais estreita azul, sob a negra, freqüentemente chegando à ponta do focinho. As maxilas se posicionam anteriormente à órbita ocular (2). As nadadeiras peitorais não se sobrepõem à série de escudos (23 a 29) da porção posterior da linha lateral (3). Possui quilhas laterais na parte posterior do pedúnculo caudal.

CARANX HIPPOS (LINNAEUS, 1776)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Xaréu (BRA); Crevalle jack (ING); Carangue crevalle (FRA); Jurel comum (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se de Nova Escócia (Canadá) até o Uruguai. Forma grandes cardumes, que se movimentam rapidamente. Indivíduos jovens são capturados com frequência em áreas estuarinas e de mangues; exemplares mais velhos, geralmente, são solitários. Na região Nordeste do Brasil, apresentou maior frequência nas pescarias com linha de fundo (94,4%), sendo apenas 5,6% desembarcados pela frota de rede de emalhar. Os estados do Rio Grande do Norte (37%) e Pernambuco (25,9%) apresentaram os maiores volumes desembarcados (25,9%), seguidos do Ceará (12,1%) e Alagoas (11,1%), e com apenas 5,1% no Piauí. É também explotado no Arquipélago de Fernando de Noronha, sendo pouco observado nas capturas da frota local. As profundidades de captura variaram entre 12 e 128 m (média de 59 m), distantes de 2,33 a 39,42 km da costa (média de 22,69 km). Recurso razoavelmente frequente nas amostragens (0,249%), apresenta carne saborosa e de bom valor comecial.

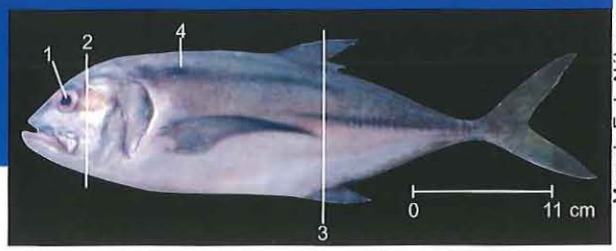
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha mediu 8,4 a 104 cm C_z (média de 67,3 cm) e, nas de rede, de 25,1 a 86 cm C_z (média de 42,4 cm).

■ *Características*

D.VIII-I, 19-21; A.II-I, 16-17. Apresenta manchas escuras no opérculo e nas nadadeiras peitorais (1). Dorso verde-azulado (2), flancos e ventres amarelos ou prateados (3). Cabeça com perfil superior bastante elevado; maxilar chega à borda posterior do olho (4). Na região posterior da linha lateral, observam-se de 23 a 35 escudos.

CARANX LATUS
(AGASSIZ, 1831)



■ *Nomes vulgares*

Araximbora (BRA); Horse-eye jack (ING); Carangue mayole (FRA); Jurel ojón (ESP).

■ *Região de captura e importância econômica*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde Nova Jersey (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie pelágica, habita proximidades de ilhas e regiões mais afastadas da costa, em relação à *Caranx hippos*, sendo mais freqüente a partir da quebra da plataforma até aproximadamente 150 m de profundidade; exemplares jovens se encontram mais próximos da costa, em praias arenosas. No nordeste do Brasil, apresentou maior abundância no norte da Bahia (87,4%), sendo menos freqüente nos estados de Pernambuco (4,3%), Ceará (3,7%), Rio Grande do Norte (2,5%), Alagoas (1,7%) e Piauí (0,3%). A linha de mão foi a principal arte de pesca empregada nas capturas (96,7%), sendo apenas 3,3% dos exemplares identificados nos desembarques da frota de rede de emalhar. As capturas foram realizadas entre profundidades de 16 e 128 m, com média de 64 m, em áreas distantes de 1,37 a 43,09 km da costa (média de 15,1 km). É também capturado em Fernando de Noronha e, raramente, em São Pedro e São Paulo. Foi a espécie mais abundante da família dos Carangídeos nas amostragens do Programa REVIZEE, apresentando 3,63% (7,53 t) do peso e 2,85% da totalidade dos exemplares registrados em toda região. Cacteriza-se como um importante recurso pesqueiro.

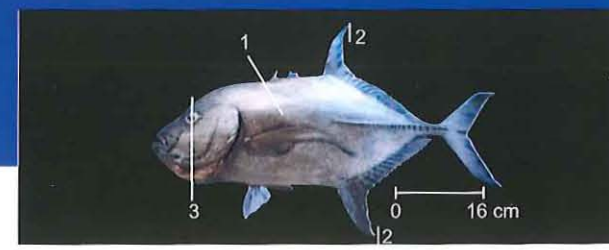
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha mediu 23 a 109 cm C_z (média de 48 cm) e, nas de rede, 12,6 a 86,7 cm C_z (média de 45,7 cm).

■ *Características*

D.VIII-I, 20-22; A.II-I, 16-18; P.20-21; V.24. Olhos grandes com forte membrana adiposa (1); a maxila sobrepõe à órbita ocular (2); nadadeira peitoral não sobrepõe à série de escudos (32 a 39) da linha lateral (3); lobos das nadadeiras dorsal e anal alongados. Dorso azul escuro a verde-azulado (4); ventre branco-prateado a dourado.

CARANX LUGUBRIS (POEY, 1860)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Xaréu-preto (BRA); Black jack (ING); Carangue noire (FRA); Jurel negro (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre em mares tropicais de todo mundo e no oceano Atlântico ocidental, de Bahamas até Santos (Brasil). Espécie de hábitos pelágicos, observada com maior freqüência entre 50 e 200 m de profundidade; muito comum nos arredores de ilhas oceânicas, como nos Arquipélagos de Fernando de Noronha e de São Pedro e São Paulo. Nas amostragens da região Nordeste, apresentou os maiores volumes desembarcados em Alagoas e Pernambuco (80%); no Ceará (8,75%), Bahia (7,5%) e Rio Grande do Norte (3,75%), foi menos freqüente. As capturas foram realizadas entre 48 e 280 m (média de 104 m) de profundidade; os pesqueiros apresentaram distâncias da costa entre 10,68 e 28,75 km (média de 19,71 km). Foi pouco representada nas amostragens (0,066%), sendo totalmente capturada pela linha de fundo. É abundante nas capturas dos arquipélagos de São Pedro e São Paulo e de Fernando de Noronha. Sua carne é de bom sabor, mas possui baixo valor comercial.

■ *Tamanho*

Comprimento de 36 a 92,5 cm C_z, com média de 67,1 cm.

■ *Características*

D.VIII-I, 26-30; A.II-I, 23-26; P.19-21; V.24. Linha lateral com 23 a 29 escudos; corpo é tipicamente alto, com tonalidades de marrom escuro e preto (1). A segunda nadadeira dorsal e anal com raios anteriores alongados (2). As maxilas se estendem até a linha mediana da órbita ocular (3).

CHLOROSCOMBRUS CHRYSURUS (LINNAEUS, 1766)

Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Palombeta (BRA); Atlantic bumper (ING); Sapater (FRA); Casabe (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se de Massachusetts (EUA) até o Uruguai. As capturas foram quase que exclusivamente registradas na costa do Ceará (99,8%), sendo rara nos desembarques do norte da Bahia (0,2%). Em amostras da frota que atuou com rede de emalhar, representou 88,1%, sendo apenas 11,9% dos exemplares capturados com linha de fundo. Totalizou 0,837% dos indivíduos amostrados na região, mas, devido ao seu pequeno porte e baixo rendimento, não possui grande valor comercial. É utilizada como isca na captura de peixes maiores. As capturas ocorreram entre 8 e 30 m de profundidade.

■ *Tamanho*

Nas capturas com rede mediu 9,4 a 26 cm C_z (média de 15 cm) e nas de linha – 12 a 22,5 cm C_z (média de 16,7 cm).

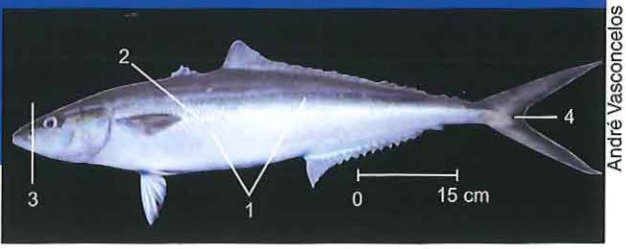
■ *Características*

D.VIII-I, 25-28; A.II-I, 25-28; V.24. Corpo muito estreito e moderadamente alto; boca pequena (1); prateado e dourado, dorso acinzentado a preto (2); nadadeiras caudal e anal amarelas (3); apresenta uma mancha negra na parte superior do pedúnculo caudal e outra, pouco distinta, no opérculo (4).

Peixes Ósseos

Família Carangidae

Elagatis bipinnulatus (Quoy e Gaimard, 1824)



■ ***Nomes vulgares***

Peixe-rei (BRA); Raibow runner (ING); Comete saumon (FRA); Macarela salmon (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Possui distribuição circuntropical em águas marinhas; no oceano Atlântico ocidental, ocorre de Massachusetts (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie pelágica, geralmente, associada a áreas próximas de ilhas, mas também em águas claras de recifes de coral até 100 m de profundidade. Na região Nordeste, apresentou os maiores volumes desembarcados no norte da Bahia (86,7%), sendo menos frequente nos estados de Alagoas e Pernambuco (9,5%), Ceará (2,6%) e Rio Grande do Norte (1,2%). A linha de fundo foi à arte dominante nas capturas (98,1%) e apenas 1,9% foram observados nos desembarques da frota de rede de emalhar (1,9%). É bastante frequente nas capturas da frota que opera no Arquipélago de São Pedro e São Paulo e, em menor escala, em Fernando de Noronha. A profundidade de captura variou de 36 a 128 m, com média de 67 m. As áreas de pesca apresentaram distâncias da costa de 6 a 44,75 km (média de 17,42 km). Importante recurso pesqueiro do nordeste, representou 0,734% do número e 0,81% do peso total amostrado pelo Programa REVIZEE. Possui carne saborosa e bom valor comercial.

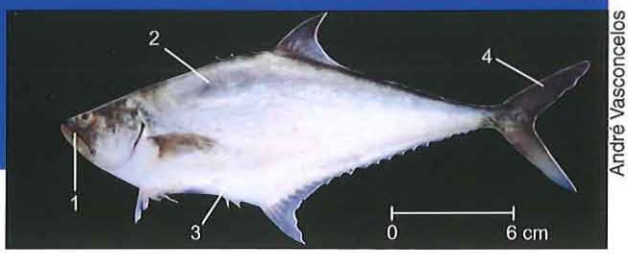
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha mediu 28 a 113 cm C_z (média de 56 cm) e nas de rede – 49 a 62,4 cm C_z (média de 55,1 cm).

■ ***Características***

D.VI-I, 24-26; A.II-I, 17-18; P.20. Apresenta duas faixas amarelas ao longo do corpo (1), e entre estas, uma faixa azul clara (2). Boca pequena, disposta anteriormente à órbita ocular (3). Nadadeira caudal bem furcada, não apresenta escudos e nem quilhas.

OLIGOPLITES PALOMETA (CUVIER, 1833)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Tibiro (BRA); Maracaibo leatherjack (ING); Sauter palomette (FRA); Zapatero palometa (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, da Guatemala até São Paulo. Espécimes são costeiros e formam grandes cardumes, bastante comuns em mangues (jovens) e estuários, ao longo de praias e ao redor de ilhas, preferindo águas túrbidas. No nordeste do Brasil, ocorreu exclusivamente na costa do Ceará, nos desembarques da rede de emalhar, apresentando baixa frequência nas amostragens (0,158%). Sua carne não é apreciada para o consumo, devido à grande quantidade de espinhos. Não tem valor comercial. A profundidade de captura variou de 12 a 40 m.

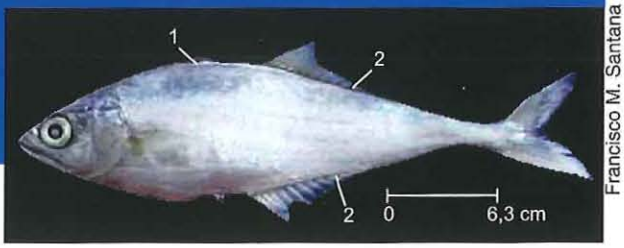
■ *Tamanho*

Comprimento de 40 a 65,2 cm C_z, com média de 45,8 cm.

■ *Características*

D.IV-I, 20-21; A.II-I, 19-20; P.17-18; V.26. Apresenta maxilar com uma faixa de dentes pequenos (1). Corpo mais alto do que *O. saliens*; prateado, azul, preto ou verde no dorso (2); ventre e flancos freqüentemente dourados (3); nadadeira caudal amarela (4).

OLIGOPLITES SALIENS (BLOCH, 1793)



Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Tibiro (BRA); Castin leatherjack (ING); Sauter castin (FRA); Zapatero castín (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se de Honduras até o Uruguai. Nas amostragens da região Nordeste, foi rara nos desembarques, representando 0,002% do total registrado. Ocorreu na costa do Ceará, em desembarques da frota que operou com linha de fundo. Não apresenta valor comercial e, como *O. palometa*, possui muitos espinhos. Capturada entre 15 e 40 m de profundidade.

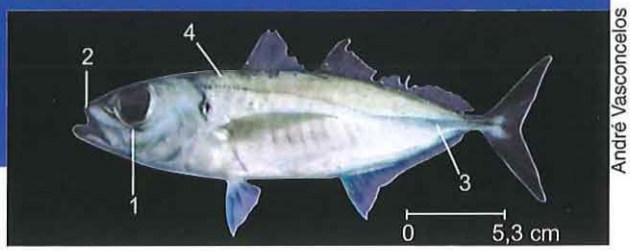
■ ***Tamanho***

Comprimentos de 27 a 28,5 cm C_z.

■ ***Características***

D.IV-I, 20-21; A.II-I, 20-21; P.17; V.26. Corpo alongado, estreito e comprimido, com espinhos anteriores da dorsal curtos (1), parte posterior da dorsal e anal formada por raios praticamente isolados, quase como pínulas (2); escamas embebidas na pele, dando aparência muito macia.

SELAR CRUMENOPHTHALMUS (BLOCH, 1793)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Garapau (BRA); Bigeye scad (ING); Selar coulisou (FRA); Chicharro ojón (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre em todo mundo, em águas tropicais e subtropicais; no oceano Atlântico ocidental, distribui-se da Nova Escócia (Canadá) até o Rio de Janeiro. Espécie pelágica, comum em águas claras, sendo encontrada, geralmente, nos primeiros 30 m da superfície da água. Apresentou alta frequência nos desembarques do norte da Bahia (83,9%), sendo menos representativa no Ceará (13,6%) e Pernambuco (2,5%). Foi capturada quase que exclusivamente pela linha (99,7%) e, raramente, pela rede de emalhar (0,3%). A profundidade de captura variou de 28 a 128 m (média de 68 m), em pesqueiros que apresentaram distâncias da costa de 4,41 a 21,30 km (média de 15,7 km). Não apresenta interesse comercial, entretanto, é muito importante para a frota de linha de fundo e superfície, uma vez que é utilizada como isca na captura de peixes de alto valor comercial, principalmente das famílias Carangidae, Lutjanidae, Serranidae e Scombridae. Apresentou razoável frequência nas amostragens da região Nordeste (0,649%), sendo, na maioria das vezes, a sobra do total capturado para isca.

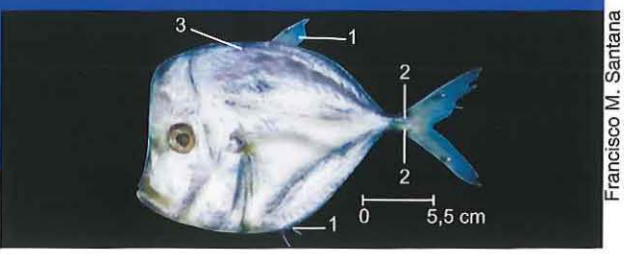
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 16 a 29 cm C_z (média de 20,5 cm) e de rede: 21,3 a 23,3 cm C_z.

■ ***Características***

D.VIII-I, 23-26; A.II-I, 21-23; P.20-21; V.24. Corpo moderadamente alongado e comprido; olho muito grande e com uma forte membrana adiposa (1). Focinho escuro (2). Porção terminal da linha lateral possui de 29 a 42 escudos (3). Corpo prateado a dourado, dorso de verde a azul (4) e ventre claro.

SELENE SETAPINNIS (MITCHILL, 1815)



■ *Nomes vulgares*

Galo-da-costa (BRA); Atlantic moonfish (ING); Musso atlantique (FRA); Jorobado lamparosa (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no Atlântico ocidental, desde a Nova Escócia (Canadá) até Mar Del Plata (Argentina). No nordeste brasileiro, apresentou as maiores frequências nos estados de Pernambuco (36,4%), norte da Bahia (27,3%) e Piauí (23,7%), sendo eventualmente registrada nos desembarques da frota do Ceará (9,1%). Sua captura foi, predominantemente, pela rede de emalhar (81,8%), em detrimento da linha de mão (18,2%). Sua carne é excelente, mas apresentou baixa representatividade nas amostragens (0,009%), constituindo-se em ocorrência eventual. A profundidade de captura variou de 6 a 33 m.

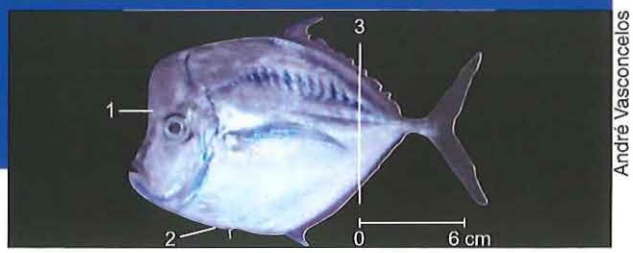
■ *Tamanho*

Na captura de rede: 10,2 a 30 cm C_z (média de 19 cm) e na de linha: 25,5 a 28 cm C_z (média de 26,7 cm).

■ *Características*

D.VIII-I, 21-22; A.II-I, 17-18; P.17-18; V.24. Raios anteriores das nadadeiras dorsal e caudal curtos (1); presença de 2 quilhas laterais em cada lado do pedúnculo caudal (2). Prateada, em geral, com dorso cinza (3). Seu corpo é alto e muito comprimido. Perfil frontal da cabeça quase vertical.

SELENE SPIXII (CASTELNAU, 1855)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Peixe-galo (BRA); Full moonfish (ING); Musso lune (FRA); Jorobado luna (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, do México até o Espírito Santo (Brasil). Habita, geralmente, fundos de areia de áreas próximas à costa, até, aproximadamente, 50 m de profundidade. Apenas três exemplares foram coletados em Pernambuco, capturados pela frota de rede de emalhar em uma profundidade de 21 m. Sua carne é de excelente sabor, mas é pouco frequente nos desembarques da frota artesanal da região Nordeste.

■ *Tamanho*

Comprimento de 21 a 32,2 cm C_z, com média de 26,6 cm.

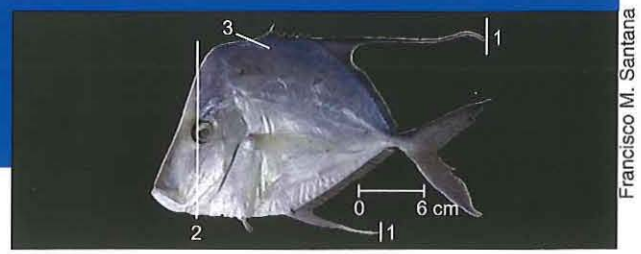
■ *Características*

D.VIII-I, 21-23; A.II-I, 17-19; V.24. Apresenta o corpo curto, muito alto e comprimido, com perfil ventral mais convexo que o dorsal (1). Perfil da cabeça arredondado em cima e com formato côncavo em frente ao olho (2). A extremidade da nadadeira peitoral ultrapassa os escudos da linha lateral (3), diferenciando de *S. setapinnis*, cuja extremidade da nadadeira peitoral não alcança os escudos. Apresenta duas quilhas no pedúnculo caudal. Coloração prateada, com nadadeiras claras.

Peixes Ósseos

Família Carangidae

Selene vomer
(Linnaeus, 1758)



■ ***Nomes vulgares***

Peixe-galo-de-penacho (BRA); Atlantic look down (ING); Musso panache (FRA); Jorobado de penacho (ESP).

■ ***Região de captura e importância econômica***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde o Maine (EUA) até o Uruguai. Espécie costeira típica de águas neríticas da plataforma continental, habita até, aproximadamente, 50 m de profundidade. Nas amostragens do Programa REVIZEE, apresentou as maiores capturas nos estados do Ceará (65%) e Piauí (30%), sendo menos freqüente em Pernambuco (5%). A proporção das capturas foi semelhante para linha de fundo (55%) e rede de emalhar (45%). Recurso capturado entre 6 e 36 m de profundidade. Foi pouco representado nas amostragens (0,016%) e, apesar de possuir carne saborosa, possui baixo valor comercial.

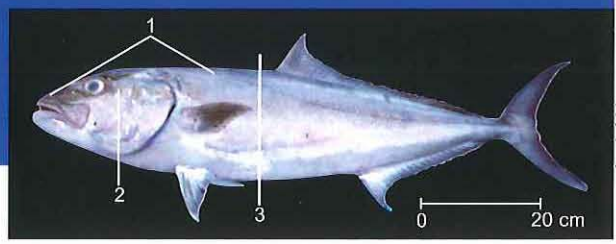
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha mediu de 27,5 a 38 cm C_z (média de 33,2 cm) e, nas de rede, 14 a 41,3 cm C_z (média de 29,1 cm).

■ ***Características***

D.VIII-I, 21-22; A.II-I, 18-19; P.20; V.24. Possui lobos alongados das nadadeiras dorsal e anal (1). Não apresenta escudos, nem quilhas. Possui corpo muito alto e comprimido. Olhos pequenos posicionados ao final da extensão das mandíbulas (2). Espécimes são prateados ou dourados no dorso, com tonalidade azul-metálica (3).

SERIOLA DUMERILI (RISSO, 1810)



■ *Nomes vulgares*

Arabaiana (BRA); Greater amberjack (ING); Sériole couronnée (FRA); Medregal coronado (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

No oceano Atlântico ocidental, distribui-se da Nova Escócia (Canadá) até Santa Catarina; ocorre também no oceano Atlântico leste, desde a Inglaterra até o oeste da África, além do Mediterrâneo, Ilha da Madeira, Austrália, China, Japão e Hawai. No nordeste brasileiro, apresentou os maiores desembarques no norte da Bahia (54,6%) e em Alagoas e Pernambuco (35,5%). As menores frequências ocorreram no Rio Grande do Norte (6,2%) e Ceará (3,7%). A linha de mão de fundo contribuiu com quase a totalidade dos desembarques (98,9%), sendo as capturas provenientes da rede de emalhar pouco expressivas (1,1%). A profundidade de captura variou de 28 a 135 m (média de 80 m), em áreas de pesca que distaram da costa entre 3,28 e 44,75 km (média de 22,02 km). A arabaiana foi o principal recurso em peso (22 t - 11,03%) nas atividades de amostragem do REVIZEE no nordeste, constituindo-se na principal espécie capturada pela frota artesanal, principalmente na costa leste do nordeste, onde foram verificadas as maiores abundâncias. Esse recurso apresenta elevado peso médio de captura (12 kg) e alto valor comercial.

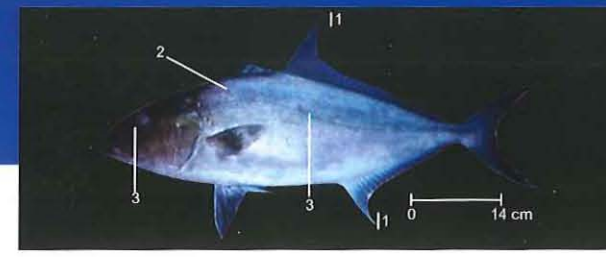
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 28 a 178 cm C_z (média de 99 cm) e nas de rede: 64 a 116,5 cm C_z (média de 96,8 cm).

■ *Características*

D.VII-I, 29-35; A.II-I, 18-22; V.24. Corpo alongado, com dorso um pouco mais convexo que o ventre; ventre prateado, com dorso e focinho azul-oliva (1). Possui uma faixa longitudinal bronzeada do olho à cauda e outra, na cabeça, escura e diagonal, da ponta do focinho à origem da dorsal, passando pelo olho (2). As nadadeiras peitorais são mais curtas que as pélvicas (3).

SERIOLA RIVOLIANA (CUVIER, 1833)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Arabaiana (BRA); Almaço jack (ING); Sériole citron (FRA); Medregal limon (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie com distribuição circuntropical em águas marinhas. No oceano Atlântico oeste, ocorre de Massachusetts (EUA) até Buenos Aires (Argentina); no leste do Atlântico, de Portugal ao oeste da África, Ilha da Madeira e Açores, bem como no Mediterrâneo e da África do Sul aos oceanos Pacífico e Índico. No nordeste do Brasil, foi mais frequente no norte da Bahia (58,7%) e em Alagoas e Pernambuco (39,2%), enquanto no Rio Grande do Norte (1,4%) e Ceará (0,7%) apresentou baixa representatividade nos desembarques. A proporção da captura desse recurso apresentou padrão semelhante a de S. dumerili, sendo mais abundante na costa oriental do nordeste. Entretanto, a representatividade foi bastante inferior a S. dumerili, apresentando apenas 0,254% do peso total amostrado. Foi exclusivamente capturada pela linha de mão de fundo, entre profundidades de 48 a 340 m (média de 80 m); os pesqueiros apresentaram distâncias da costa de 10,67 a 44,75 km (média de 21,29 km). Possui alto valor comercial e carne de excelente sabor. Seu peso médio de captura (5,8 kg) é bastante inferior a S. dumerili.

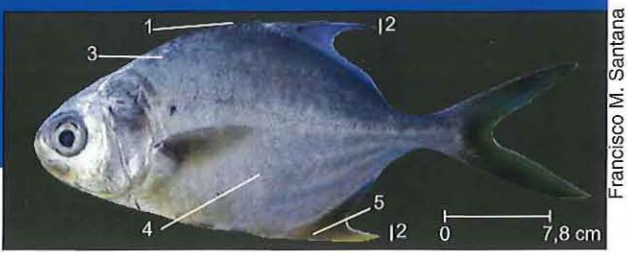
■ *Tamanho*

Comprimento de 28 a 135,8 cm C_z, média de 77,7 cm.

■ *Características*

D.VII-I, 27-33; A.II-I, 18-22; V.24. Corpo comprimido e mais alto que *S. dumerili*; lobos alongados dos raios das nadadeiras dorsal e anal (1); nadadeiras pélvicas maiores, em comprimento, que as peitorais. A coloração do dorso pode ser marrom, olivácea ou azul (2). Ventre claro e, às vezes, com reflexos cobreados. Possui uma faixa escura da ponta do focinho, passando pelo olho, até a base anterior da dorsal, muito bem definida (3).

TRACHINOTUS CAROLINUS (LINNAEUS, 1766)



■ *Nomes vulgares*

Pampo (BRA); Florida pompano (ING); Pompaneau sole (FRA); Pampano amarillo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se na costa oeste do Atlântico, de Massachusetts (EUA) ao Rio Grande do Sul (Brasil). Exemplares jovens preferem praias abertas, com fundo de areia e lama; os adultos habitam, geralmente, águas mais afastadas da costa, até, aproximadamente, 50 m de profundidade. No nordeste brasileiro, representou apenas 0,005% dos exemplares identificados em toda região, nos desembarques da frota de emalhe de Pernambuco. Foram capturados em uma profundidade de 18 m. Sua carne é bastante apreciada e, apesar de sua baixa ocorrência, possui bom valor comercial.

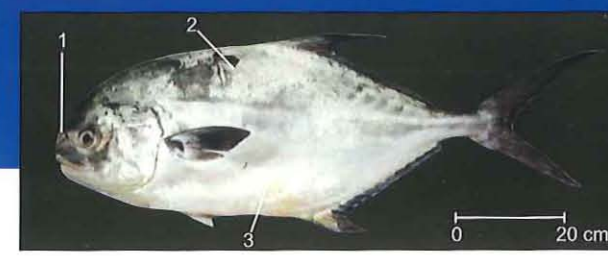
■ *Tamanho*

Comprimento variou entre 19,2 e 24,7 cm C_z, média de 21,9 cm.

■ *Características*

D.VI-I, 22-27; A.II-I, 20-24; V.24. Corpo alto e comprimido; espinhos dorsais baixos e isolados (1); lobos da nadadeira anal e dorsal curtos (2). Corpo prateado, dorso de cor cinza-azulada a esverdeado (3); ventre claro, amarelo-dourado (4); nadadeira anal amarela e caudal cinza a amarelada (5).

TRACHINOTUS FALCATUS (LINNAEUS, 1758)



■ *Nomes vulgares*

Pampo (BRA); Permit (ING); Pompaneau plume (FRA); Pampano palometa (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre na costa oeste do oceano Atlântico, desde Massachusetts (EUA) até o sul de São Paulo. Indivíduos pequenos são comuns em praias arenosas de baixa profundidade; adultos são pelágicos e habitam áreas com até 90 m. Apresentou baixa frequência na região Nordeste (0,030%), onde foi amostrada em Alagoas e Pernambuco (60,5%) e Piauí (28,9%). Já no Ceará (7,9%) e norte da Bahia (2,6%) sua ocorrência foi eventual. A principal arte de pesca que atuou sobre esse recurso foi a linha de mão (73%), sendo capturado pela linha de superfície e fundo; exemplares provenientes dos desembarques da frota de rede de emalhar foram menos frequentes (27%). Capturas ocorreram entre 16 e 60 m de profundidade. Possui bom valor comercial e sua carne é bastante apreciada.

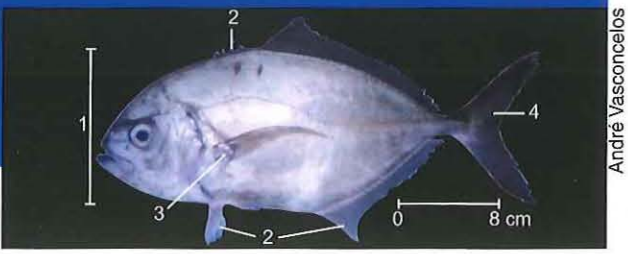
■ *Tamanho*

Na captura de linha: 18 a 102 cm C_z (média de 65,8 cm) e na de rede: 11,5 a 36,5 cm C_z (média de 22,1 cm).

■ *Características*

D.VI-I,17-21; A.II-I,16-19; P.18-19; V.24. Corpo curto e alto, com curvatura similar entre o dorso e o ventre; o perfil da cabeça é arredondado na região do focinho (1). O dorso apresenta coloração azul-acinzentado (2) e ventre prateado (3).

URASPIS SECUNDA (POEY, 1860)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Cara-de-gato (BRA); Cottonmouth jack (ING); Carangue-coton (FRA); Jurel volantín (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, de Nova Jersey e Bermuda (EUA) até São Paulo. Espécie de hábito pelágico oceânico, capturada próximo a ilhas e recifes de coral. Ocasionalmente, é observada em águas costeiras. Foram amostrados na região Nordeste, apenas 10 exemplares, capturados com linha de fundo no norte da Bahia. A profundidade de captura variou de 48 a 116 m, com média de 61 m, em pesqueiros que apresentaram distâncias da costa entre 9,73 e 21,30 km (média de 17,2 km). Espécie pouco conhecida, sem interesse comercial.

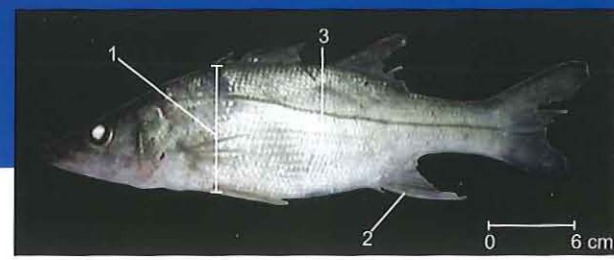
■ *Tamanho*

Comprimento de 32,5 a 38,5 cm C_z, com média de 35,2 cm.

■ *Características*

D.VIII-I, 28-30; A.II-I, 22-23; P.22. Coloração azul-esverdeada na parte dorsal. Lados do corpo com faixas verticais escuras. Corpo alto (1) e comprimido. Nadadeiras dorsal, anal e pélvica marrom-escuras ou negras (2). Base da nadadeira dorsal escura (3), mais clara distalmente. Nadadeira caudal com ampla margem negra (4). Sua língua e região interior da boca são brancas, sendo o restante da boca de coloração violeta ou negra.

CENTROPOMUS PARALLELUS (POEY, 1860)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Camurim, Robalo-peba (BRA); Fat snook (ENG); Crossie chucumite (FRA); Robalo chucumite (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Sua distribuição é registrada no sul da Flórida, Antilhas, Sudeste do Golfo do México e área costeira do Caribe, estendendo-se até Santos (Brasil). Espécie costeira que habita estuários e, muitas vezes, é encontrada em água doce. Foi amostrada nos desembarques da frota de rede de emalhar em Pernambuco, em profundidades de 8 a 30 m. Apresentou baixa frequência nas amostragens (0,008%). Sua carne tem grande importância comercial, sendo uma das mais valiosas no mercado de pescado da região.

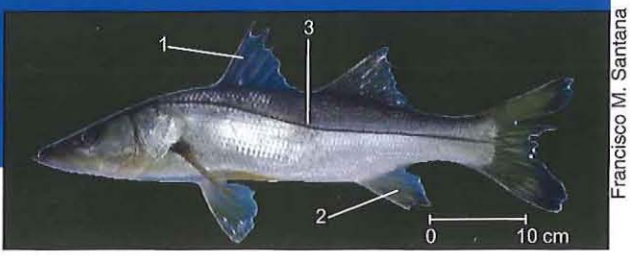
■ *Tamanho*

Comprimento variou entre 44,4 e 73 cm C_z, com média de 63 cm.

■ *Características*

D.VIII-I, 10; A.III, 6; P.14-15. Corpo relativamente comprimido, mais alto que *Centropomus undecimalis* (1); segundo espinho da nadadeira anal ligeiramente maior que o terceiro, chegando apenas à base da nadadeira caudal (2); nadadeira pélvica alcança ou depassa o ânus. Cor geral prateada (3), dorso mais escuro e pigmentação escura esparsa nas nadadeiras dorsal, caudal e anal. Linha lateral grossa e evidente.

CENTROPOMUS UNDECIMALIS (BLOCH, 1792)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Robalo (BRA); Camurim (BRA); Common snook (ENG); Crossie blanc (FRA); Robalo blanco (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no sul da Flórida (EUA), Golfo do México, Antilhas, Caribe até Santa Catarina. Apresentou as maiores freqüências nos desembarques em Alagoas e Pernambuco (71,8%) e no Ceará (23,5%); no Piauí (3,5%) e norte da Bahia (1,2%) foi eventualmente identificado nas amostragens. A rede de emalhar contribuiu com os maiores desembarques (91,8%), sendo pouco capturados pela linha de mão (8,3%). As capturas ocorreram próximo à costa, entre profundidades de 8 e 24 m. Totalizou 0,071% dos exemplares amostrados na região e, apesar de sua baixa ocorrência, sua carne é de grande valor comercial.

■ *Tamanho*

Nas capturas de rede: 22,8 a 85,3 cm C_z (média de 62,3 cm) e nas de linha: 64,3 a 93 cm C_z (média de 72,8 cm).

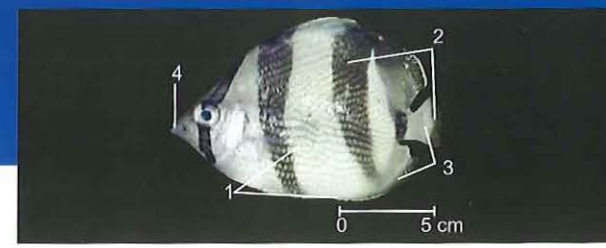
■ *Características*

D.VIII-I, 10; A.III, 6; P.14-15. Possui corpo alongado; nadadeira dorsal com parte anterior isolada e composta por espinhos (1); boca ampla; segundo espinho da nadadeira anal não é maior que o terceiro, nem chega à base da nadadeira caudal (2); nadadeiras pélvicas não chegam ao ânus. Branco prateado em geral, com dorso e alto da cabeça escurecidos, de cinza a oliváceo; linha lateral evidente, negra (3).

Peixes Ósseos

Família Chaetodontidae

Chaetodon striatus (Linnaeus, 1758)



Francisco M. Santana

■ ***Nomes vulgares***

Peixe-borboleta (BRA); Banded butterflyfish (ING); Parche rayado (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde Nova Jersey (EUA) até Santa Catarina (BRA). Espécie com baixa ocorrência nos desembarques da região Nordeste (0,007%), apenas registrada na frota que operou com armadilha para peixe (covo) no estado de Pernambuco. Foi capturada entre 10 e 25 m de profundidade. Ocorre no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, mas não faz parte das capturas da frota que ali atua. Não apresenta importância comercial, porém as espécies dessa família são muito procuradas para fins ornamentais.

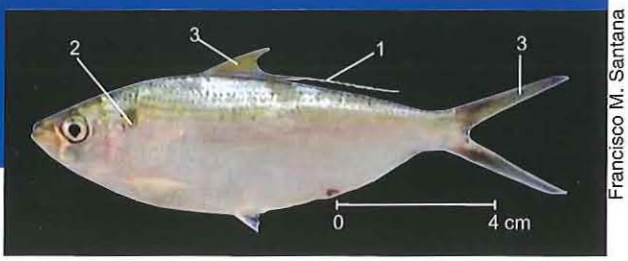
■ ***Tamanho***

Comprimento de 10,5 a 14,5 cm C_z, com média de 12,9 cm.

■ ***Características***

D.XII, 21-22; A.III, 16-18. Peixe de corpo curto, muito comprimido e alto, com cabeça pequena, focinho longo e boca minúscula; branco a amarelado, com linhas escuras nos flancos, que acompanham as séries laterais de escamas (1); apresentam quatro faixas negras, verticais e evidentes (2); nadadeira anal mole e caudal com base e margem externa brancas e faixa negra central (3); linhas azuladas no focinho e face (4); jovens com uma mancha ocelada, redonda na base da dorsal mole.

OPISTHONEMA OGLINUM (LE SUEUR, 1818)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Sardinha-laje (BRA); Atlantic thread herring (ING); Chardin fil (FRA); Machuelo hebra atlántico (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre do Golfo do Maine até Santa Catarina (Brasil). Esse recurso foi predominantemente amostrado nos desembarques do Ceará (96,6%); nos estados do Rio Grande do Norte (1,3%), Piauí (1,2%) e Pernambuco (0,9%) apresentou baixa frequência nas amostragens. A rede de emalhar foi a principal arte de pesca empregada na captura dessa espécie (97%) e apenas 3% dos exemplares identificados foram provenientes dos desembarques da frota que operou com linha de mão. A sardinha-laje foi o segundo recurso mais amostrado em número (7,745%), sendo a espécie mais importante nas capturas com rede de emalhar de espera, principalmente no estado do Ceará. Apresenta distribuição costeira, foi capturada entre 4 e 28 m de profundidade. Espécie relativamente abundante, possui valor comercial, sendo apontada como alternativa para a sardinha-verdadeira (Sardinella brasiliensis), cuja explotaçao entrou em colapso devido a sobrepesca no Sudeste do Brasil.

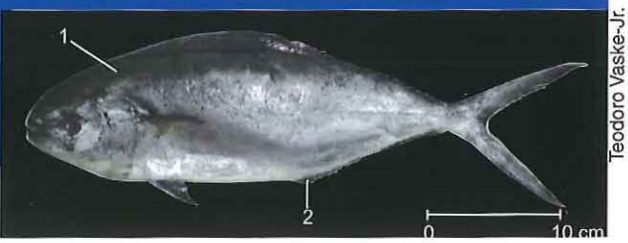
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede: 5,6 a 31,4 cm C_z (média de 19,2 cm) e nas de linha: 11,4 a 24 cm C_z (média de 18,2 cm).

■ *Características*

D.17-21; A.21-25; P.14-17. Apresenta o último raio da nadadeira dorsal com longo filamento (1), característico da espécie. Cor prata em geral, com dorso escuro, com coloração azulada e esverdeada; uma mancha evidente, arredondada, pouco atrás e abaixo do ângulo superior do opérculo (2); nadadeiras dorsal e caudal amareladas (3).

CORYPHAENA EQUISELIS (LINNAEUS, 1758)



■ *Nomes vulgares*

Palometa (BRA); Azedinho (BRA); Pompano dolphinfish (ING); Coryphène dauphin (FRA); Dorado (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Possui distribuição ao redor de todo o mundo, em águas tropicais e subtropicais. Espécie pelágica, habita principalmente áreas oceânicas, podendo se aproximar da costa. Esse recurso é, muitas vezes, erroneamente identificado como C. hippurus, pela extrema semelhança; entretanto, alcança menores tamanhos. No nordeste brasileiro, apresentou maiores frequências nos desembarques de Pernambuco (48,8%) e Rio Grande do Norte (43,9%), com baixa representatividade no norte da Bahia (7,3%). Capturada pela linha de superfície (93,9%) e, em menor escala, pela rede de emalhar (6,1%). Áreas de profundidades de 36 a 119 m (média de 72 m), com distâncias da costa entre 9,8 e 20,45 km (média de 18,28). Foi registrada na prospecção da ZEE-NE, nas capturas com espinhel pelágico, entre 61 e 135 m de profundidades. Representou 0,068% dos desembarques da frota artesanal, apresentando ocorrência e valor comercial baixos, fato atribuído ao sabor azedo de sua carne.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha de 25,2 a 59,4 cm C_z (média de 35,7 cm), nas de rede de 33,2 a 39,7 cm C_z (média de 36,8 cm) e no espinhel de 43 a 51 cm C_z.

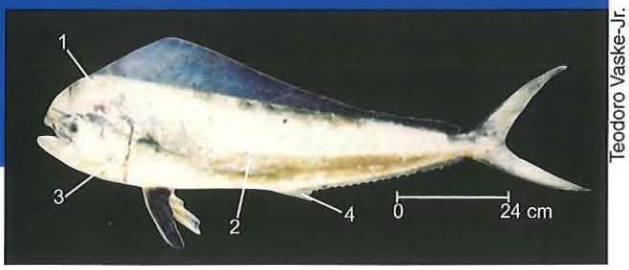
■ *Características*

D.48-55; A.22-28; V.33. Origem da nadadeira dorsal posterior ao início da dorsal de *C. hippurus* (1). A nadadeira anal apresenta raios anteriores menores que os demais (2). Menor tamanho, mais escura e com mais manchas do que *C.hippurus*. Língua retangular e nadadeiras pélvicas com pigmento.

Peixes Ósseos

Família Coryphaenidae

Coryphaena hippurus (Linnaeus, 1758)



Teodoro Vaske-Jr.

■ ***Nomes vulgares***

Dourado (BRA); Common dolphinfish (ENG); Coryphène commone (FRA); Dorado común (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribuição ao redor do mundo, em águas tropicais e subtropicais; espécie pelágica, habita áreas oceânicas. No nordeste, apresentou maior abundância nos estados de Alagoas e Pernambuco (37,6%) e Rio Grande do Norte (25,6%); nos estados da Bahia (21,2%) e Ceará (15,6%) foi menos frequente. Importante para a frota de linha de superfície e corrico. Constitui-se em um recurso explotado pela pesca artesanal no nordeste, representando 1,96%, em número, e 8,87% (18,4 t) do peso registrado nos desembarques de toda região, sendo capturada entre 30 e 1.000 m de profundidade (média de 80 m). Os pesqueiros distam de 6 a 56 km (média de 23,64 km). Foi também muito frequente nas operações com espinhel pelágico da prospecção do REVIZEE, no nordeste, capturada em áreas com profundidades de 56 a 238 m (média de 98 m). Participa das capturas da frota industrial que atua com enpinhel pelágico na ZEE-Nordeste, nos Arquipélagos de São Pedro e São Paulo e de Fernando de Noronha. Sua carne é excelente e possui alto valor comercial.

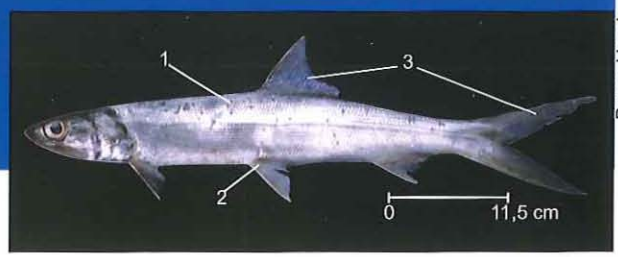
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 10,5 a 180,5 cm C_z (média de 96,1 cm) e no espinhel: 35 a 183 cm C_z (média de 93 cm).

■ ***Características***

D.56-61; A.25-28; V.31. Cor geralmente dourada, com dorso verde a azul brilhante (1); flancos, ventre e cauda amarelos, com pequenas manchas azuis por todo o corpo e nadadeiras (2). Raios anteriores da nadadeira anal mais longo que os demais (4). Nadadeira dorsal longa, do alto da cabeça ao pedúnculo caudal, raios anteriores maiores; machos com cabeça e corpo mais altos do que nas fêmeas (3).

ELOPS SAURUS
(LINNAEUS, 1776)



Bruno Urach

■ ***Nomes vulgares***

Ubarana (BRA); Ladyfish (ING); Guinée machète (FRA); Malacho (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre nas águas quentes do leste do Atlântico e Pacífico; no oceano Atlântico ocidental, distribui-se de Massachusetts (EUA) até o Rio de Janeiro. No estado do Ceará, ocorreram os maiores volumes de desembarques (66,7%), seguido do Rio Grande do Norte (29,2%) e Pernambuco (4,2%). A linha de fundo participou com 45,8% das capturas e a rede de emalhar com 54,2%. Representou apenas 0,020% das amostras coletadas; habita águas rasas, próximas da costa, onde foi capturada em profundidades de 17 a 43 m. Não possui importância comercial, provavelmente pelo grande número de espinhos.

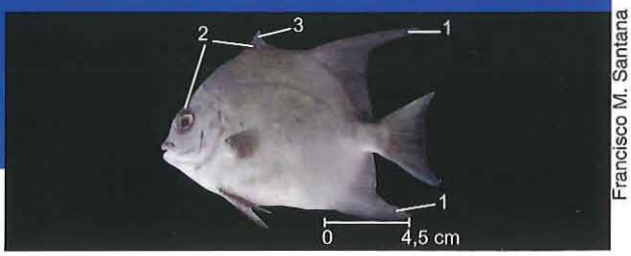
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 26,5 a 58 cm C_z (média de 38,6 cm) e nas de rede: 27,5 a 60 cm C_z (média de 46,3 cm).

■ ***Características***

D.24-26; A.15-17; P.16-17. Corpo alongado e afilado; boca terminal; cor prateada, dorso escurecido (1); pélvicas com origem abaixo da dorsal (2); nadadeiras dorsal e caudal podem ser amareladas (3); possui numerosas e pequenas escamas; nadadeira dorsal no meio do corpo.

CHAETODIPTERUS FABER (BROUSSONET, 1782)



■ *Nomes vulgares*

Paru-branco (BRA); Atlantic spadefish (ING); Disque portuguais (FRA); Paguala (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) até o Rio Grande do Sul (Brasil). É mais comumente encontrada em águas costeiras de até 40 m de profundidade. No nordeste, foi amostrada exclusivamente no estado do Ceará, proveniente dos desembarques, principalmente, da frota que operou com linha de fundo (93%) e, em menor escala, pela rede de emalhar (7%). A profundidade de captura variou de 8 a 33 m. Recurso pouco frequente nos desembarques, totalizou 0,082% dos exemplares amostrados na região. Sua carne não tem valor econômico. Ocorrem em armadilhas (covo) para peixe no estado de Pernambuco, sendo frequentes nessa arte de pesca.

■ *Tamanho*

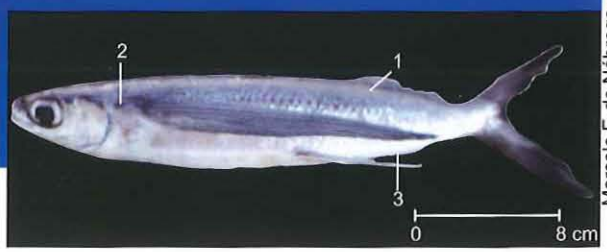
Nas capturas de linha: 9 a 33,5 cm C_z (média de 21,5 cm) e nas de rede: 18,5 a 30 cm C_z (média de 25,5 cm).

■ *Características*

D.IX, 21-23; A.III, 18-19. Corpo arredondado, alto e muito comprimido; boca pequena, maxilar termina bem antes do olho; lobos moles das nadadeiras dorsal e anal alongados nos adultos, ultrapassando a base da caudal, que é emarginada (1). Cinza-pérola com barras pretas verticais (2); jovens mais escuros, mas com algumas manchinhas brancas; nos jovens, o segundo espinho dorsal é muito alongado, diminuindo o tamanho com a idade (3).

FAMÍLIA EXOCOETIDAE

CYPSELURUS CYANOPTERUS (VALENCIENNES, 1846)



■ ***Nomes vulgares***

Peixe-voador-holandês (BRA); Margined flyngfish (ING); Exocet codène (FRA); Volador bordiblanco (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre na costa leste e oeste do Atlântico, da Flórida (EUA) até o nordeste do Brasil. Foi registrada nos desembarques no norte da Bahia, no limite sul de sua distribuição, proveniente de embarcações que operaram com linha de mão de superfície. É utilizada como isca na captura de grandes peixes pelágicos, como Coryphaena hippurus e Thunnus spp., capturada na área oceânica, onde é comum. Apesar de apresentar baixa frequência (0,101%) nas capturas da frota artesanal do nordeste, representa importante recurso pesqueiro no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, para a frota industrial que opera naquela área, entre os meses de dezembro e março, quando se reproduz nas adjacências do arquipélago. Serve como isca viva para a captura, principalmente, da albacora Thunnus albacares, que acompanha a agregação reprodutiva dessa espécie para alimentação. Possui baixo valor comercial, mas lhe é atribuída importância ecológica na cadeia trófica da região, por se constituir em alimento para as demais espécies.

■ ***Tamanho***

Comprimento variou entre 20,5 e 32,4 cm C_z (média de 30,2 cm).

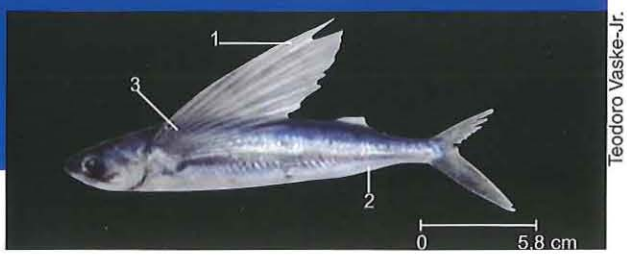
■ ***Características***

D.13; A.10; P.14. Apresenta somente primeiro raio da nadadeira peitoral não ramificado. As nadadeiras peitorais são longas e alcançam até o final da nadadeira pélvica; nadadeira dorsal com mancha proeminente escura (1); dorso escuro, azul-esverdeado quando vivo (2); nadadeira pélvica grande, chegando até ao meio da nadadeira anal (3).

Peixes Ósseos

Família Exocoetidae

Hirundichthys affinis (Günther, 1866)



■ ***Nomes vulgares***

Peixe-voador-de-quatro-asas (BRA); Fourwing flyingfish (ING); Exocet hirondelle (FRA); Volador golondrina (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se em águas tropicais e subtropicais do Atlântico, incluindo o Caribe e Golfo do México, até o nordeste do Brasil. Amostrado nos desembarques no Rio Grande do Norte, no período de abril a julho, quando ocorre a safra da espécie. As embarcações motorizadas e à vela frequentam a área conhecida como "água do voador", região onde a espécie desova em agregações de algas, utilizadas como substrato para adesão de seus ovos pelágicos. Nesse período, são capturados milhares de exemplares, que servem também como isca viva para a captura de grandes peixes pelágicos. A arte de pesca mais empregada nas capturas é uma rede de emalhar de superfície, com apenas 10 m de comprimento e 1,5 m de altura; o puçá é também utilizado, geralmente à noite, junto com atração luminosa. A área do peixe-voador se localiza entre 700 e 1.000 m de profundidade, em frente à cidade de Caiçara do Norte (RN). Apresentou alta frequência nas amostras do Programa REVIZEE (4,762%), caracterizando-se como importante recurso pesqueiro para a frota artesanal da região Nordeste.

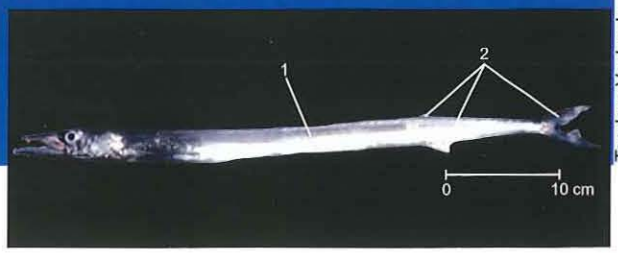
■ ***Tamanho***

Comprimento de 18 a 29,8 cm C_z (média de 23,1 cm).

■ ***Características***

D.11; A.11. Apresenta o dorso com coloração parecida a *de C. cyanopterus*, mas com a nadadeira peitoral escura (com um triângulo pálido no meio), com bordas claras (1); nadadeira pélvica longa, alcançando além da origem da nadadeira anal (2); primeiro raio da nadadeira peitoral é simples e menor que o do *H. speculiger* (3); segundo raio da peitoral bifurcado.

GEMPYLUS SERPENS
(VALENCIENNES, 1847)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Espada-preta (BRA); Snake mackerel (ING); Escolier serpent (FRA); Escolar de canal (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre em águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos, sendo frequente a captura de adultos em águas temperadas. Espécie pelágica oceânica, habita profundidades maiores que 200 m, sendo encontrado na superfície durante a noite. É capturada pela frota industrial espinheleira, sendo frequente nas prospecções com espinhel pelágico do SCORE-NE/REVIZEE, capturada entre profundidades de 60 e 238 m (média de 155 m). Ocorre, ocasionalmente, na pesca com espinhel nas adjacências do ASPSP. Larvas são encontradas no plâncton e formas jovens ocorrem em conteúdos estomacais de atuns, indicando que a espécie se reproduz na região. Sem interesse comercial.

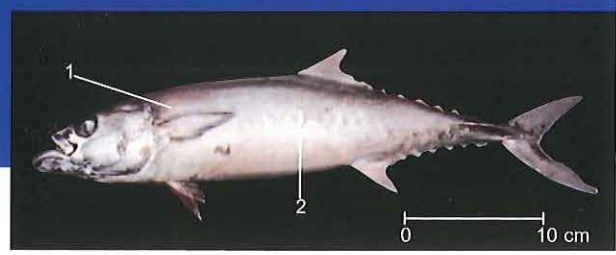
■ *Tamanho*

C_z de 51 a 204 cm, com média de 83,9 cm.

■ *Características*

D.XXVII-VI,10-14; A.III,10-12. Apresenta coloração cinza metálico escuro em todo corpo (1). Olhos grandes e dentes palatinos proeminentes. Nadadeiras marrons e margens negras (2); duas linhas laterais, ambas se originando embaixo do primeiro espinho da nadadeira dorsal.

LEPIDOCYBIUM FLAVOBRUNNEUM (SMITH, 1849)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Peixe-prego-de-espinho (BRA); Escolar (ING); Escolier noir (FRA); Escolar negro (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se em águas tropicais e subtropicais de todo o mundo. Espécie pelágica oceânica de águas profundas, abaixo dos 200 m de profundidade. É capturada acidentalmente na ZEE-Nordeste pela frota industrial que utiliza espinhel para atuns e afins. Foi também registrada nas capturas das prospecções com espinhel pelágico do SCORE-NE/REVIZEE, em profundidades de 139 a 191 m (média de 165 m). Não apresenta importância comercial.

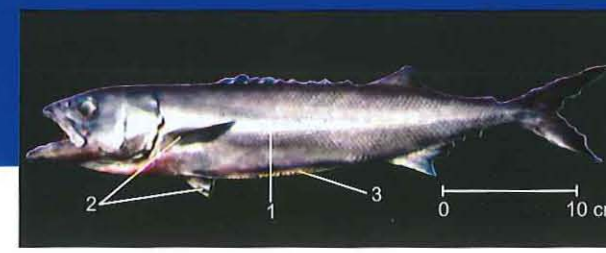
■ *Tamanho*

C_z de 75 a 129 cm, com média de 94 cm.

■ *Características*

D.VIII-I, 16-18; A.13-15+4-5; P.15. Corpo moderadamente alongado. Coloração marrom-escura uniforme, tendendo ao negro com a idade (1); linha lateral bem sinuosa (2).

RUVETTUS PRETIOSUS
(COCCO, 1833)



Teodoro Vaske-Jr.

■ ***Nomes vulgares***

Peixe-prego-liso (BRA); Oilfish (ING); Rouvet (FRA); Escolar clavo (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Espécie cosmopolita de oceanos tropicais e subtropicais, distribuída por toda a região oceânica da ZEE-Nordeste, a partir da isóbata de 200 m. É capturada incidentalmente pela frota industrial espinheleira do nordeste, tendo sido registrada nos cruzeiros de prospecção do SCORE-NE/REVIZEE , entre profundidades de 62 e 224 m (média de 147 m). Capturada, ocasionalmente, com espinhel ou com linha de mão, lançada a mais de 150 m de profundidade próximo às ilhas do ASPSP. Não tem boa aceitação comercial devido à carne muito oleosa (gordurosa).

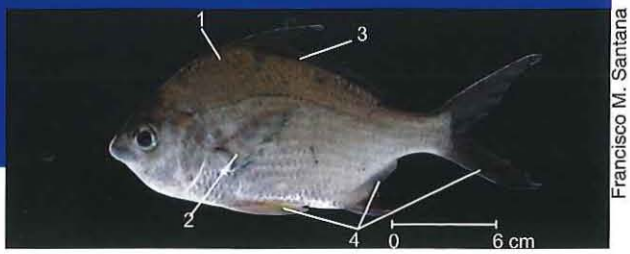
■ ***Tamanho***

Comprimento de 62 a 138 cm C_z, com média de 107 cm.

■ ***Características***

D.XIII-II, 15-18; A.15-18. Coloração marrom-escura (1), com nadadeiras peitorais e pélvicas pretas (2); escamas ciclóides alternadas com tubérculos ósseos e uma grande quilha serrilhada entre as nadadeiras pélvica e anal (3).

DIAPTERUS RHOMBEUS (CUVIER, 1829)



■ *Nomes vulgares*

Carapeba (BRA); Caitipa mojarra (ING); Blanche gross yaya (FRA); Mojarra caitipa (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se do sul do Golfo do México até o sul da Bahia. Habita área semelhante a *de D. auratus*. A espécie foi registrada nos desembarques da frota de linha de fundo em Pernambuco, em profundidades de 10 a 26 m. Foi rara nas amostragens, representando 0,002% do total. Apresenta baixo valor comercial, apesar de possuir carne saborosa.

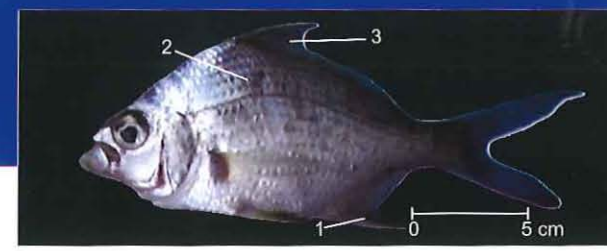
■ *Tamanho*

Comprimento variou de 12 a 19,5 cm C_z, com média de 15,8 cm.

■ *Características*

D.IX, 10; A.II, 9; P.16. Coloração prateada escura no dorso (1), mais clara no ventre. Nadadeiras peitorais claras (2), dorsal anterior com a margem superior enegrecida (3), demais nadadeiras com pigmentação escura esparsa (4). Jovens com traços verticais escuros nos lados do corpo.

EUGERRES BRASILIANUS (CUVIER, 1830)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Carapeba-listrada (BRA); Striped Mojara (ING); Patao Rayado (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no Pacífico oriental e Atlântico ocidental, desde Belize até o sul do Brasil. Espécie costeira associada a estuários e lagoas salinas ao longo da costa; em águas marinhas, ocorre até 25 m de profundidade, geralmente, em fundos de areia, cascalho ou lama. Não foi registrada nas amostragens do REVIZEE no nordeste do Brasil, mas é comum a captura principalmente na rede de emalhar direcionada para a tainha, dentro dos estuários. Não possui valor comercial, pois sua carne não é muito apreciada.

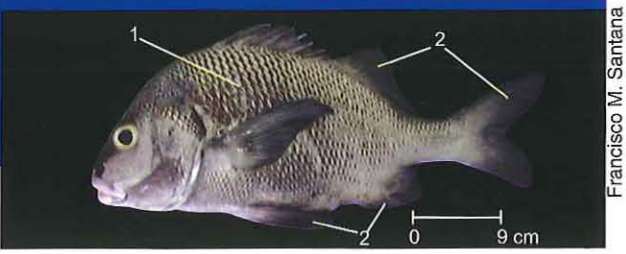
■ *Tamanho*

Comprimento máximo de 35 cm C_z, aproximadamente, com média de 22 cm.

■ *Características*

D.IX, 10; A.III, 7; R.10-12. Apresenta o segundo espinho da nadadeira anal maior que a base da mesma (1). Coloração prateada com estrias escuras ao longo das séries longitudinais de escamas (2) e dorso mais escuro, cinza e verde (3). Nadadeira dorsal anterior enegrecida, peitorais claras e demais nadadeiras escurecidas.

ANISOTREMUS SURINAMENSIS (BLOCH, 1791)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Pirambú (BRA); Black margate (ING); Lippu croupia (FRA); Berro pompón (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, do Panamá até o Rio de Janeiro e também na costa leste tropical do Pacífico. Foi registrada nos desembarques de linha de fundo (93,9%) e, com menos freqüência, em armadilha (covo) para peixe (6,1%). Apresentou os maiores volumes no Rio Grande do Norte (49,3%) e Pernambuco (40,4%); na Bahia foi pouco frequente (10,4%). Recurso costeiro capturado entre 15 e 60 m de profundidade. É também capturada por linha de fundo no Arquipélago de Fernando de Noronha, sendo pouco frequente nas capturas. Apresentou baixa porcentagem de exemplares amostrados no nordeste (0,055%). Possui baixo valor comercial

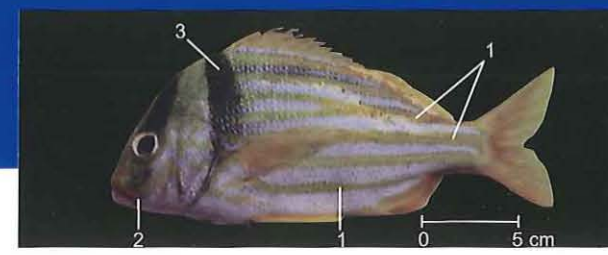
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha15,5 a 52 cm C_z (média de 30,2 cm) e nas de covo 37 a 44 cm C_z (média de 39,5 cm).

■ *Características*

D.XII, 16-17; A.III, 8-9; P.18. Possui lábios grossos, muito evidentes; corpo cinza-prateado, com escamas de centro escuro (1), muito mais escuro na região anterior, nadadeiras escuras (2).

ANISOTREMUS VIRGINICUS (LINNAEUS, 1758)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Salema (BRA); Porkfish (ING); Lippu rondeau (FRA); Burro catalina (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se de Yucatán (México) ao sul do Brasil. Foi predominou nos desembarques em Pernambuco (90,7%) e teve baixa frequência no Ceará (5,5%), norte da Bahia (3,3%) e Piauí (0,5%). A rede de emalhar contribuiu com os maiores desembarques (74,3%), seguida pelo covo (18,1%), e apenas 7,6% foram capturados pela linha de fundo. Espécie costeira comum entre 10 e 43 m de profundidade. Teve baixa ocorrência nos desembarques (0,150%) amostrados pelo Programa REVIZEE; sua carne é pouco apreciada e apresenta baixo valor comercial.

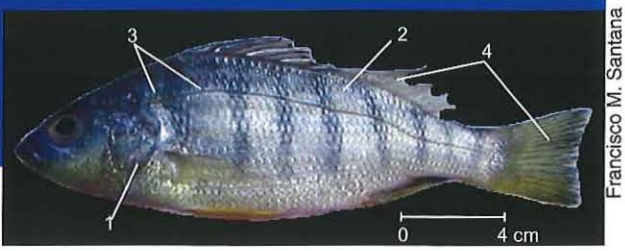
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede: 16 a 31 cm C_z (média de 22 cm), no covo: 11,2 a 27 cm C_z (média de 9,6 cm) e na linha: 18,7 a 35,5 cm C_z (média de 24,1 cm).

■ *Características*

D.XII, 16-17; A.III,9-11. Possui coloração branco-prateada, com 6 a 8 faixas alternadas, amarelas e azuis, longitudinais da cabeça ao pedúnculo caudal (1). Uma barra negra, do canto da boca passando pelo olho (2). Outra barra negra vertical, com origem na nadadeira peitoral, alcançando o início da nadadeira dorsal (3).

CONODON NOBILIS (LINNAEUS, 1758)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Coró amarelo (BRA); Barred grunt (ING); Cagna rayée (FRA); Ronco canário (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se da Península de Yucatan (México) ao sul do Brasil. Espécie costeira, habita áreas com profundidades de até 30 m. Foi amostrada no Ceará, nos desembarques da frota de rede de emalhar. A profundidade de captura foi de 16 m. Sua ocorrência nas amostragens do Programa REVIZEE foi muito baixa (0,007%). Apresenta baixo valor comercial.

■ *Tamanho*

Comprimento 14,8 a 35,4 cm C_z, com média de 21,7 cm.

■ *Características*

D.XI, 12-13; A.III,7-8; P.16. Possui corpo alongado; focinho cônico; pré-opérculo com forte espinho no seu ângulo e outros espinhos menores acima e abaixo (1); profunda depressão entre a dorsal espinhosa e a mole (2). Presença de 8 faixas evidentes na região superior do corpo (3); nadadeiras caudal e dorsal mole amarela (4), com margens escurecidas.

GENYATREMUS LUTEUS (BLOCH, 1795)

■ *Nomes vulgares*

Peixe-pedra, Coró (BRA); Torroto grunt (ING); Lippu tricroupia (FRA); Ronco torroto (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde o Caribe (Colômbia) até o nordeste do Brasil. É encontrada em fundos de areia e lama, até, aproximadamente, 40 m de profundidade, em águas estuarinas e costeiras. Somente dois exemplares foram identificados nas amostragens da região Nordeste, no estado do Piauí, proveniente da frota de rede de emalhar, capturados em profundidades de 12 e 20,5 m. Na região não existe interesse comercial por essa espécie, embora tenha alto valor comercial no Norte do Brasil.

■ *Tamanho*

Comprimento: 19 e 29 cm C_z.

■ *Características*

D.XIII, 12;A.III, 11; P.17-18. Coloração prateada e escura na parte dorsal, passando, gradualmente, a branca prateada no ventre. Apresenta uma faixa negra muito destacada na região pré-dorsal, que gradualmente se estreita e perde intensidade antes da origem da nadadeira pélvica. Pré-opérculo serrilhado (1). Perfil anterior da cabeça com saliência na altura do olho (2). Nadadeira dorsal cinza-escura com a borda negra (3). Nadadeiras pélvicas amarelo-claras com ampla margem negra (4). Nadadeira caudal amarelada ou alaranjada, com ampla margem negra (5).

HAEMULON AUROLINEATUM (CUVIER, 1830)

Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Xira-branca (BRA); Sapuruna (BRA); Tomtate grunt (ENG); Gorette tomtate (FRA); Ronco jeníguano (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre do sul da Flórida (EUA) e Golfo do México até o sudeste do Brasil. Os maiores desembarques ocorreram em Pernambuco (80,2%), nas amostragens de covo (97,3%), no Ceará (17,5%) e norte da Bahia (2,3%). Desembarques menos expressivos foram registrados da linha de fundo. Essa espécie possui distribuição costeira, associada a ambientes recifais, foi capturada entre 10 e 40 m de profundidade (média de 26 m). Recurso razoavelmente bem representado nas amostragens (1,246%), sendo comumente comercializado, entretanto possui baixo valor comercial.

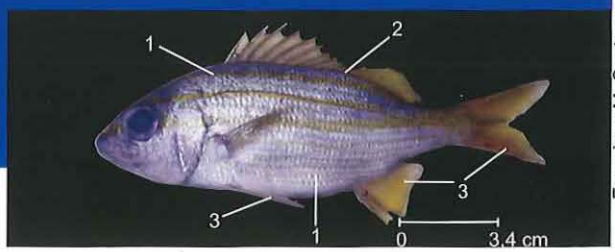
■ *Tamanho*

Nas capturas de covos: 11 a 33 cm C_z (média de 16,4 cm) e nas de linha: 14 a 19,3 cm C_z (média de 16,4 cm).

■ *Características*

D.XIII, 14-15; A.III, 9; P.17-18. Coloração branca-prateada, dorso mais escuro, alto da cabeça e focinho marrons (1); uma faixa amarela-dourada, que vai da ponta do focinho à base da nadadeira caudal, passando pelo olho, e outra mais estreita, no dorso, acima da linha lateral (2); mancha redonda, escura, na base da caudal (3).

HAEMULON CHRYSARGYREUM (GUNTHER, 1859)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Xira-Amarela (BRA); Smallmouth grunt (ING); Gorette tibouche (FRA); Ronco boquilla (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se do sul da Flórida (EUA) e Golfo do México até o sudeste do Brasil, em áreas costeiras associadas a ambientes recifais, entre 10 e 30 m de profundidade. No nordeste, a explotação dessa espécie ocorre com maior frequência em Pernambuco (71,1%), na frota de covo para peixe. Nas capturas de embarcações que operaram no norte da Bahia, representaram 28,9%, com linha de fundo totalizando 5,3% e rede de emalhar com 23,7%. A profundidade de captura variou de 18 a 42 m (média de 25 m). Menos abundante nos desembarques que H. aurolineatum, representou apenas 0,36% dos exemplares medidos nas amostragens. Possui baixo valor comercial.

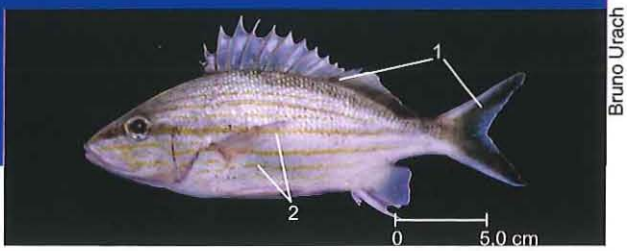
■ *Tamanho*

Nas capturas de covo: 14,5 a 19,2 cm C_z (média de 17 cm), nas de linha: 15,6 a 16 cm C_z (média de 15,8 cm) e nas de rede: 14,4 cm C_z.

■ *Características*

D.XII,13; A.III,9-10. Possui de cinco a seis faixas amarelas longitudinais, do início da cabeça até o pedúnculo caudal (1). Primeiro raio da nadadeira dorsal bem maior que o último espinho dorsal (2); nadadeiras pélvica, anal e caudal amarelas (3).

HAEMULON MELANURUM (LINNAEUS, 1758)



■ *Nomes vulgares*

Sapuruna-preta (BRA); Gottonwick (ING); Gorette meche (FRA); Ronco mapurite (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre do Texas (EUA), América Central até o nordeste do Brasil. Foi registrada nos desembarques da frota do Ceará (97,8%), que atuou com linha de fundo, e apenas 2,2% nos desembarques da frota de covo para peixe, em Pernambuco. É capturada entre 10 e 40 m. Recurso importante para a frota à vela do Ceará, onde apresentou razoável frequência nos desembarques, representando 0,610% do total amostrado no nordeste. Possui baixo valor comercial.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 13,5 a 30,5 cm C_z (média de 21,3 cm) e nas de covo: 23 a 30,5 cm C_z (média de 26,2 cm).

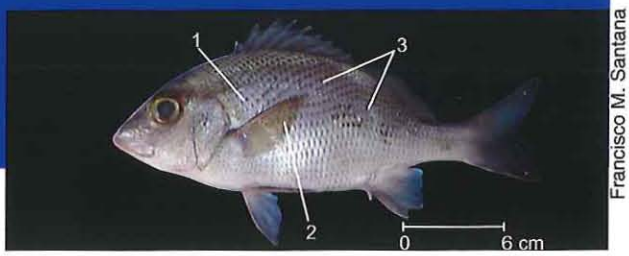
■ *Características*

D.XII, 15-17; A.III, 8-9; P.18. Possui distinta faixa escura da origem da dorsal à base da caudal, onde se ramifica pelos dois lobos da nadadeira caudal (1), mantendo as margens destas pálidas; apresenta, em média, oito faixas amarelas finas longitudinais por todo corpo (2).

Peixes Ósseos

Família Haemulidae

Haemulon parrai (Desmarest, 1823)



■ ***Nomes vulgares***

Cambuba (BRA); Sailor's grunt (ENG); Gorette marchand (FRA); Ronco plateado (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se da Flórida (EUA) até o sul da Bahia. Em Pernambuco, obteve a maior frequência de exemplares (89,3%) nos desembarques da frota que operou com covo para peixe (76,7%); no norte da Bahia (7,1%) e Ceará (3,6%), poucos indivíduos foram amostrados, provenientes da frota de rede de emalhar (20,9%) e linha de fundo (2,3%). As capturas ocorreram em profundidades que variaram entre 15 e 45 m. Na amostra total do Programa REVIZEE, apresentou baixa frequência (0,077%). Possui baixo valor comercial.

■ ***Tamanho***

Nas capturas de rede: 18 a 33,7 cm C_z (média de 24,6 cm) e nos covos: 15 a 27,3 cm C_z (média de 21,2 cm).

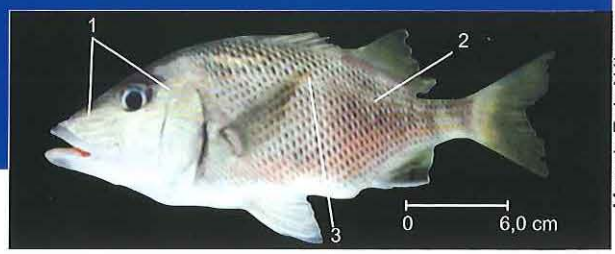
■ ***Características***

D.XII, 16-18;A.III, 8; P.17. Corpo com coloração prateada (1); boca grande, não apresenta faixas amarelas pelo corpo, como a maioria das outras espécies do gênero; nadadeira peitoral densamente escamada (2); única espécie do gênero com tal característica: escamas com pontos escuros no centro (3).

Peixes Ósseos

Família Haemulidae

Haemulon plumieri (Lacepède, 1801)



Marcelo F. de Nóbrega

■ ***Nomes vulgares***

Biquara (BRA); White grunt (ENG); Gorette blanche (FRA); Ronco margariteño (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre da Flórida (EUA) até o sudeste do Brasil. A maior abundância foi no Ceará (72,7%), com menor frequência nos desembarques de Pernambuco (13,9%), norte da Bahia (9,7%) e Rio Grande do Norte (3,6%). A linha de fundo foi o aparelho mais utilizado na captura desse recurso (85,8%); o covo representou 12,9% dos indivíduos desembarcados e a rede de emalhar, 1,3%. As capturas variaram entre 15 e 43 m de profundidade. Essa espécie representa importante recurso para frota artesanal da região. Totalizou 2,119% dos exemplares amostrados pelo Programa REVIZEE. É comum no comércio e possui razoável valor.

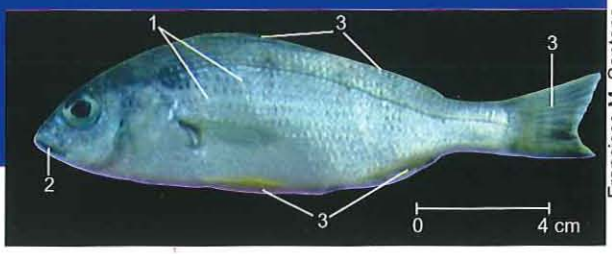
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 13 a 40 cm C_z (média de 23,7 cm), no covo: 15,3 a 31,5 cm C_z (média de 21,7 cm) e na rede de emalhar: 15,5 a 36 cm C_z (média de 27,2 cm).

■ ***Características***

D.XII, 15-17; A.III,8-10; P.16-17. Possui boca grande; coloração azul-prateada a amarela-clara, com linhas azuis na cabeça (1); escamas do corpo com manchas azuladas no centro (2); nadadeira peitoral quase atingindo o início da nadadeira anal (3).

POMADASYS CORVINAEFORMIS (STEINDACHNER, 1868)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Coró-branco (BRA); Roughneck grunt (ING); Grondeur gris (FRA); Corocoro gris (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre no Atlântico ocidental, Caribe (incluindo Antilhas), tanto insular como continental, até o sul do Brasil. Habita fundos de areia e lama, próximos a costa, estuários, mangues e rios costeiros. Sua ocorrência, na região Nordeste, foi restrita ao estado do Ceará, onde foram registrados apenas 16 exemplares, desembarcados pela frota de rede de emalhar; as capturas foram realizadas em profundidades de 6 a 18 m. Sua carne é branca e saborosa, mas, devido ao seu pequeno porte, possui baixo valor comercial.

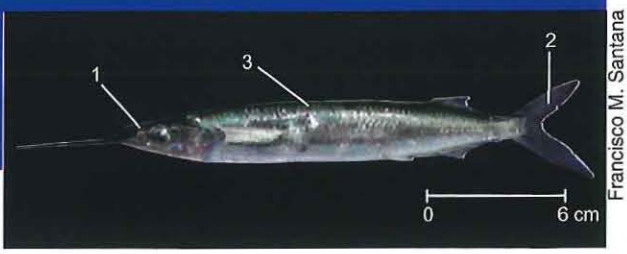
■ *Tamanho*

C_z de 13 a 18,5 cm, com média de 15,2 cm.

■ *Características*

D.XI-I, 14-16; A.III, 6-7; P.15-17. Coloração cinza-prateada na parte dorsal e clara ventralmente. Lados do corpo com estrias longitudinais (1) amareladas. Lábios marrom-escuros (2). Nadadeiras transparentes (3), mais ou menos sombreadas. As nadadeiras caudal e pélvica apresentam tons amarelados.

HEMIRAMPHUS BRASILIENSIS (LINNAEUS, 1758)



■ *Nomes vulgares*

Agulhinha-preta (BRA); Ballyhoo halfbeak (ING); Démi-brésilien (FRA); Agujeta brasilieña (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre da Flórida (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie pelágica costeira, capturada com mais frequência em áreas de até 15 m de profundidade. No nordeste brasileiro, foram amostrados grandes volumes em Pernambuco (78,9%) e, em menor escala, no Rio Grande do Norte (20,9%); no norte da Bahia, a espécie foi rara nos desembarques (0,1%). O aparelho mais eficiente na captura desse recurso foi à rede de cerco (98,2%); capturas eventuais foram observadas para linha de mão (1,7%) e rede de emalhar (0,1%). A profundidade de captura variou de 4 a 15 m. Em Pernambuco, existe uma frota direcionada para esse recurso; representou 2,899% do total registrado no nordeste. Possui altos valores comerciais, sendo comercializada em bares e restaurantes em Pernambuco e Rio Grande do Norte. Serve também como isca na captura de grandes peixes pelágicos e demersais.

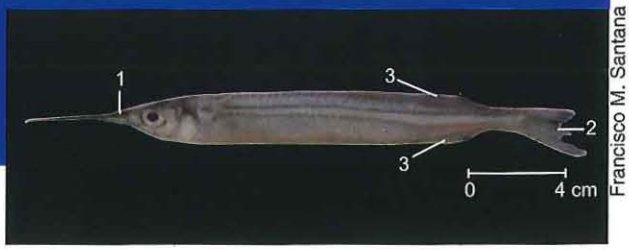
■ *Tamanho*

Nas capturas da rede de cerco, 8 a 31 cm C_z (média de 19,5 cm); nas de linha, 17,5 a 25 cm C_z (média de 21 cm) e, na rede de emalhar, 21,3 a 27,4 cm C_z (média de 23,9 cm).

■ *Características*

D.13-14; A.12-13; P.10-11. Mandíbula inferior bem prolongada, parecendo um bico; mandíbula superior curta, triangular e sem escamas (1); nadadeira caudal bem furcada, com o lobo superior bem menor do que o inferior; nadadeira caudal superior alaranjada (2); raio interno da pélvica quase do mesmo comprimento que os demais; peitoral curta menor que a distância da base da nadadeira peitoral até a narina; dorso mais escuro, azul esverdeado (3).

HYPORHAMPHUS UNIFASCIATUS (RANZANI, 1842)



■ *Nomes vulgares*

Agulhinha-branca (BRA); Common halfbeak (ING); Démi-bec blanc (FRA); Agujeta blanca (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se da Flórida (EUA) até o sudeste do Brasil. Na região Nordeste, foi abundante nas amostras do Programa REVIZEE em Pernambuco (99,6%) e rara no Rio grande do Norte (0,4%). A rede de emalhar capturou quase a totalidade (99,5%), sendo amostrado apenas 0,5% dos exemplares da frota de rede de cerco. Essa espécie tem capturas decrescentes desde os anos 90, encontrando-se, segundo resultados do Programa REEVIZEE sobrexplotada. É menos abundante que H. brasiliensis, mas de igual importância em Pernambuco, onde é comercializada em bares e restaurantes, constituindo um prato típico da região. Representou 1,585% de toda atividade de amostragem. Suas capturas são mais costeiras que H. brasiliensis, muitas vezes sendo realizadas dentro do estuário e mangues. É capturada, também, com atração luminosa e puçá durante a noite nos estuários.

■ *Tamanho*

Nas capturas de rede de emalhar: 11,9 a 24 cm C_z (média de 17,7 cm) e nas da rede de cerco: 20,2 a 25,2 C_z (média de 22,3 cm).

■ *Características*

D.14-16; A.15-17; P.10-11. Mandíbula inferior bem prolongada, parecendo um bico; mandíbula superior curta, triangular e com escamas (1); nadadeira caudal margeada ou suavemente furcada (2); base das nadadeiras dorsal e anal coberta de escamas (3).

HOLOCENTRUS ASCENSIONIS (OSBECK, 1765)

Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Mariquita (BRA); Squirrelfish (ING); Marignon coq (FRA); Jaguareçá (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre na costa oeste do Atlântico, de Nova York (EUA) até Santa Catarina. Nas amostragens, foi abundante nos desembarques da frota do Ceará (90,6%) e teve baixa frequência no norte da Bahia (9,4%). A linha de fundo foi predominante nas capturas (99,5%), sendo raramente registrada nos desembarques da rede de emalhar (0,5%). Apresentou distribuição próxima da costa, onde as capturas foram realizadas entre 17 e 60 m de profundidade. Espécie também capturada no Arquipélago de Fernando de Noronha, sendo pouco frequente nos desembarques da frota que ali atua. Foi um recurso bem representado nas amostragens (1,213%) e, apesar do baixo valor comercial, é importante para a frota de linha de fundo do estado do Ceará.

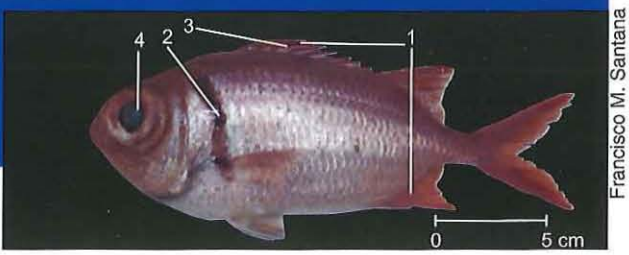
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 13,2 a 32 cm C_z (média de 20,9 cm) e nas de rede: 15 a 24,5 cm C_z (média de 21,5 cm).

■ *Características*

D.XI, 14-16; A.IV, 10; P.16. Possui olhos grandes; maxilar inferior alcança ou ultrapassa o centro do olho (1); forte espinho no ângulo inferior do pré-opérculo (2); nadadeira caudal furcada, com o lobo superior maior; espinhos da dorsal fortes e afiados (3); escamas ctenóides, muito ásperas e bem implantadas na pele. Cor geral prata-avermelhada, com faixas alternadas de branco e vermelho, indistintas e irregulares (4); dorso escuro, ventre mais pálido; nadadeiras mais vermelhas; membrana da dorsal espinhosa amarelada.

MYRIPRISTIS JACOBUS (CUVIER, 1829)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Olho-de-vidro (BRA); Blackbar soldierfish (ENG); Candil de piedra (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre na costa ocidental do Atlântico, da Flórida (EUA) até Santa Catarina. As amostras foram exclusivamente registradas no Ceará da frota de rede de emalhar (87,5%) e linha de fundo (12,5%). Foi capturada entre 10 e 30 m de profundidade. Possui distribuição semelhante à Holocentrus ascensionis, entretanto, foi menos abundante (0,012%). Ocorre também no ASPSP, mas não faz parte das capturas da frota local. Apresenta baixo valor econômico, porém é muito procurado por aquaristas.

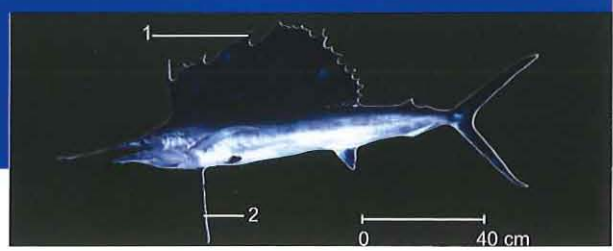
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede: 19,8 a 27,4 cm C_z (média de 21,7 cm) e nas de linha: 16 a 16,5 cm C_z (média de 16,25 cm).

■ *Características*

D.X-I, 14-15; A.IV, 13. P.15. Não possui espinhos grandes na cabeça e no pré-opérculo; margem deste arredondada; nadadeiras dorsal e anal com escamas (1). Corpo vermelho, dorso mais escuro, flancos e ventre pálidos; barra escura e evidente, da borda superior do opérculo à base das peitorais (2); dorsal espinhosa com marcas brancas e vermelhas; nadadeiras anal, caudal e pélvica brancas (3). Apresenta diâmetro do olho maior em relação a *Holocentrus ascensionis* (4).

ISTIOPHORUS ALBICANS (LATREILLE, 1804)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Agulhão-vela (BRA); Atlantic sailfish (ING); Voilier de l' Atlantique (FRA); Pez vela del Atlántico (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se em águas tropicais e temperadas do oceano Atlântico. Espécie pelágica, possui distribuição oceânica e eventualmente se aproxima da costa. Na região Nordeste, ocorreu com maior frequência nos desembarques do Rio Grande do Norte (47,1%) e norte da Bahia (32,4%), apresentando menor ocorrência no Ceará (20,6%). A linha de mão, utilizada em meia-água, foi predominante nas capturas. Os pesqueiros apresentaram distâncias da costa entre 10,68 e 44,75 km, com profundidades de 48 a 450 m (média de 120 m). Espécie muito abundante nas prospecções com espinhel pelágico do REVIZEE, capturada em profundidades de 56 a 224 m (média de 115 m). Ocorre também nos desembarques da frota que atua nos Arquipélagos de São Pedro e São Paulo e de Fernando de Noronha, mas com baixa frequência. Representou apenas 0,11% do peso das amostragens da pesca artesanal do nordeste, sendo à espécie de agulhão mais frequente nos desembarques dessa frota. Sua carne possui alto valor comercial, sendo frequente no comércio e no abastecimento de restaurantes de comida japonesa do nordeste.

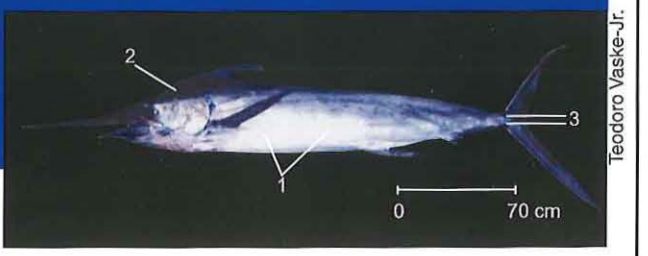
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 76,5 a 180 cm C_z (média de 140,2 cm) e no espinhel: 109 a 225 cm C_z (média de 162 cm).

■ *Características*

D.42-46+6-7; A.11-14+6-7; V.24. Primeira nadadeira dorsal muito grande, como uma vela, notadamente mais alta do que a altura do corpo (1); grande nadadeira pélvica, chegando próximo ao ânus (2). Coloração azul-escura no dorso e azul-clara nas laterais; possui 20 listras longitudinais ao longo do corpo, cada listra composta por muitos pontos azuis-claros; o ventre é prateado.

MAKAIRA NIGRICANS (LACEPÈDE, 1802)



■ *Nomes vulgares*

Marlin-azul (BRA); Agulhão-negro (BRA); Atlantic blue marlin (ING); Makaire bleu de l'Atlantique (FRA); Aguja azul del Atlántico (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

espécie de águas tropicais e subtropicais. Habita águas oceânicas epipelágicas, com temperatura de 22° a 31°C. Tem grande importância comercial, sendo um dos principais alvos da pesca esportiva em toda a costa brasileira, principalmente em Fernando de Noronha, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Comum nas prospecções com espinhel pelágico do REVIZEE, em profundidades entre 78 e 224 m, com média de 136 m. Ocorre, também, nas adjacências do ASPSP, sendo eventualmente capturada pela frota que ali atua. Carne de excelente qualidade e alto valor comercial.

■ *Tamanho*

Nas capturas de espinhel: 134 a 375 cm C_z, média de 269,5 cm.

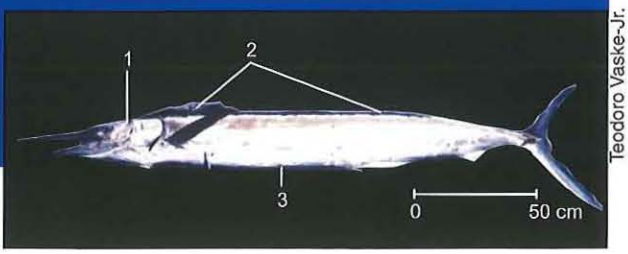
■ *Características*

D.39-43, 6-7; A.13-16, 6-7; P.19-22; V.24. Cor azul-escura no dorso, flancos e ventre branco-prateados. Linha lateral reticulada, como um desenho (1); presença de uma elevação entre a região pré-orbital e a origem da primeira nadadeira dorsal (2); presença de um par de quilhas em cada lado do pedúnculo caudal (3).

Peixes Ósseos

Família Istiophoridae

Tetrapturus albidus (Poey, 1860)



■ ***Nomes vulgares***

Agulhão-branco (BRA) ; Atlantic white marlin (ING) ; Makaire blanc de l'Atlantique (FRA); Aguja blanca del Atlántico (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

A distribuição dessa espécie, no oceano Atlântico, estende-se de 45°N a 35°S, ocorrendo também no Mar Mediterrâneo. No nordeste do Brasil, as capturas foram restritas ao Ceará, provenientes dos desembarques da frota de linha. As profundidades de captura registradas variaram entre 80 e 142 m. Espécie muito frequente nas operações de prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE, capturada em áreas com profundidade de 56 a 224 m (média de 132 m). Recurso raramente observado nos desembarques da frota artesanal do nordeste, onde representou apenas 0,003%. É frequente nas capturas da frota industrial espinheleira e no ASPSP.

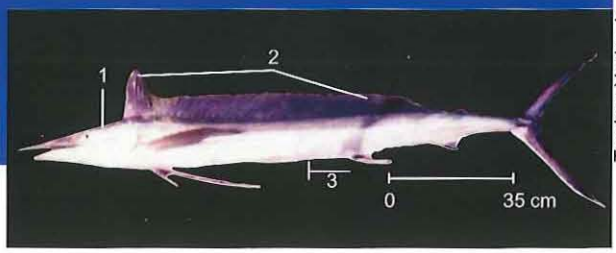
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 113,2 a 134 cm C_z e no espinhel: 105 a 207 cm C_z (média de 153 cm).

■ ***Características***

D.38-46+5-6; A.12-17+5-6; V.24. Presença de uma suave elevação entre a região pré-orbital e a origem da primeira nadadeira dorsal (1); região anterior da primeira nadadeira dorsal muito maior do que a posterior (2); ânus próximo à origem da primeira nadadeira anal (3).

TETRAPTURUS PFLUEGERI (ROBINS E DE SYLVA, 1963)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Agulhão-verde (BRA); Longbill spearfish (ENG); Makaire bécune (FRA); Aguja picuda (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no Oceano Atlântico, entre 40°N e 35°S. As capturas dessa espécie foram registradas para frota que operou com linha no estado do Rio Grande do Norte. Espécie pelágica de distribuição oceânica, foi capturada em áreas com profundidades de 120 a 240 m. Recurso muito freqüente nas capturas da prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE, em áreas de profundidades de 57 a 217 m (média de 116 m). É também freqüente nas capturas da frota industrial espinheleira que atua na ZEE-Nordeste e no ASPSP. Nas amostragens da pesca artesanal, foi rara nos desembarques, totalizando 0,004% do número e 0,05% do peso registrado em toda a região Nordeste do Brasil.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 145 a 171,5 cm C_z (média de 160,6 cm) e no espinhel: 110 a 235 cm C_z (média de 164,8 cm).

■ *Características*

D.44-50+6-7; A.12-17+6-7; V.24. Apresenta pequena elevação entre a região pré-orbital e a origem da primeira nadadeira dorsal (1); região anterior da primeira nadadeira dorsal um pouco mais elevada que a posterior (2); ânus distante da origem da primeira nadadeira anal (3).

BODIANUS RUFUS (LINNAEUS, 1758)

André Vasconcelos

Nomes vulgares

Budião-papagaio (BRA); Hogfish (ING); Loro Gallo (ESP).

Região de ocorrência e importância comercial

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde Bermuda e sul da Flórida (EUA) até o sudeste do Brasil, incluindo o Caribe e o Golfo do México. Habita substratos duros, com preferência por águas claras e recifes de corais, entre 3 e 30 m de profundidade. No nordeste do Brasil, foram amostrados apenas 3 exemplares no estado de Pernambuco, desembarcados pela frota de linha de fundo, sendo capturados em uma profundidade de 18 m. Não possui valor comercial para consumo, entretanto é bastante procurada no mercado da aquariofilia.

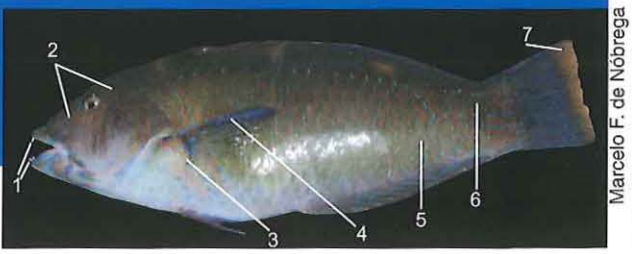
Tamanho

C_t de 20 a 21 cm.

Características

D.XII, 10; A.III, 12; P.16. Possui coloração característica e vistosa, com a parte anterior superior dos lados do corpo violácea, até, aproximadamente, a metade do corpo. Parte posterior do corpo e metade ventral amarelas douradas ou alaranjado. Possui os lábios grossos (1). Apresenta duas estrias escuras atrás do olho (2). Raios das nadadeiras dorsal, anal e caudal alongados (3).

HALICHOERES RADIATUS (LINNAEUS, 1758)



Marcelo F. de Nóbrega

Nomes vulgares

Budião-verde (BRA); Puddingwife wrasse (ING); Doncella verde (ESP).

Região de ocorrência e importância comercial

Espécie de águas tropicais do Atlântico, habita recifes de águas rasas, até, aproximamente, 60 m de profundidade, e ilhas oceânicas. Ocorre da Carolina do Norte (EUA) até o sul da Bahia. Na região Nordeste do Brasil, apresentou apenas dois exemplares, amostrados no sul de Pernambuco, provenientes de linha de fundo, capturados em uma profundidade de 26 m. Ocorre também em Fernando de Noronha e nas adjacências do ASPSP, mas não faz parte das capturas das frotas que atuam nesses arquipélagos. Não possui valor comercial. Impressiona pelas cores vivas e por sua beleza.

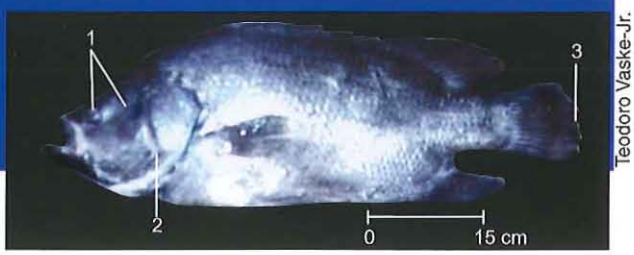
Tamanho

C_t de 26 e 45 cm.

Características

D.IX, 11; A.III, 12. Dois pares de dentes caninos proeminentes (1); apresenta listras azuis na cabeça (2); base da nadadeira peitoral com uma mancha azul (3), com borda superior azul-violácea (4); cor predominante amarelada com pontos (5) e traços azuis (6). Extremidade da cauda amarela (7).

LOBOTES SURINAMENSIS (BLOCH, 1790)



Teodoro Vaske-Jr.

Nomes vulgares

Chancarana (BRA); Tripletail (ING); Biajaca de la Mar (ESP).

Região de captura e importância comercial

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, do Maine (EUA) até a Argentina. A captura desse recurso ocorreu no Rio Grande do Norte (75%), sendo amostrado em menor proporção no norte da Bahia (16,7%) e no Ceará (8,3%). Espécie pelágica, foi exclusivamente capturada pela linha de superfície, estando, geralmente, associada a sargaços, tábuas, bóias, plataformas de petróleo e pilares. Foi capturada em áreas com profundidade de 60 a 145 m. Sua ocorrência foi baixa, representando 0,01% do total registrado na região. Possui carne muito saborosa, porém dificilmente é encontrada no comércio, devido à sua baixa abundância na região.

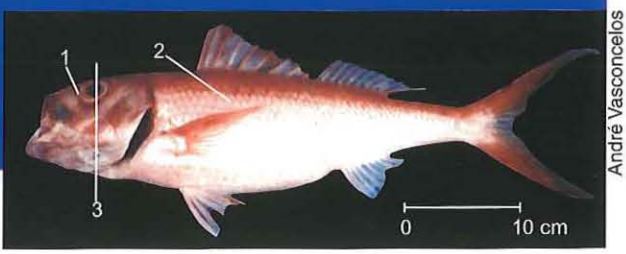
Tamanho

Comprimento variou entre 54 e 72 cm C_t, com média de 61,6 cm.

Características

D.XII, 16-17; A.III, 11; P.16. Corpo muito alto e comprimido; cabeça e olhos pequenos (1); lobo posterior da dorsal e anal amplo; pré-opérculo com espinhos afiados (2). Coloração marrom, preta ou amarela, podendo variar seu padrão conforme o meio em que se encontra; nadadeira caudal com margem clara (3).

ETELIS OCULATUS (VALENCIENNES, 1828)



■ *Nomes vulgares*

Mariquitão (BRA); Pargo Mariquita (BRA); Queen snapper (ING).

■ *Região de captura e importância comercial*

Sua distribuição é relatada, no oceano Atlântico ocidental, das Bermudas (EUA) até o sudeste do Brasil. Apresentou proporção semelhante no norte da Bahia (49,1%) e Pernambuco (50,9%), em numero de exemplares. A linha de fundo foi a arte predominante nas capturas (79,6%); enquanto o covo (18,5%) e a rede de emalhar de espera (1,9%) foram pouco eficientes na captura desse recurso. As capturas foram realizadas entre 43 e 340 m de profundidade (média de 136 m), em pesqueiros com distância da costa de 16,34 a 39,15 km (média de 23,18 km). Apresentou baixa frequência de ocorrência (0,090%) na amostra total, uma das menores da família. Sua carne é de boa qualidade, mas rara no comércio de pescados.

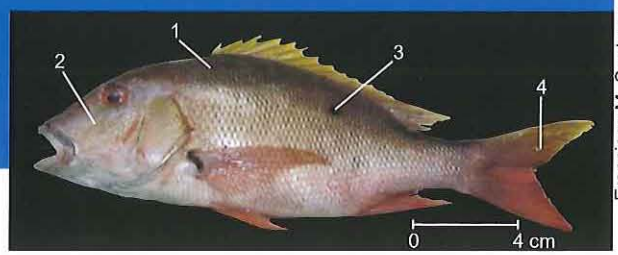
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 23,5 a 85 cm C_z (média de 53,5 cm), no de covo: 15,5 a 21,8 cm C_z (média de 19 cm) e nas de rede: 23,5 a 36 cm C_z (média de 29,8 cm).

■ *Características*

D.X, 11; A.III, 8; P.16. Possui corpo alongado, próximo ao fusiforme, com olhos grandes (1); coloração vermelha viva no dorso e parte superior (2), clareando gradualmente na parte ventral; nadadeiras vermelhas; extensão das maxilas alcança a linha mediana da órbita ocular (3); assim como em *Occyurus chrysurus*, a cauda tem forquilha bem acentuada.

LUTJANUS ANALIS (CUVIER, 1828)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Cioba (BRA); Mutton snapper (ING); Vivaneau sorbe (FRA); Pargo criollo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se desde Massachusetts (EUA) até o sudeste do Brasil. Sua abundância, no nordeste do Brasil, parece ser maior na costa oriental, onde apresentou a maior frequência de exemplares desembarcados, apresentando, no norte da Bahia, 38,9%; Alagoas e Pernambuco, 36,8%; no Rio Grande do Norte (15,7%), Ceará (8,6%) e Piauí (0,02%), a espécie foi menos frequente. A linha de fundo foi a mais utilizada (96,3%), sendo menos frequente nos desembarques da frota de rede de emalhar (2,8%) e covo para peixe (0,9%). A profundidade de captura variou entre 17 e 135 m (média 66 m); os pesqueiros apresentaram distâncias da costa de 2,45 a 44,75 km (média 17,95 km). Ocorre, também, nos desembarques da frota de Fernando de Noronha, sendo pouco frequente. Esse foi um dos recursos mais importantes nas amostragens, representando 4,241% da ocorrência, em número, e 4,36% de todo o peso amostrado nos desembarques da região. É a espécie da família Lutjanidae mais frequente e valiosa no comércio de pescado da região Nordeste.

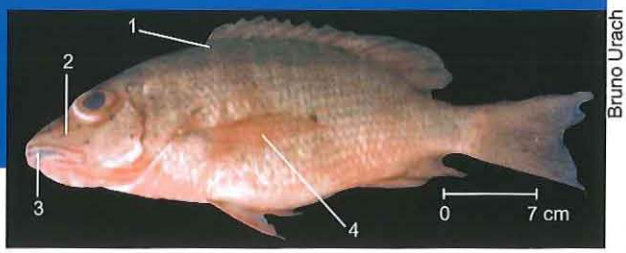
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 14,5 a 99 cm C_z (média 48,8 cm), no covo: 23,5 a 58 cm C_z (média 38,6 cm) e na rede: 16 a 81 cm C_z (média 40,4 cm).

■ *Características*

D.X, 13-14; A.III, 7-8; P.16. Possui coloração rosa-esverdeada no dorso (1), com região ventral mais clara; presença de linhas azuis abaixo do olho (2) e mancha escura acima da linha lateral, abaixo da primeira dorsal (3); nadadeira caudal angulada, levemente furcada (4); nadadeiras pélvicas, porção anterior da anal e caudal são avermelhadas.

LUTJANUS APODUS (WALBAUM, 1792)



■ *Nomes vulgares*

Baúna-de-fogo (BRA); Schoolmaster (ENG); Vivaneau dent-chien (FRA); Pargo amarilllo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde Massachusetts (EUA) até a região sudeste do Brasil, incluindo Bahamas, Golfo do México, Antilhas e Trinidad. A maior frequência de exemplares desembarcados foi no norte da Bahia (68,6%), seguido de Alagoas e Pernambuco (22,4%). Pouco frequente no litoral cearense (9%). A linha de fundo contribuiu com a maior parte das capturas (79,5%); a rede de emalhar foi responsável por 15,4% e o covo 5,1%. Apresentou baixa representatividade no total das amostragens (0,254%) da região Nordeste. A profundidade de captura variou de 30 a 128 m (média 62 m), em áreas que distaram da costa 15,38 km. Possui baixo valor comercial, devido ao seu pequeno porte. Entretanto, sua uma carne é bastante saborosa.

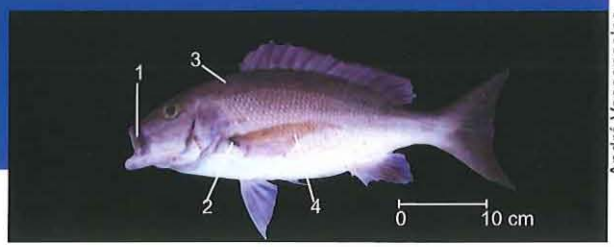
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 19,5 a 68,2 C_z cm (média de 29,2 cm), nas de rede: 17,5 a 32 cm C_z (média 27,3 cm) e nas de covo: 22 a 28,8 cm C_z (média 24,5 cm).

■ *Características*

D.X, 14;A.III, 8; P.16-17. Possui a boca mais proeminente em relação a outras espécies da família Lutjanidae; nadadeiras amareladas; corpo sem manchas, mas pode apresentar barras verticais escuras no dorso (1); linha ou pontos azuis abaixo do olho, que também pode desaparecer quando adulto (2); nadadeira anal arredondada; dentes caninos superiores aparentes (3); nadadeira peitoral longa alcançando o ânus (4).

LUTJANUS BUCCANELLA (CUVIER, 1828)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Pargo-boca-negra (BRA); Blackfin snapper (ENG); Oreilles noires (FRA); Pargo sesí (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, desde a Carolina do Norte até o sul da Bahia, sendo muito comum no Caribe, incluindo as Antilhas. No nordeste do Brasil, foi mais frequente no norte da Bahia (71%) e teve menor ocorrência em Alagoas e Pernambuco (29%). Suas capturas foram realizadas predominantemente pela linha de fundo, entre profundidades de 30 e 128 m (média 91 m). As áreas de pesca apresentaram distâncias de 9,86 a 44,36 km da costa (media 19,23 km). Apresentou baixa ocorrência nas amostragens do Programa REVIZEE (0,192%), provavelmente por habitar águas relativamente profundas, pouco exploradas pela frota artesanal da região. Sua carne é saborosa, sendo, em geral, comercializada com o nome de outras espécies do gênero, mais conhecidas e frequentes na região, como a cioba.

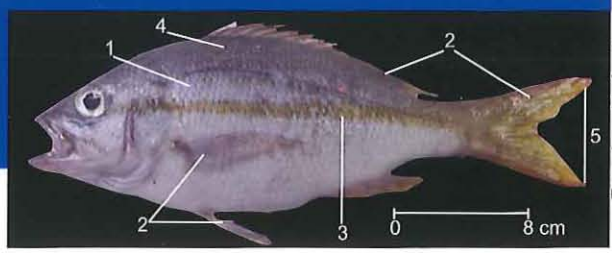
■ *Tamanho*

Comprimentos entre 23 e 68 cm C_z, com média de 37,6 cm.

■ *Características*

D.X, 14; A.III, 8; P.16-17. Apresenta manchas pretas ao redor do interior da boca (1); base da peitoral com mancha negra evidente (2); dorso vermelho (3) e ventre esbranquiçado; boca grande, caninos superiores evidentes; nadadeiras peitorais longas alcançando o ânus (4). Apresenta olhos com coloração amarela.

OCYURUS CHRYSURUS (BLOCH, 1791)



■ *Nomes vulgares*

Guaiúba (BRA); Yellowtail snapper (ENG); Rabirrubia (ESP); Vivaneau queue jaune (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) até o sul do Brasil, incluindo Bermuda, Golfo do México e Antilhas. Espécie costeira, frequente em fundos rochosos, recifes de coral, geralmente, em grandes cardumes. Na região Nordeste do Brasil, foi mais frequente no norte da Bahia (57,1%), ocorrendo em menor numero nos desembarques da frota do Ceará (22,5%) e Alagoas e Pernambuco (18,8%), tendo as menores participações no Rio Grande do Norte (1,6%). A arte de pesca predominante nas capturas foi à linha de fundo (96,1%), sendo eventualmente registrada nas pescarias de rede de emalhar (3,7%) e no covo para peixe (0,3%). Foi capturada entre 16 e 128 m (média 63 m). As áreas de pesca apresentaram distâncias de 1,37 a 43,60 km da costa (média 16,37 km). Foi o recurso mais abundante, em número de exemplares (12,765%), representando 5,31% (11 t) do peso amostrado para todo o nordeste. Possui grande importância comercial para a pesca artesanal, sendo sua carne macia e saborosa.

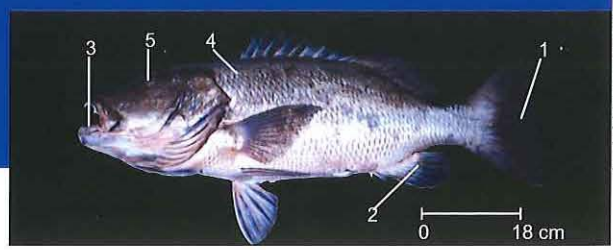
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha, 12 a 86,9 cm C_z (média 34,4 cm); nos covos 14,5 a 35 cm C_z (média 22,6 cm) e na rede16 a 49,8 cm C_z (média 35,3 cm).

■ *Características*

D.X, 12-14; A.III, 9; P.15-16. Corpo fusiforme com cabeça curta, cor rosada (1); nadadeiras amareladas (2), linha amarelada do focinho ao pedúnculo caudal (3); pontos verde-amarelados no dorso (4); linhas finas amareladas no ventre; caudal bem diferenciada de outros peixes da família Lutjanidae, com furca acentuada (5).

LUTJANUS CYANOPTERUS (CUVIER, 1828)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Caranha (BRA); Cuban snapper (ING); Vivaneau cubera (FRA); Pargo cubera (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, da Nova Escócia (Canadá) até o sudeste do Brasil, incluindo as Bahamas. No nordeste brasileiro, 61% dos exemplares ocorreram no norte da Bahia e 39% em Alagoas e Pernambuco. A linha de fundo foi a principal arte de pesca empregada nas capturas (88%), sendo menos frequente as capturas do covo para peixe (12%). A profundidade de captura variou de 20 a 128 m (média 70 m), em pesqueiros distantes da costa de 2,33 a 25,57 km (média 16,16 km). Apesar do grande tamanho que os exemplares atingem (o maior da família), sua carne não possui um bom sabor. Foi pouco frequente nos desembarques do nordeste (0,11%) e no mercado de peixes da região.

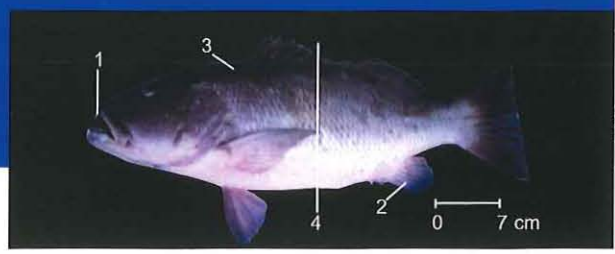
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha – 51 a 128,5 cm C_z (média 85 cm) e nas de covo – 24 a 29,8 cm C_z (média 26,2 cm).

■ *Características*

D.X,14; A.III,8; P.17. Possui focinho bem prolongado; nadadeira caudal lobada (1); nadadeira anal arredondada (2); boca e maxila grandes, com dentes proeminentes (3); coloração vermelha-acinzentada à marrom-escura (4); olho vermelho-escuro (5); nadadeiras peitorais totalmente descoloridas; nadadeiras pélvicas avermelhadas; nadadeiras dorsal e caudal acinzentadas.

LUTJANUS GRISEUS (LINNAEUS, 1758)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Caranha (BRA); Gray snapper (ING); Pargo prieto (ESP); Vivaneau sarde grise (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) até o Rio de Janeiro, incluindo Golfo do México, Bermuda e todo o Caribe. Exemplares jovens são abundantes em águas salobras estuarinas e mangues; indivíduos maiores habitam desde mangues e praias rasas até profundidades maiores. Em Alagoas e Pernambuco, a espécie foi mais frequente (81%), seguido do Rio Grande do Norte (14,3%); teve baixa ocorrência no Ceará (4,8%). A linha de fundo capturou a maior parte dos indivíduos (92,9%), sendo raramente capturados por rede de emalhar (7,1%). Apenas 42 exemplares (0,035%) foram amostrados em toda a região Nordeste, em 21 desembarques. É rara no mercado de peixes do nordeste e possui baixo valor econômico. As profundidades de captura variaram de 43 a 111 m (média 82 m), em pesqueiros que apresentaram distâncias da costa entre 22,72 e 42,67 km (média 33,14 m).

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 23 a 107,8 cm C_z (média 71,3 cm) e na rede: 30 a 32 cm C_z.

■ *Características*

D.X, 14; A.III, 7-8; P.17-18. Corpo alongado com dorso mais convexo do que o ventre; dentes caninos superiores, mais internos, são os maiores (1); nadadeira anal arredondada (2); coloração do dorso cinza-esverdeada escura, às vezes oliva avermelhado (3); não apresenta manchas pelo corpo, mas as escamas têm o centro alaranjado; nadadeira peitoral não se estende até o ânus (4).

LUTJANUS JOCU
(BLOCH E SCHNEIDER, 1801)

Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Dentão (BRA); Dog snapper (ENG); Pargo jocú (ESP); Vivaneau chien (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, de Massachusetts (EUA) a São Paulo, incluindo o Golfo do México e o Caribe. No oceano Atlântico oriental, ocorre no ASPSP e ilha Ascensão. Habita áreas próximas da costa e manguezais, quando jovens; exemplares maiores são comuns em ilhas, recifes de coral e fundos rochosos. No nordeste do Brasil, ocorreu com maior frequência no norte da Bahia (41,5%), Alagoas e Pernambuco (26,4%) e no Ceará (26,3%), tendo sido pouco frequente nos desembarques do Rio Grande do Norte (5,5%) e raro no Piauí (0,3%). A principal arte empregada nas capturas foi à linha de fundo (97,3%), ocorrendo, eventualmente, na rede de emalhar (2,6%) e covo para peixe (0,3%). Foi capturada entre 17 e 135 m (média 66 m) de profundidade, em pesqueiros distantes da costa de 2,45 a 44,75 km (média 18,2 km). Partcipa dos desembarques da frota que atua em Fernando de Noronha, sendo pouco frequente. Recurso muito importante para a frota artesanal da região, representou 3,476%, em número, e 6,46% (13,4 t) do peso amostrado pelo Programa REVIZEE. Possui alto valor comercial e é comum no mercado de peixes da região.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha, 12,5 a 103 cm C_z (53,6 cm); na rede, 22 a 81,2 cm C_z (54,5 cm) e no covo, 30 a 67 cm C_z (52,75 cm).

■ *Características*

D.X, 14; A.III, 8; P.17-18. Coloração vemelha-alaranjada (1); dentes caninos evidentes, com um dos pares maior e visível, mesmo com a boca fechada (2); mancha branca triangular no rosto, abaixo dos olhos (3); nos jovens, não está presente uma linha lateral azul descontínua, do focinho até o opérculo (4); às vezes apresenta barras verticais como em *L. apodus*; nadadeira anal arredondada.

LUTJANUS PURPUREUS (POEY, 1875)

Ana Cecília Giacometti Mai

■ *Nomes vulgares*

Pargo-verdadeiro (BRA); Southern red snapper (ING); Pargo colorado (ESP); Vivaneau rouge (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

No oceano Atlântico ocidental, distribui-se de Yucatan (México), Cuba e Antilhas até o sul da Bahia, onde habita fundos rochosos e recifes de corais. Ocorre também no ASPSP. Recurso intensamente explotado na década de 1970, na região Nordeste, atualmente sobrexplotado. Nas amostragens do REVIZEE, ocorreu em Alagoas e Pernambuco (50,3%) e Ceará (36%), apresentando menor freqüência no norte da Bahia (7%) e Rio Grande do Norte (6,6%). A profundidade de captura variou entre 31 e 119 m (média 79 m), em áreas de pesca distantes 5,91 a 40,38 km da costa (média 17,51 km). Ocorre também nos desembarques da frota que atua em Fernando de Noronha, sendo pouco freqüente. Apresentou razoável representatividade nos desembarques totais (2,875%). Sua carne é de excelente sabor.

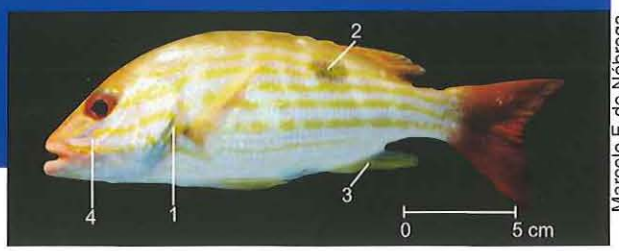
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha – 19,8 a 79,5 cm C_z (média 37,6 cm) e nas de rede – 32,4 a 45 cm C_z (média 40,6 cm).

■ *Características*

D.X, 14; A.III, 8-9; P.16-18. Cor predominante rosa-avermelhada, olhos amarelos (1); base da peitoral com um ponto preto (2); sem manchas pelo corpo; focinho curto; íris do olho vermelha (3); nadadeira peitoral longa (4).

LUTJANUS SYNAGRIS (LINNAEUS, 1758)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Ariocó (BRA); Lane snapper (ING); Pargo biajaiba (ESP); Vivaneau gazou (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, desde a Carolina do Norte (EUA), Bermuda, Golfo do México, Caribe, até o sudeste do Brasil. Provavelmente, é a espécie mais costeira da família Lutjanidae, habitando fundos de pedras e recifes de coral. No nordeste brasileiro, foram registrados grandes volumes nos desembarques do Ceará (39,7%), Alagoas e Pernambuco (35,1%) e norte da Bahia (14,2%); apresentou menores frequências no Rio Grande do Norte (5,7%) e Piauí (5,2%). A linha de fundo contribuiu com 69,8% das capturas, seguida pelo covo para peixe (15,3%) e rede de emalhar (14,9%). A captura dessa espécie foi realizada entre profundidades de 16 e 128 m (média 42 m), em áreas distantes 1,37 a 28,75 km da costa (média 12,65 km). Importante recurso pesqueiro da região, totalizou 6,379% dos exemplares registrados. Não possui alto valor econômico, devido ao seu pequeno porte, mas sua carne é de excelente qualidade, sendo encontrada, com muita frequência, no comércio de pescados no nordeste. Ultimamente, ganhou importância para fins de cultivo.

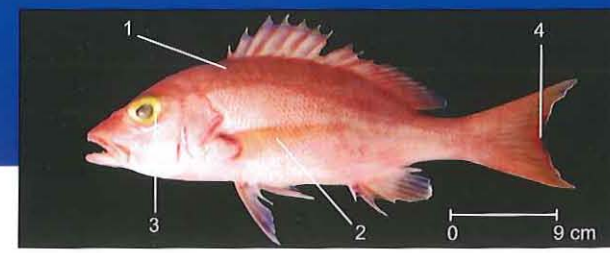
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha, 7,5 a 60 cm C_z (média 27,2 cm); no covo, 15 a 37,9 cm C_z (média 21,2) e na rede, 11,8 a 50,6 cm C_z (média 25,6 cm).

■ *Características*

D.X, 12; A.III, 8; P.15-16. Coloração vermelha com linhas amarelas evidentes ao longo de todo o corpo (1); mancha negra acima da linha lateral (2); nadadeira anal arredondada (3); ventre amarelo-prateado, com uma série de 8 a 10 faixas paralelas horizontais amarelo-douradas e 3 a 4 faixas finas irregulares na cabeça (4); nadadeira anal arredondada; nadadeira caudal com uma mancha escura.

LUTJANUS VIVANUS (CUVIER, 1828)



■ *Nomes vulgares*

Pargo-olho-de-vidro (BRA); Silk Snapper (ENG); Vivaneau soie (FRA); Pargo de lo alto (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Na costa Atlântica ocidental, distribui-se da Carolina do Norte (EUA) até São Paulo, incluindo as Antilhas e Bahamas. Habita o talude continental, geralmente, entre 90 e 150 m de profundidade; entretanto indivíduos menores podem ser encontrados em fundo rochosos ou coralinos, em menores profundidades. Na região Nordeste do Brasil, foram mais frequentes nos desembarques no norte da Bahia (57,8%) e em Alagoas e Pernambuco (21,1%); o Rio Grande do Norte contribuiu com 13,2% dos exemplares amostrados e apenas 7% foram registrados no Ceará. As capturas são, predominantemente, realizadas pela linha de fundo (98,6%), sendo raras as ocorrências nos desembarques da frota que opera com rede de emalhar (1,4%). As profundidades de captura variaram de 28 a 280 m (média 85 m), em pesqueiros distantes da costa entre 4,41 e 44,36 km (média 18,66 km). Representou 2,095% da frequência absoluta dos exemplares amostrados no REVIZEE-Nordeste. Sua carne é de excelente sabor e possui bom valor comercial, sendo frequente no mercado de pescados da região.

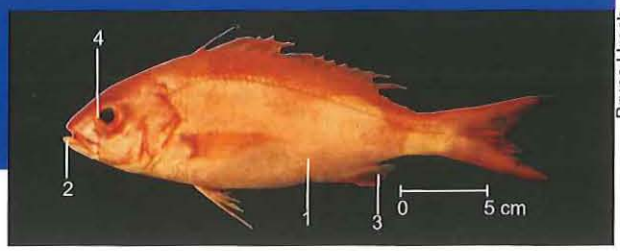
■ *Tamanho*

Na captura de linha, 17 a 73 cm C_z, com média de 31,9 cm; para rede de emalhar, entre 21 e 36,4 cm C_z, apresentando média de 28,86 cm.

■ *Características*

D.X, 14; A.III, 8; P.16-17. Dorso rosa-avermelhada (1); nadadeiras peitorais amareladas (2); íris dos olhos amarela vivo (3); lábios finos; ventre claro com reflexos rosa; nadadeira caudal vermelha, com margem preta (4).

RHOMBOPLITES AURORUBENS (CUVIER, 1829)



Bruno Urach

■ *Nomes vulgares*

Pargo-piranga (BRA); Vermilion snapper (ING); Vivaneau ti-yeux (FRA); Pargo cunaro (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se desde a Carolina do Norte (EUA) até São Paulo, incluindo o Golfo do México e Caribe. Habita fundos de pedra, coralinos ou arenosos, em profundidades que podem chegar até 300 m, para os grandes exemplares; porém, indivíduos jovens são encontrados a partir de 20 m de profundidade. Foi observada, com grande freqüência, nos desembarques do norte da Bahia (83,5%) e, em menores proporções, no Ceará (10,1%) e Alagoas e Pernambuco (6,4%). A linha de fundo foi à arte de pesca predominante nas capturas (97,7%), sendo eventualmente capturada pela frota de rede de emalhar (2,3%). A distribuição batimétrica das capturas foi de 17 a 128 m (média 64 m); as áreas de pesca distaram de 2,33 a 42,67 km da costa (média 14,90 km). Apresentou 1,107% da totalidade de exemplares registrados no nordeste. Apesar de ser pouco conhecida no mercado de pescados, e de seu baixo valor econômico, sua carne é branca e saborosa.

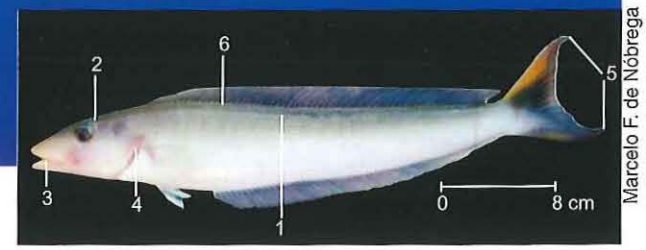
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha, 14 a 70 cm C_z (média 26,6 cm) e de rede, 14 a 65 cm C_z (média 25,7 cm).

■ *Características*

D.XII, 10-12; A.III,8; P.17-18. Cor rosada (1); maxila inferior proeminente (2); nadadeira anal arredondada (3); corpo coberto com pequenas escamas; íris dos olhos avermelhadas (4).

MALACANTHUS PLUMIERI (BLOCH, 1786)



■ *Nomes vulgares*

Pirá (BRA); Sand tilefish (ING); Matajuel blanc (FRA); Matajuelo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se na costa oeste do Atlântico, da Carolina do Norte (EUA) até o Rio da Prata (Argentina), incluindo o Golfo do México e Caribe, e Ilhas Ascensão, no sudeste do Atlântico. A espécie é costeira, habita fundos arenosos e de cascalho e é mais comum entre 10 e 50 m de profundidade. Os maiores volumes desembarcados na região Nordeste do Brasil ocorreram no Ceará (58%) e no norte da Bahia (40,4%); em Pernambuco, foi rara (1,6%). A linha de fundo foi responsável pela quase totalidade das amostras (99,4%), com apenas 0,6% sendo capturado pela rede de emalhar. A profundidade média de captura foi de 46 m (entre 25 e 120 m), em áreas de pesca que distaram 3,65 a 17,34 km da costa (média 10,66 km). Representou 0,65% do total das amostras coletadas. Não apresenta valor econômico.

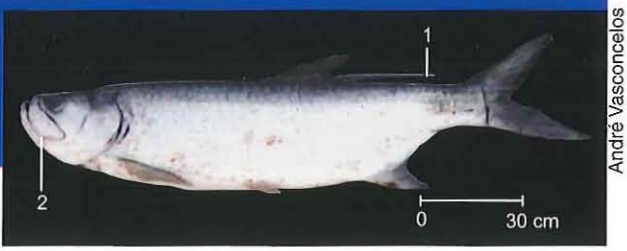
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha, 19 a 53 cm C_z (média 36,9 cm); nas de rede, 35,3 a 42,3 cm C_z (média 38,3 cm).

■ *Características*

D.V, 54-56; A.I, 49-52; P.16-17. Escamas sobre a linha lateral; corpo longo e cilíndrico (1); focinho longo, cerca da metade do tamanho da cabeça (2); lábios espessos e dentes caninos moderados (3); opérculo com espinho forte (4), nadadeiras dorsal e anal longas; caudal lunada, com lobos alongados (5). Coloração azul-acinzentada a verde-escura no dorso (6), flancos amarelados e parte ventral branca; nadadeiras dorsal e anal com faixas amarelas, especialmente nas margens; caudal com lobos laranja-amarelados e mancha negra acima dos raios centrais; marcas amarelas na cabeça.

MEGALOPS ATLANTICUS (VALENCIENNES, 1846)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Camurupim (BRA); Tarpon (ING).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre em ambos os lados do Atlântico, desde a Virginia (EUA) até o sul do Brasil, incluindo o Golfo do México e o Caribe. Habita rios até águas hipersalinas de lagoas costeiras litorais; é comum em águas costeiras neríticas da plataforma e águas oceânicas próximas de ilhas; sua preferência de habitat parece estar mais associada a águas salobras estuarinas. Foram amostrados 30 exemplares na região Nordeste do Brasil, todos no estado do Ceará, sendo obtidos por 90% da frota de rede de emalhar e 10% da frota de linha, em profundidades de 6 a 28 m. Apesar do seu grande porte, sua carne não é apreciada, devido aos muitos espinhos. Possui baixo valor comercial.

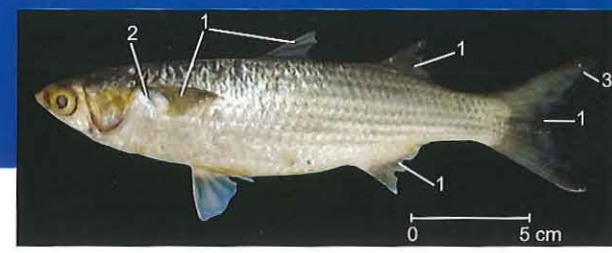
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede, 36 a 188 cm C_z (média 128,7 cm), e nas de linha, 153,8 a 160,5 cm C_z (média 156,6 cm).

■ *Características*

D.13-16; A.I, 22-25. Possui corpo alongado, comprimido lateralmente. Coloração no dorso é azul-esverdeada escura, com reflexos prateados. Lados do corpo e parte ventral branco-prateados. Distingue-se facilmente por ter o último raio da nadadeira dorsal prolongado, em um longo filamento (1). Apresenta escamas ciclóides muito grandes. Apresenta boca oblíqua (2). Alcança grandes tamanhos, até, aproximadamente, 250 cm.

MUGIL CUREMA
(VALENCIENNES, 1835)



■ *Nomes vulgares*

Tainha, Sauna (BRA); White mullet (ING); Lisa blanca (ESP); Mulet blanc (FRA).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, desde o nordeste dos Estados Unidos até o sudeste do Brasil. Habita principalmente águas neríticas da plataforma continental, sendo comum em áreas estuarinas de águas salobras e no interior de lagoas litorais; é também encontrada em áreas insulares, de águas claras, de arrecifes de corais. Apesar de comum na região Nordeste, a espécie foi amostrada apenas no estado de Pernambuco, nos desembarques da frota de rede de emalhar, que atuou entre 10 e 18 m de profundidade. Representou 0,123% do total amostrado na região. Possui carne de bom sabor e razoável valor comercial.

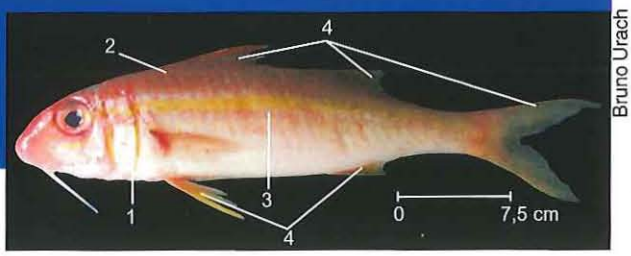
■ *Tamanho*

Comprimento 19,5 a 29 cm C_z, com média de 24,4 cm.

■ *Características*

D.IV-9; A.III, 9; P.16-17. Coloração cinza-prateada no dorso, passando a prateada, nos flancos, e branca, ventralmente. Nadadeiras acinzentadas (1), exceto a nadadeira pélvica, que é esbranquiçada. Apresenta uma mancha azul escura na base da nadadeira peitoral (2). Borda terminal da nadadeira caudal escura (3).

MULLOIDICHTHYS MARTINICUS (CUVIER, 1829)



■ *Nomes vulgares*

Saramunete-guaiúba (BRA); Yellow goatfish (ENG); Capucin jaune (FRA); Salmonete amarillo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre desde o sudeste da Flórida e Bermuda (EUA) até o Rio de Janeiro, incluindo o Golfo do México e Caribe; no oceano Atlântico leste, ocorre em Cabo Verde e Ilha São Tomé. Seus espécimes habitam locais com fundos arenosos, cascalho e recifes de coral, sendo facilmente observados removendo areia com seus barbilhões em busca de invertebrados, de que se alimentam. Apenas 3 exemplares foram amostrados capturados pelo covo para peixe no norte de Pernambuco. A profundidade de captura foi de 18 m, distante 2,4 km da costa. Pouco conhecida, por isso tem baixo valor comercial.

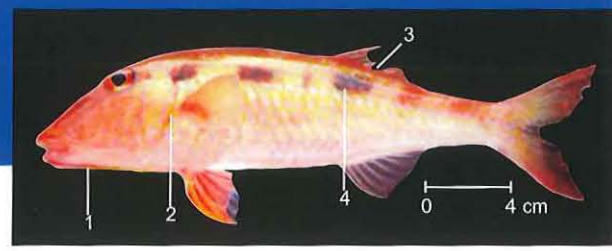
■ *Tamanho*

Comprimento de 15,2 a 24,8 cm C_z, com média de 20 cm.

■ *Características*

D.VIII, 8; A.I, 6; P.16-17. Possui espinho no opérculo (1); focinho curto; esverdeado no dorso (2), branco no ventre e com faixa amarela longitudinal mediana (3); nadadeiras verticais amarelas (4).

PSEUDUPENEUS MACULATUS (BLOCH, 1793)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Saramunete (BRA); Spotted goatfish (ENG); Rouget-barbet tacheté (FRA); Salmonete manchado (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, de Bermuda e Nova Jersey (EUA) até Santa Catarina (Brasil), incluindo o Golfo do México e Mar do Caribe. Espécie demersal costeira, comum em fundos rochosos, coralinos, em bolsões de areia e cascalho ou bancos de algas próximos da costa, preferindo águas claras de até 60 m de profundidade. Sua carne é considerada de boa qualidade, apresentando um bom valor comercial. É produto de exportação, sendo a espécie-alvo das pescarias de covo no estado de Pernambuco. O covo capturou 97,1% dos exemplares amostrados, a linha de fundo 1,8% e a rede de emalhar 1%. Representou 3,867% do total registrado na região Nordeste. As profundidades de captura variaram de 12 a 60 m de profundidade, com média de 22 m.

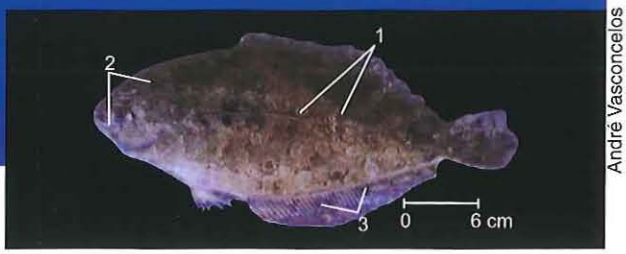
■ *Tamanho*

Na captura de covo, 5,5 a 29 cm C_z (média 19,6 cm); na de linha, 14 a 26 cm C_z (média 19,3 cm), e na de rede, 14,8 a 25,5 cm C_z (média 19,5 cm).

■ *Características*

D.VII-I, 8; A.I, 7; P.15-16. Peixe alongado, com um par de longos barbilhões flexíveis proeminentes da parte anterior da mandíbula (1); focinho longo, quase reto; maxilar não alcança margem ocular; opérculo com espinho evidente (2); dorsais separadas (3); caudal furcada; cor variável, de branca a rosa ou marrom, com 2 a 3 manchas escuras arredondadas no flanco (4); linhas azuis diagonais na cabeça; apresenta estrias amareladas no ventre; varia a cor conforme o ambiente.

SYACIUM PAPILLOSUM (LINNAEUS, 1758)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Linguado (BRA); Dusky flounder (ING); Fausse limande sombre (FRA); Lenguado fusco (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, da Carolina do Norte (EUA) até o sudeste do Brasil. É encontrada até 50 m de profundidade, sobre fundos de areia, lama e cascalho, podendo habitar estuários e mangues. Foram amostrados apenas 7 exemplares em dois desembarques no norte da Bahia, capturados por rede de emalhar em profundidades de 20 a 30 m, distantes de 2,33 a 3,73 km da costa. Espécie pouco freqüente e de baixo valor comercial na região Nordeste do Brasil.

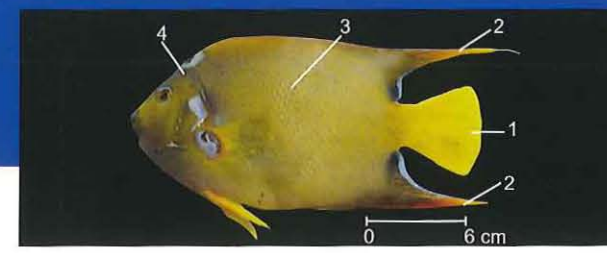
■ ***Tamanho***

Comprimento de 22,2 a 26 cm C_t, média de 23,8 cm.

■ ***Características***

D.86-92; A.69-72. Coloração de marrom a olivácea, com manchas ou círculos irregulares mais escuros (1). Apresenta corpo ovalado e olhos bem separados (principalmente os machos). Os machos adultos exibem duas linhas azuis que se entendem do extremo anterior do rostro até a borda anterior da órbita superior (2) e uma terceira que segue pela linha média dorsal até a parte anterior da base da nadadeira dorsal. Nadadeiras dorsal, anal e caudal com pequenas manchas marrom-escuras.

HOLACANTHUS CILIARIS (LINNAEUS, 1758)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Peixe-anjo, ciliaris (BRA); Queen angelfish (ENG); Cachama de piedra (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie de águas tropicais e subtropicais do Atlântico oeste, associada a ambientes recifais; ocorre da Flórida (EUA), Golfo do México, Caribe e Antilhas até a região sudeste do Brasil, também no ASPSP e Fernando de Noronha. Não foi amostrada nos desembarques da frota artesanal do nordeste, mas, ocasionalmente, é observada nas capturas de covo para peixe no estado de Pernambuco. Possui alto valor no mercado da aquariofilia.

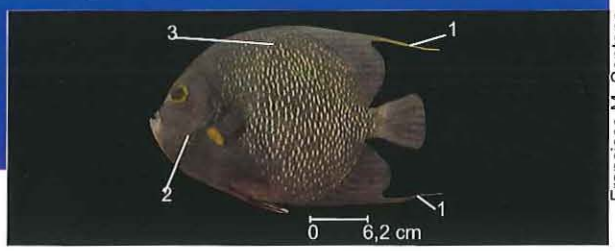
■ *Tamanho*

Comprimento máximo observado de 45 cm C_t (média de 25 cm).

■ *Características*

D.XIV, 19-21; A.III, 20-21. Possui nadadeira caudal arredondada (1); os raios da dorsal e anal moles e muito alongados, ultrapassando a margem externa da caudal (2); cor geral verde-bandeira (3); nadadeiras peitoral e pélvica amarelas; caudal amarela-viva; apresenta mancha negra na cabeça, marginada largamente por azul e com pintas azuis no centro (4).

POMACANTHUS PARU (BLOCH, 1787)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Paru, Frade (BRA); Banded butterflyfish (ENG); Cachama negra (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie de águas tropicais e subtropicais do Atlântico oeste, associada a ambientes rochosos e coralinos. Não foi registrada nas amostragens dos desembarques da pesca artesanal, mas ocorre eventualmente na pesca de rede de emalhar e covo para peixe, em Pernambuco. Não tem importância comercial para alimentação, entretanto, é comercializada na aquariofilia. Ocorre também no ASPSP e Fernando de Noronha.

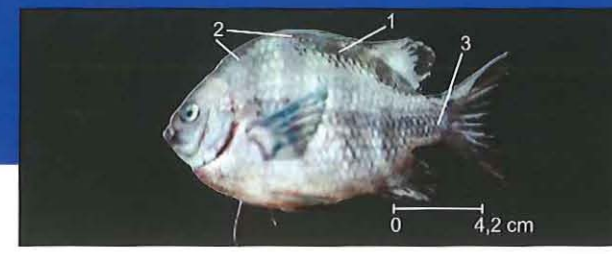
■ *Tamanho*

Comprimento médio de 15 cm C_t.

■ *Características*

D.X, 29-31; A.III, 22-24; R.17-19. Corpo comprimido latero-lateralmente, alto, com peitoral alongada; dorsal e anal com lobos muito alongados (1); boca pequena, terminal; grande espinho no ângulo do pré-opérculo (2); cor geral azul-marinha escura a preta, com escamas marginadas de amarelo (3); margem do opérculo e do pré-opérculo amarela; jovens de cor preta, pélvica azul e faixas amarelas verticais no corpo.

ABUDEFDUF SAXATILIS (CUVIER, 1829)



Marcelo F. de Nóbrega

■ ***Nomes vulgares***

Sargentinho (BRA); Sargeant major (ENG); Petaca rayada (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre em águas tropicais e subtropicais do oceano Atlântico, desde o nordeste dos Estados Unidos até o Uruguai. Espécie associada a ambientes rochosos e recifais, observada em profundidades rasas de poças de marés, entre pedras e corais. Não foi amostrada nos desembarques da pesca artesanal da região Nordeste, mas é observada, com freqüência, em mergulhos e, eventualmente, participa dos desembarques da frota de rede de emalhar e covo para peixe, principalmente no estado de Pernambuco. Também é observada no ASPSP e Fernando de Noronha. Sem interesse para alimentação, é comercializada apenas no mercado da aquariofilia.

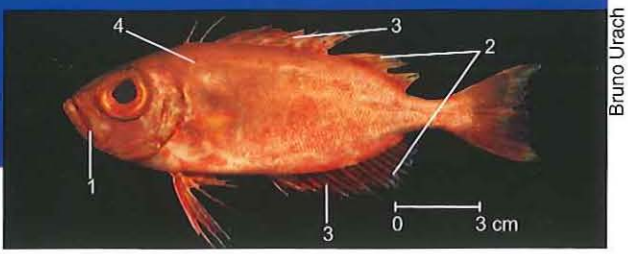
■ ***Tamanho***

Comprimento médio de 18 cm C_z.

■ ***Características***

D.XIII, 13; A.II, 12; P.18-20. Possui corpo ovalado, comprimido e moderadamente alto. Parte superior da cabeça marrom-esverdeada, com a parte superior dos lados do corpo amarela (1), clareando no ventre, para branco. Apresenta cinco barras escuras verticais (2) e uma sexta indistinta, na base da nadadeira caudal (3). Axila da nadadeira peitoral com mancha negra; nadadeiras anal e caudal acinzentadas e peitorais transparentes.

PRIACANTHUS ARENATUS (CUVIER, 1829)



Bruno Urach

■ *Nomes vulgares*

Piranema (BRA); Atlantic bigeye (ING); Beauclaire soleil (FRA); Catalufa toro (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie de águas tropicais do oceano Atlântico, ocorre na costa oeste da Carolina do Norte (EUA) e Bermuda até o norte da Argentina. No oceano Atlântico leste, ocorre na Ilha da Madeira e em Angola, sendo registrada também no Mediterrâneo. Espécie de hábitos demersais em fundos rochosos e coralinos, formando pequenos cardumes no fundo; sua distribuição é costeira, geralmente, até 60 m, podendo habitar profundidades de até 150 m. No nordeste brasileiro, foi mais frequente no Ceará (61,1%), e, em menores proporções, no norte da Bahia (26,5%) e em Pernambuco (12,3%). A linha de fundo foi a arte de pesca predominante (83,4%), sendo apenas 16,6% capturados pela frota de rede de emalhar. As profundidades de captura variaram de 17 a 128 m (média 54 m), em áreas com distância média da costa de 10,25 km. Representou 0,133% do total amostrado. Não há pesca direcionada a esta espécie, que apresenta baixo valor econômico, apesar de sua carne ser considerada saborosa.

■ *Tamanho*

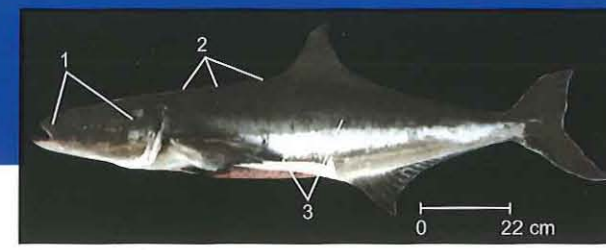
Nas capturas de linha, 9 a 40 cm C_z (média 29,2 cm) e na rede, 25 a 37 cm C_z (média 32,2 cm).

■ *Características*

D.X, 13-14; A.III, 14-16; P.18-19. Possui boca grande inclinada (1); extremidades da anal e dorsal arredondadas (2); sem espinho desenvolvido no pré-opérculo, ou muito pequeno nos jovens. Vermelha a rosada, com reflexos dourados; margem da dorsal e anal negras (3); pélvicas escurecidas, especialmente nas margens; jovens prateados, com dorso azul e algumas manchas azul-brilhantes verticais e azuladas (4).

FAMÍLIA RACHYCENTRIDAE

RACHYCENTRON CANADUM (LINNAEUS, 1766)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Beijupirá (BRA); Cobia (ING); Cobia (ESP); Mafou (FRA).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre em todos os oceanos, em águas tropicais e subtropicais, exceto no Pacífico oriental; no oceano Atlântico ocidental, distribui-se desde Bermuda e Massachusetts (EUA) até a Argentina, incluindo o Golfo do México e Caribe. Espécie pelágica, habita águas neríticas próximas da costa. Encontradas da superfície até 150 m de profundidade. São observada com freqüência em navios ancorados, recifes de corais, naufrágios e ilhas. Ocorreu, principalmente, nos desembarques do Ceará (68,2%) e, em menor quantidade, em Alagoas e Pernambuco (11,7%), norte da Bahia (10%), Piauí (7,9%) e Rio Grande do Norte (2,1%). A linha de fundo é a principal arte de pesca de captura (69,5%), seguida da rede de emalhar (30%). Apenas um exemplar (0,4%) foi observado no covo para peixe. Os espécimes foram capturados entre 17 e 128 m de profundidade (média 62 m); os pesqueiros estiveram de 2,33 a 41 km distantes da costa (média 17 km). Representou 0,203% dos exemplares identificados na região Nordeste, sendo sua carne de excelente qualidade e alto valor comercial. A espécie apresenta, atualmente, grande interesse para a piscicultura.

■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha, de 33 a 142 cm C_z (média 89,2 cm) e nas de rede, de 31,2 a 150 cm C_z (média 65,2 cm).

■ ***Características***

D.VIII-I, 31-33; A.II, 23-26; P.20. Peixe alongado e fusiforme; cabeça e focinho longos (1); espinhos dorsais curtos e isolados (2); cabeça deprimida. Marrom a oliva, dorso mais escuro, ventre muito claro; duas faixas longitudinais escuras, uma da ponta do focinho à cauda, passando pelo olho, e outra mais inferior (3); nadadeiras muito escuras, quase negras.

Peixes Ósseos

Família Scaridae

Scarus coeruleus (Bloch, 1786)

André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Budião-azul (BRA); Blue parrotfish (ING); Perroquet bleu (FRA); Loro azul (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Espécie do Atlântico ocidental, ocorre desde o nordeste dos Estados Unidos até o Rio de janeiro, incluindo o Caribe. Habita águas claras sobre formações coralinas, até 30 m de profundidade. Apenas um exemplar foi amostrado no norte da Bahia, capturado por caça submarina, em 17 m de profundidade. Sua carne é de bom sabor, mas pouco conhecida, devido à sua baixa freqüência nos desembarques da frota artesanal do nordeste.

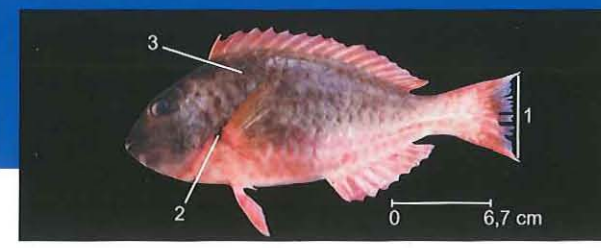
■ ***Tamanho***

Comprimento: 68 cm C_z.

■ ***Características***

Exemplares de tamanhos médios e grandes, apresentam coloração azul intensa, às vezes com o centro das escamas mais escuro. A cabeça pode ter um tom azul-acinzentado escuro. Os machos possuem uma característica protuberância frontal, de maneira que o perfil anterior da cabeça é quase reto (1), a boca fica em posição inferior (2). O perfil terminal da nadadeira caudal é reto ou ligeiramente convexo em peixes jovens; nos adultos a nadadeira caudal é côncava com os lóbulos prolongados e pontiagudos (3).

SPARISOMA CHRYSOPTERUM (BLOCH E SCHNEIDER, 1801)



■ ***Nomes vulgares***

Budião (BRA); Redtail parrofish (ENG); Loro verde (ESP); Perroquet vert (FRA).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre no Atlântico ocidental, desde a Flórida (EUA), Bermuda, Bahamas, todo o Caribe até o nordeste do Brasil (Pernambuco). Habita fundos rochosos e coralinos, de águas claras. Foram amostrados 38 exemplares capturados pela frota de covo para peixe no norte de Pernambuco, entre profundidades de 18 e 26 m. Possui baixo valor comercial.

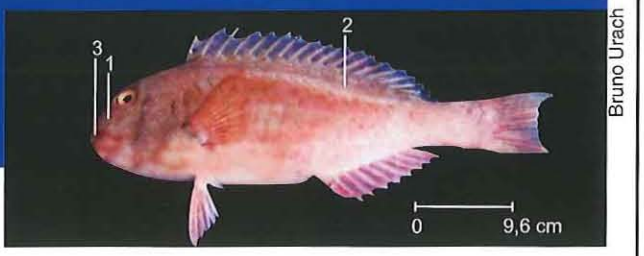
■ ***Tamanho***

Comprimento de 16,5 a 41,5 cm C_t, com média de 25,3 cm.

■ ***Características***

D.IX, 10; A.III, 9; P.12. Nadadeira caudal emarginada nos jovens e lunada nos adultos (1). Em todas as fases em que apresenta diferentes cores, nota-se uma mancha negra na parte superior da base da peitoral (2), que é alaranjada e transparente. Fêmeas e machos pequenos, de rosados a vermelhos-escuros (3). Nadadeira caudal com faixas alternadas, avermelhadas e rosadas. Apresentam constantes mudanças de coloração pelas diversas fases de sua vida.

SPARISOMA RUBRIPINNE
(VALLENCIENNES, 1839)



■ ***Nomes vulgares***

Bobó (BRA); Redfin parrotfish (ENG); Loro basto (ESP); Perroquet basto (FRA).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se desde Massachusetts (EUA) e Bermuda, incluindo todo o Caribe, até o Rio de Janeiro, entretanto, não ocorre no Golfo do México. Como *S. chrysopterum,* é encontrada em fundos rochosos e coralinos, entre bancos de algas, até, aproximadamente, 30 m de profundidade. A maior parte dos exemplares amostrados proveio do norte de Pernambuco (90,9%), sendo apenas 9,1% do norte da Bahia. O covo para peixe foi a principal arte de pesca empregada nas capturas (61,9%); 22,7% foram provenientes da frota de linha de fundo e 15% da rede de emalhar. A profundidade de captura variou de 17 a 39 m (média 22 m), apresentando áreas de pesca com distância média da costa de 5,79 km. Apresentou baixa freqüência na amostra total (0,08%). Apesar do baixo valor comercial, nos últimos anos tem sido exportada por algumas empresas de pesca de Recife.

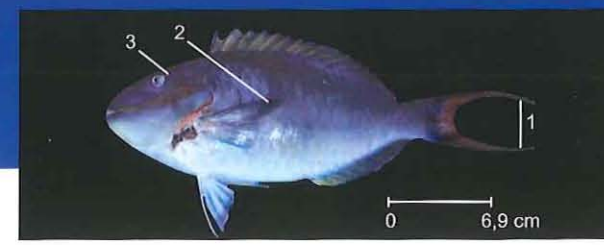
■ ***Tamanho***

Na captura de linha, 18 a 44,5 cm C_t (média 26,4 cm); na de rede, 21 a 40 cm C_t (média 27,8 cm) e nos covos, 18,2 a 32,1 cm C_t (média 21,9 cm).

■ ***Características***

D.IX, 10; A.III,9; P.12. Apresenta corpo alongado, alto e comprimido; cabeça grande e focinho longo (1); coloração de marrom-clara a vermelha-rosada no dorso (2), branca-rosada ventralmente; apresenta mudanças de coloração pelas diversas fases de sua vida. Presença de prega dérmica na narina anterior, curta e chata, com 12-20 cirros (3). A coloração é semelhante a *S. rubripinne*, mas com maior domínio de tons claros, na fase inicial, e um verde-azulado, nos exemplares velhos. Parte superior do pedúnculo caudal com uma pequena macha escura.

SPARISOMA VIRIDE (BONATERRE, 1788)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Budião (BRA); Stoplight parrofish (ENG); Loro viejo (ESP); Perroquet feu (FRA).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Distribui-se do sul da Flórida, Bermuda e Bahamas até, aproximadamente, o sul da Bahia, com registro no sudoeste do Golfo do México. Como outros membros da família, habita águas rasas, principalmente em recifes de corais. Apenas dois exemplares foram registrados no norte da Bahia, provenientes de caça submarina com arpão, capturados em uma profundidade de 17 m, em área de pesca distante 2,45 km da costa. Sua carne é saborosa, mas raramente é encontrada no mercado de pescados da região Nordeste.

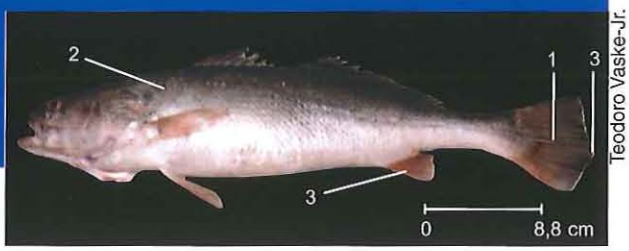
■ ***Tamanho***

Comprimentos de 33 e 44,5 cm C_z.

■ ***Características***

D.IX, 10; A.III,9; P.12. Apresenta mudanças de coloração pelas diversas fases de sua vida. Nadadeira caudal truncada, nos jovens, e muito lunada, nos machos adultos, com lobos bastante alongados (1). Macho adulto verde-azulado, com margens das escamas avermelhadas (2); borda do opérculo com uma faixa vermelha-viva e uma pequena mancha amarela, muito destacada, em seu extremo superior; faixa marrom desde a borda posterior do olho até a parte superior do opérculo. Fêmea e macho pequenos, castanho-púrpuros a cinza-azulados na cabeça e terços superiores (3).

CYNOSCION ACOUPA (LACÉPÈDE, 1802)



■ *Nomes vulgares*

Pescada-amarela (BRA); Acoupa weakfish (ENG); Corvinata amarilla (ESP); Acoupa toeroe (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Sua distribuição é descrita desde o Panamá até a Argentina. No Brasil, é mais abundante na região norte, onde exemplares de até 100 cm são capturados. É uma espécie costeira, desde lagoas salobras, estuários e mangues a baías abertas, em áreas de lodo, areia ou cascalho. No nordeste brasileiro, foram amostrados apenas 26 exemplares no Ceará, na localidade de Camucim, próxima da divisa com o Piauí. Capturada pela rede de emalhar em profundidades de 10 a 30 m. Apesar de possuir carne de excelente qualidade e alto valor comercial, sua ocorrência no nordeste é muito baixa, sendo os exemplares encontrados nos mercados de pescados provenientes da região norte.

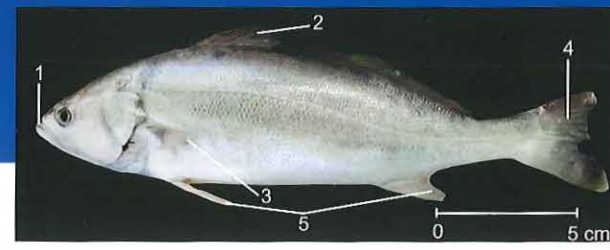
■ *Tamanho*

Comprimento de 55 e 93 cm C_t, com média de 77,3 cm.

■ *Características*

D.X-I, 17-22; A.II, 8-9; P.17-18. Possui corpo alongado e pouco comprimido; cabeça moderada, sem barbilhão no queixo; caudal romboidal, em adultos (1); coloração cinza-prateada, com dorso mais escuro (2); ventre mais claro, com amplas áreas amarelas, que incluem o flanco e as nadadeiras inferiores; margens das nadadeiras anal e caudal escuras, contrastantes (3).

CYNOSCION JAMAICENSIS (VAILLANT E BOCOURT, 1833)



Ana Cecília Giacometti Mai

■ *Nomes vulgares*

Pescada-branca (BRA); Jamaica weakfish (ING); Acoupa mongolare (FRA); Corvinata goete (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Ocorre desde o Panamá e Antilhas até a Argentina. Habita fundos de lama e arenosos, normalmente entre 10 e 50 m de profundidade, sendo os jovens encontrados, comumente, em estuários e mangues. O maior número de exemplares desembarcados ocorreu no Piauí (92,2%), sendo apenas 6,7% no norte da Bahia e 1,1% em Pernambuco. A rede de emalhar foi a arte de pesca responsável pela totalidade dos exemplares amostrados. A profundidade de captura variou entre 4 e 22 m. Recurso pouco freqüente nas amostragens (0,074%), sendo abundante apenas no estado do Piauí. Carne de bom sabor e valor comercial.

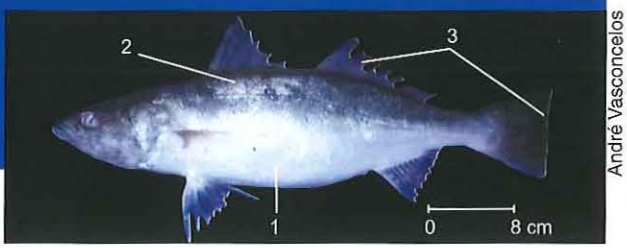
■ *Tamanho*

Comprimento de 22,1 a 84 cm C_t, com média de 33,2 cm.

■ *Características*

D.X-I, 23-25; A.II,9. Possui coloração prateada, com abundante pigmentação dorsal. Dentes da mandíbula superior dispostos em duas fileiras, sendo aqueles da fileira externa maiores (1). Nadadeira dorsal coberta quase completamente de escamas (2). Nadadeira peitoral com escassa coloração (3). Nadadeiras anal e pélvica transparentes (4). Axila da nadadeira peitoral enegrecida (5).

CYNOSCION LEIARCHUS (CUVIER, 1830)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Pescada (BRA); Smooth weakfish (ENG); Corvinata blanca (ESP); Acoupa blanc (FRA).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre do Panamá até Santos, em estuários e áreas próximas da costa, em substratos arenosos ou de lama, até, aproximadamente, 50 m de profundidade. Nas atividades de amostragem na região Nordeste do Brasil, foi registrada nos desembarques da frota de canoas à vela que operam com rede de emalhar em Camocim (Ceará), entre profundidades de 4 e 18 m. Representou 0,225% do total amostrado na região. Possui carne de boa qualidade com valor comercial elevado nos estados onde ocorre.

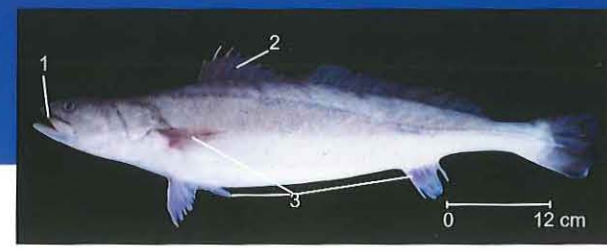
■ ***Tamanho***

Comprimento de 14,4 a 75 cm C_t, apresentando média de 25,7 cm.

■ ***Características***

D.X-I, 20-24; A.II,10-12; P.17-19. Apresenta escamas ciclóides que, na linha lateral, são mais largas que as do ventre e dorso. Sua língua e a parte anterior interna das mandíbulas são amarelas ou alaranjadas, em exemplares frescos. Coloração prateada (1), dorso acinzentado (2); nadadeiras claras, exceto a dorsal espinhosa, escura, bem como a margem da caudal (3).

CYNOSCION VIRESCENS (CUVIER, 1830)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Pescada-real (BRA); Green weakfish (ING); Acoupa cambucu (FRA); Corvinata cambucú (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Distribui-se da costa continental da América Central, desde a Nicarágua, até o sudeste do Brasil. Habita áreas de fundo de lama e areia, próximas a estuários e zona costeira até, aproximadamente, 60 m de profundidade; os adultos preferem áreas próximas a desembocaduras de rios. Os exemplares amostrados no nordeste do Brasil foram mais freqüentes no Piauí (55,6%) e norte da Bahia (38,9%); apenas 5,6% foram registrados em Pernambuco. A frota de rede de emalhar realizou a totalidade das capturas, atuando em profundidades de 6 a 30 m (média 18 m), em áreas de pesca distantes entre 2,24 e 8,33 km da costa. Espécie pouco abundante, apenas 18 exemplares foram registrados em 9 desembarques. Possui carne saborosa e bom valor comercial.

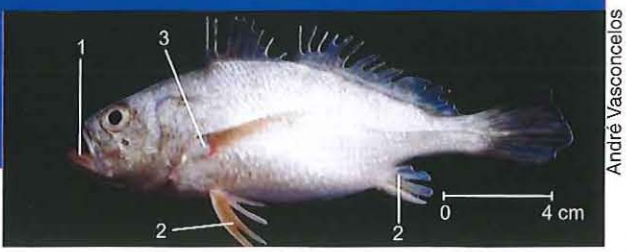
■ *Tamanho*

Comprimento de 18 a 81,5 cm C_t, com média de 41,3 cm.

■ *Características*

D.X-I, 27-31; A.II,8-9; P.18-19. Sua coloração é, em geral, prateada, com tons azulados e esverdeados na metade dorsal; ventralmente branca. Pré-maxilar com duas fileiras de dentes, sendo os dentes da fileira externa maiores, e parte frontal de cada maxilar com um canino grande (1). Membrana da nadadeira dorsal desprovida de escamas (2). Nadadeiras peitoral, pélvica e anal com tons amarelados ou alaranjados (3).

LARIMUS BREVICEPS (CUVIER, 1830)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Boca-Mole (BRA); Shorthead drum (ING); Verrue titête (FRA); Bombache cabezón (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre desde as Antilhas e Costa Rica até o Rio de Janeiro. Habita áreas pouco profundas, até 60 m, encontradas em fundos de areia, lodo ou cascalho. Espécimes foram raros nos desembarques amostrados na região Nordeste; apenas seis exemplares capturados no emalhe de Pernambuco. As profundidades de captura variaram de 16 a 26 m. Apresenta baixo valor comercial e é rara no comércio da região.

■ ***Tamanho***

Tamanhos entre 15 e 25 cm C_t, com média de 20,9 cm.

■ ***Características***

D.X-I, 26-28; A.II,6; P.16-17. Peixe alongado, com maior altura na região da origem da peitoral, cabeça curta, boca muito inclinada, quase vertical (1); sem barbilhão no queixo; caudal lanceolada. Prateado, dorso mais escuro; nadadeiras pélvica e anal amareladas (2); mancha escura na base da peitoral (3).

MACRODON ANCYLODON
(BLOCH E SCHNEIDER, 1801)

Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Pescadinha (BRA); King weakfish (ING); Acoupa chasseur (FRA); Pescadilla real (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, do Golfo da Venezuela até o norte da Argentina. Presente em estuários, mangues, lagoas salobras e áreas costeiras com profundidades de até 50 m, prefere locais com fundo de lama. Apresentou alta ocorrência nas amostragens no litoral do Piauí (n = 687), capturadas por rede de emalhar, sendo apenas um indivíduo registrado no Rio Grande do Norte, desembarcado pela frota de linha de fundo. A profundidade de captura variou entre 4 e 15 m. Foi a espécie da família Sciaenidae que apresentou a maior freqüência de ocorrência nas atividades de amostragem do REVIZEE, representando 0,572% do total registrado na região. Possui bom valor comercial.

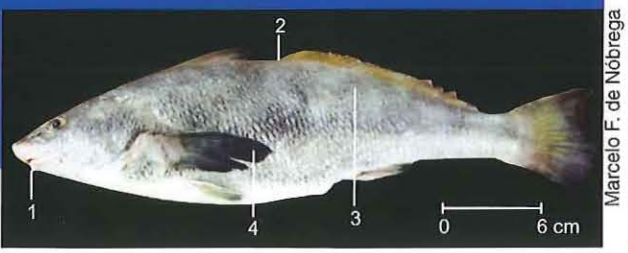
■ *Tamanho*

Na captura de rede, 20 a 29,5 cm C_t (média 29,5 cm) e na linha, 46 cm C_t.

■ *Características*

D.X-I, 28-30; A.II,9; P.16-17. Apresenta dentes caninos no maxilar superior, em forma de flecha (1); dorsais espinhosa (1ª) e mole (2ª), com profundo entalhe, mas unidas na base; anal muito mais curta que dorsal mole; nadadeira caudal lanceolada (2). Cor geral prateada, com dorso azul-esverdeado (3) e ventre claro; nadadeiras anal e caudal amareladas (4), porém com a porção distal escura.

MENTICIRRHUS AMERICANUS (LINNAEUS, 1758)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Judeu, Papa-terra (BRA); Southern kingcroaker (ING); Bourrugue de crique (FRA); Lambe caletero (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental, de Nova York (EUA) até Buenos Aires (Argentina), estando ausente nas Antilhas. É comum nas proximidades de áreas estuarinas, associada sempre a fundos de areia, lodo ou cascalho. Distribui-se em profundidades de até 50 m, sendo geralmente capturada próximo da praia. Essa espécie ocorreu, principalmente, no norte do Ceará (96,9%) e no Piauí (3,1%). Foi, quase que exclusivamente, capturada pela rede de emalhar (n = 285), sendo apenas um exemplar desembarcado pela linha de fundo, no norte do Ceará. A profundidade de captura variou entre 4 e 12 m. Carne de gosto apreciado, mas pouco comum no comércio da região Nordeste.

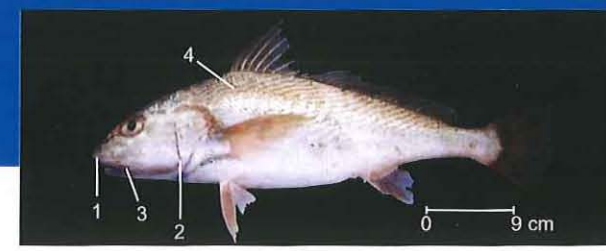
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede, 13 a 31 cm C_t (média 22,8 cm), e nas de linha, 24 cm C_t.

■ *Características*

D.X-I, 22-24; A.I,7; P.18-19. Possui corpo alongado, olhos pequenos e focinho cônico, presença de um barbilhão curto e rígido no queixo (1); dorsal com um profundo entalhe (2), separando a espinhosa da mole. Cor geral cinza-prateada, ventre claro, manchas escuras alongadas e oblíquas (3), nem sempre nítidas; peitoral com margem escura (4).

MICROPOGONIAS FURNIERI (DESMAREST, 1823)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Corvina, Cururuca (BRA); Whitemouth croaker (ING); Corvinón rayado (ESP); Tambour rayé (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, nas Antilhas, Nicarágua, Costa Rica até a Argentina. É abundante sobre fundos de areia, lodo e cascalho, em estuários, baías e ao longo da costa; mais comum em profundidades de até 60 m, geralmente entre 20 e 40 m. Na região Nordeste do Brasil, apresentou a maior freqüência no estado do Piauí (87,4%), ocorrendo eventualmente no norte da Bahia (11,5%), sendo rara no Rio Grande do Norte (1,1%). A rede de emalhar contribuiu com a quase totalidade dos exemplares desembarcados (98,4%), contra apenas 1,6% (n = 3) da linha de fundo. A profundidade de captura variou de 8 a 30 m. Representou apenas 0,151% do total de peixes amostrados no nordeste. A carne apresenta baixo valor comercial, mas na região Nordeste, em geral, é comercializada congelada vinda da região sul e sudeste do Brasil, onde é bastante abundante.

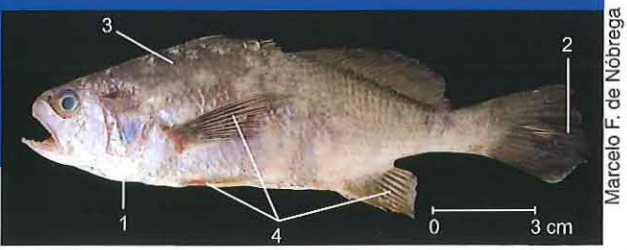
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede, 26,7 a 59 cm C_t (média 41,6 cm), e nas de linha, 43,7 a 48 cm C_t.

■ *Características*

D.X-I, 25-29; A.II,7-8; P.17-19. Possui corpo alongado e focinho arredondado (1), pré-opérculo levemente serrilhado (2); maxilar inferior com vários pares de barbilhões, em sua borda interna (3). Prateada a marrom, com reflexos dourados; dorso mais escuro e ventre claro; estrias escuras e oblíquas no dorso e flancos (4).

STELLIFER RASTRIFER (JORDAN, 1889)



Marcelo F. de Nóbrega

■ ***Nomes vulgares***

Cabeça-dura (BRA); Rake stardrum (ING); Corvinilla rastra (ESP); Magister fourche (FRA).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre na costa Atlântica oeste, do norte da Colômbia até o sul do Brasil. Habita águas rasas, geralmente encontrada em estuários e mangues, na área costeira até profundidades de 40 m, mas comumente até os 20 m de profundidade. Apenas 2 exemplares foram registrados em um desembarque da frota de canoa à vela do norte do Ceará, que operou com linha de fundo. Não apresenta valor comercial, sendo apenas consumida por comunidades de pescadores que utilizam o arrasto de praia.

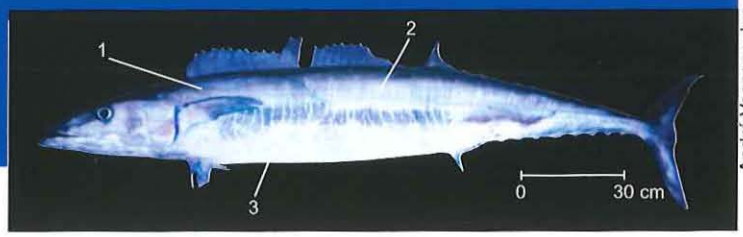
■ ***Tamanho***

Comprimento total de 16,5 e 20 cm.

■ ***Características***

D.XI-I, 20-23; A.II, 8-10; P.19-20. Corpo alongado, porção anterior da mandíbula sem barbilhão; pré-opérculo com espinhos distintos, no ângulo (1); caudal lanceolada (2). Cor amarelo-cinza-prateada, dorso mais escuro, região anterior da dorsal escura (3), e as nadadeiras pélvica, anal e peitorais amareladas, com margens escuras (4). É um peixe de pequeno porte.

ACANTHOCYBIUM SOLANDRI (CUVIER, 1831)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Cavala-empinge (BRA); Wahoo (ING); Thazard-bâtard (FRA); Peto (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre em águas tropicais e subtropicais do Atlântico, Pacífico, Índico, Caribe e no Mar Mediterrâneo. Espécie epipelágica, mais frequentemente a partir do talude continental e área oceânica. Nas amostragens da frota artesanal do nordeste brasileiro, os maiores volumes foram obtidos pela frota que opera com linha de superfície e corso em Alagoas (29,5%), Rio Grande do Norte (24,6%) e Pernambuco (21,2%); foi menos frequente no norte da Bahia (14,2%) e Ceará (10,5%). As áreas de captura apresentaram profundidades entre 30 e 340 m (média 89 m), estando distantes de 6,93 a 45 km da costa (média 27,12 km). Representou 0,448% em frequência absoluta, e 1,70%, em peso (3,5 t). É o segundo recurso mais capturado pela frota que opera nas adjacências do ASPSP, sendo também muito importante para a frota de Fernando de Noronha. É muito comum nas capturas da frota industrial que opera com espinhel pelágico na ZEE-Nordeste. Foi muito frequente nas capturas da prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE-Nordeste, em áreas com profundidades de 56 a 263 m (média 121 m). Possui alto valor comercial e carne de excelente sabor.

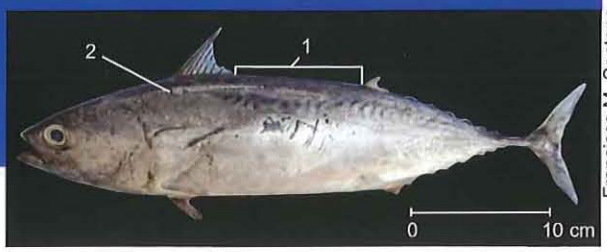
■ *Tamanho*

Comprimento de 63 a 175 cm C_z, com média de 121,2 cm.

■ *Características*

D.XXIII-IV, 12-16+9; A.12-14+9; V.62-64. Corpo fusiforme e muito alongado; carreira de dentes triangulares proeminentes no bordo das mandíbulas; faixas verticais escuras ao longo do corpo (1); cor azul metálico (2) e ventre prateado (3). Maxilares pontudos, formando um bico. Linha lateral estreita, com curva abrupta abaixo da região média da primeira nadadeira dorsal. Laterais prateadas com 24 a 30 listras verticais de coloração azul cobalto.

AUXIS THAZARD (LACEPÈDE, 1803)



■ *Nomes vulgares*

Bonito (BRA); Frigate tuna (ING); Auxide (FRA); Melva (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie circuntropical, ocorre nos oceanos Atlântico, Indico e Pacífico; é epipelágica, de águas neríticas e oceânicas. As amostras coletadas no nordeste foram registradas em Pernambuco (88,5%) e, apenas 11,5%, no norte da Bahia. A linha de superfície contribuiu com 57,1% dos exemplares amostrados nos desembarques, contra 42,9% da rede de emalhar. As áreas de captura apresentaram profundidades de 20 a 90 m. Espécie pouco frequente nos desembarques (0,072%) da frota artesanal da região Nordeste do Brasil. Sua carne não é apreciada, de cor escura, apresentando baixo valor comercial.

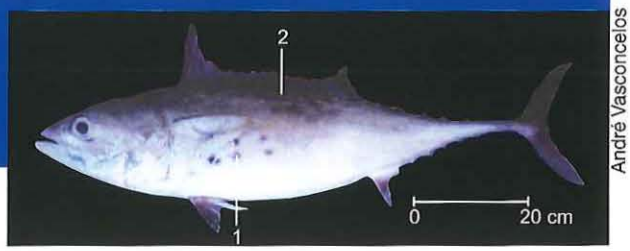
■ *Tamanho*

Linha – 19 a 50 cm C_z (média 33 cm); rede – 42,9 a 82 cm C_z (média 35,9 cm).

■ *Características*

D.X,11-12; A.12-14; P.23-24. Possui distância interdorsal bem espaçada (1); dorso azul-claro metálico, cinza-prata na metade inferior (2); ventre prateado; presença de 15 faixas estreitas onduladas horizontalmente escuras na região dorsal.

EUTHYNNUS ALLETTERATUS (RAFINESQUE, 1810)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Bonito-pintado (BRA); Little tunny (ING); Thonine commune (FRA); Bacoreta (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Espécie tropical e subtropical do oceano Atlântico, incluindo o Golfo do México, Caribe, Mediterrâneo e Mar Negro. Espécie epipelágica nerítica, geralmente habita áreas próximas da costa. Os maiores volumes desembarcados foram registrados no Ceará (59,4%), Piauí (16,4%) e norte da Bahia (15,6%), sendo menos freqüente em Pernambuco (5,3%) e no Rio Grande do Norte (3,3%). A rede de emalhar foi a principal arte de captura (79,2%), contra 20,8% da linha de superfície. As profundidades de captura variaram de 17 a 128 m, em áreas de pesca que apresentaram distâncias da costa de 2,33 a 31,3 km. Representou 0,640%, em número, e 0,56% (1,2 t), em peso, do total registrado na região. Sua carne, apesar de escura, possui razoável valor comercial, sendo observada, com freqüência, nos mercados de pescados da região.

■ *Tamanho*

Nas capturas de rede, 17 a 85,4 cm C_z (média 39,4 cm), e nas de linha, 33,5 a 90,5 cm C_z (média 57,7 cm).

■ *Características*

D.XV-I, 11-13; A.11-13; P.25-28. Possui, em média, 5 manchas localizadas na porção inferior das nadadeiras peitorais (1), que podem ser, muitas vezes, difusas e de pouco destaque; dorso com listras sinuosas acima da linha lateral (2); distância interdorsal pequena.

KATSUWONUS PELAMIS (LINNAEUS, 1758)

Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Bonito-listrado; Gaiado (BRA); Skipjack tuna (ING); Bonite à ventre rayé (FRA); Listado (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie de águas tropicais e subtropicais de todos os oceanos, com exceção do Mediterrâneo; no oceano Atlântico ocidental, ocorre desde o nordeste dos Estados Unidos até o sul do Brasil. No nordeste do Brasil, as maiores ocorrências foram no norte da Bahia (42,7%) e no Rio grande do Norte (38,9%); já nos estados do Ceará (8,9%), Alagoas (5,1%) e Pernambuco (4,5%), os menores volumes foram registrados. A rede de emalhar foi a arte de pesca mais utilizada nas capturas (59,3%), sendo 40,4% dos exemplares capturados por linha de superfície. Os pesqueiros apresentaram profundidades entre 16 e 120 m (média 62 m); as distâncias dessas áreas de pesca até a costa variaram de 1,37 a 44,75 km (média 17,14 km). Sua ocorrência no nordeste foi baixa (0,211%), não havendo pescaria dirigida para a espécie na região Nordeste. É, raramente, capturada com espinhel nas adjacências do ASPSP, sendo mais freqüente em Fernando de Noronha. Foi, eventualmente, capturada nas prospecções com espinhel pelágico do REVIZEE-Nordeste, entre profundidades de 56 e 207 m (média 133 m). Espécie muito importante para a pesca do Brasil, sendo capturada principalmente com vara e isca-viva, na região sudeste e sul.

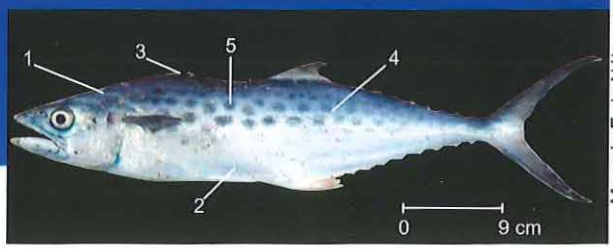
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede, 25,2 a 47,5 cm C_z (média 36,9 cm); na de linha, 33 a 87,5 cm C_z (média 60,9 cm), e no espinhel, 40 a 88 cm C_z (média 66 cm).

■ *Características*

D.XIV-II, 14-15+7-9; P.26-27; A.14-15+7-8. Ventre com 4 a 6 linhas escuras longitudinais, da peitoral até a cauda (1). Região inferior e flancos esbranquiçados (2); dorso azulado, com faixas escuras avermelhadas (3); quando observadas na água, pode apresentar várias faixas verticais escuras, alternadas com outras pálidas.

SCOMBEROMORUS BRASILLIENSIS (COLLETTE, RUSSO E ZAVALA-CAMIN, 1978)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Serra (BRA); Spanish mackerel, Brazilian-spanish mackerel (ING); Thazard tacheté du sud (FRA); Serra (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no Atlântico ocidental, de Belize até o sul do Brasil, incluindo o Caribe. Espécie epipelágica nerítica, sendo encontrada em áreas de até, 130 m de profundidade, mas geralmente entre 20 e 60 m. A maior proporção de exemplares desembarcados foi registrada no Ceará (60,1%), seguido do Piauí (12,8%), Alagoas e Pernambuco (12,7%) e Rio grande do Norte (10,4%); no norte da Bahia, a espécie foi pouco freqüente (4%). A principal arte de pesca nas capturas foi a rede de emalhar (80,4%), sendo a linha de superfície responsável por 13,6% das amostras e, apenas, 6% provenientes do arrasto de praia. As áreas de atuação da frota de rede de emalhar apresentaram profundidades entre 5 e 52 m; já para linha, a profundidade variou de 26 a 128 m. Os pesqueiros estiveram de 1,37 a 39,42 km distantes da costa, com média de 11,43 km. Espécie muito importante para frota artesanal da região, representou 5% do total amostrado no nordeste. Possui alto valor comercial, sendo uma das espécies mais freqüentes nos mercados de pescados no Nordeste.

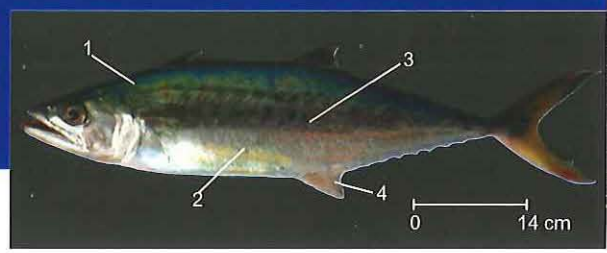
■ *Tamanho*

Nas capturas de rede, 9,1 a 92 cm C_z (média 38,9 cm); nas de linha, 23,2 a 97 cm C_z (média 48,2 cm) e no arrasto, 11,5 a 27,2 cm C_z (média 17,12 cm).

■ *Características*

D.XVII, 16-17+8-9; A.II, 15-16+7-9; P.21-24. Dorso azul-esverdeado à cinza-escuro (1), metade inferior branco-prateada (2); primeira dorsal escura (3); manchas amareladas nos flancos, que perdem a cor quando o peixe morre (4); linha lateral relativamente uniforme (5).

SCOMBEROMORUS CAVALLA (CUVIER, 1829)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Cavala-branca (BRA); King mackerel (ING); Thazard serra (FRA); Carite lucio (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, desde Massachusetts (EUA) até o Rio de Janeiro. Espécie epipelágica nerítica, seus indivíduos jovens são encontrados em áreas com profundidade de até 40 m, próximo a costa, apresentando sobreposição com *S. brasiliensis*; exemplares adultos, geralmente, são solitários e habitam áreas mais distantes da costa, entre 40 e 200 m de profundidade. No norte da Bahia (42,8%) e no Ceará (39,8%), foram registrados os maiores volumes desembarcados; em Pernambuco (6,6%), Alagoas (5,4%), Piauí (3,9%) e Rio Grande do Norte (1,4%), a espécie foi menos freqüente. A frota de linha de mão (fundo e superfície) foi responsável por 83,4% das capturas e a rede de emalhar contribuiu com 16,6% dos exemplares amostrados. As áreas de operação da frota de linha variaram de 30 a 128 m de profundidade (média 71 m), em áreas distantes de 5,9 a 44,75 km da costa (média 19,7 km); a frota de rede atuou em áreas de 5 a 43 m de profundidade, com distâncias da costa variando entre 1,37 e 8,33 km (média 4,73 km). Espécie muito importante, regionalmente, representou 5,791%, em número, e 8,56% do peso (17,7 t) total amostrado. Carne de excelente qualidade e alto valor comercial.

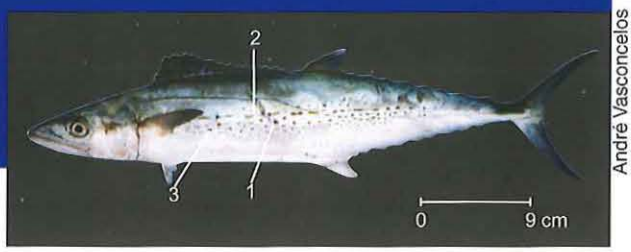
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha, 11,5 a 146 cm C_z (média de 78,18 cm) e nas de rede, 14,5 a 134 cm C_z (média 56,5 cm).

■ *Características*

D.XIII-XVII, 15-18+7-10; A.16-20+7-10; P.21-23. Corpo azul escuro no dorso (1) e branco no ventre (2); linha lateral com curva abrupta para baixo, sob a origem da segunda dorsal (3); às vezes, apresenta manchas pelo corpo; primeira nadadeira dorsal de coloração clara, nadadeira anal similar à segunda dorsal (4); peitoral maior que a pélvica; quilha mediana presente no pedúnculo caudal.

SCOMBEROMORUS REGALIS (BLOCH, 1793)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Serra-pininga (BRA); Cero (ING); Thazard franc (FRA); Carite chinigua (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Atlântico ocidental, distribuindo-se de Massachusetts (EUA), Bermuda e Caribe até o Rio de Janeiro. Espécie epipelágica, parece apresentar distribuição semelhante a *S. cavalla,* com jovens habitando profundidades de até 40 m e adultos solitários, capturados em áreas entre 50 e 200 m de profundidade. No nordeste do Brasil, foi mais freqüente no norte da Bahia (56,7%), no Rio Grande do Norte (24,4%) e Alagoas e Pernambuco (18,9%). A linha de mão (superfície e fundo) apresentou o maior número de exemplares capturados (81,6%), sendo apenas 18,4% amostrados da rede de emalhar. As áreas de pesca, onde a frota de linha atuou, apresentaram profundidades de 30 a 128 m (média 63 m), distantes de 6 a 39,67 km da costa; para a frota de rede, as profundidades variaram de 16 a 47 m, distantes de 1,37 a 7,37 km da costa. Representou 0,178% do total amostrado. É a espécie menos freqüente do gênero *Scomberomorus.* A área de distribuição possui grande sobreposição com *S. cavalla*, porém é bem menos abundante. Sua carne é muito saborosa, com bom valor comercial, apesar de pouco freqüente no comércio.

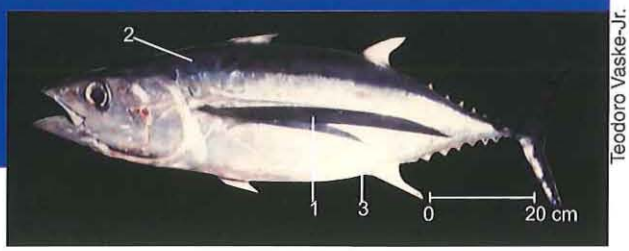
■ *Tamanho*

Linha – 35,3 a 118,5 cm C_z (médio 65,6 cm); rede – 35,3 a 76,4 cm C_z (média 54,9 cm).

■ *Características*

D.XVI-XVIII, 16-19+7-9; A.15-20+7-10; P.20-24. Apresenta cor cinza-metálica (1); presença de uma listra média lateral bem evidente (2), com pequenas manchas negras ao longo do corpo, formando pequenas listras horizontais (3).

THUNNUS ALALUNGA (BONATERRE, 1788)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Albacora-branca (BRA); Albacore (ING); Germon (FRA); Atún blanco (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Cosmopolita em águas tropicais e temperadas de todos os oceanos, incluindo o Mar Mediterrâneo. No lado ocidental do oceano Atlântico, ocorre desde o Canadá até o Uruguai. Espécie epi e mesopelágica oceânica se distribui em águas superficiais de temperaturas entre 15,6° e 19,4°C. Apenas sete exemplares foram amostrados nos desembarques da frota que utilizou a linha de mão (superfície e fundo), sendo três em Alagoas e quatro em Pernambuco. As áreas de captura apresentaram profundidades entre 90 e 113 m, distantes de 27,14 a 43,09 km da costa. Foi a espécie do gênero *Thunnus* menos freqüente nas amostragens, provavelmente por apresentar uma distribuição mais afastada da costa, onde a frota artesanal possui baixa autonomia de operação. É freqüente nas capturas da frota industrial que atua com espinhel pelágico na ZEE-Nordeste. Espécie abundante na prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE-Nordeste, capturada entre 61 e 228 m (média 163 m). Participa, também com freqüência, dos desembarques da frota de Fernando de Noronha e, com menor freqüência, no ASPSP. Possui alto valor comercial, mas é pouco observada no mercado de pescados da região, sendo geralmente exportada.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 57 a 111 cm C_z (média 75,9 cm) e no espinhel: 74 a 147,3 cm C_z (média 107 cm).

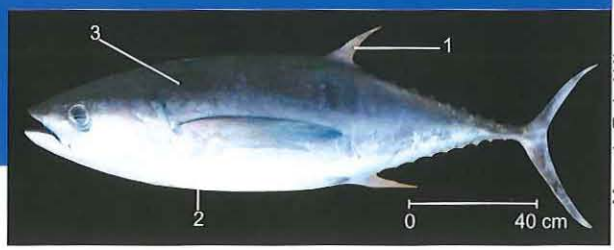
■ *Características*

D.XIII-XIV, 12+7-9; A.II, 12+7-8. R.25-31. Possui nadadeira peitoral bem maior do que outras espécies de tunídeos (1); coloração azul-escura metálica no dorso (2); ventre prateado, sem linhas e manchas (3). Apresenta a margem terminal da nadadeira caudal branca.

Peixes Ósseos

Família Scombridae

Thunnus albacares (Bonaterre, 1788)



Marcelo F. de Nóbrega

■ ***Nomes vulgares***

Albacora-laje (BRA); Yellowfin tuna (ING); Albacore (FRA); Rabil (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Habita mares tropical e subtropical de todo o mundo, sendo ausente no Mediterrâneo. Espécie epipelágica oceânica, os limites de temperatura de sua ocorrência estão entre 18° e 31°C; geralmente encontrados nos 100 m superficiais, quase sempre acima da termoclina. No nordeste brasileiro, foi freqüente nos desembarques da frota de linha de mão (superfície e fundo) no norte da Bahia (36%), Rio Grande do Norte (23,4%), Pernambuco (22,9%) e Alagoas (17,4%), sendo apenas um exemplar (0,3%) registrado no Ceará. A profundidade das áreas de pesca variou de 36 a 135 m (média 83 m), distantes de 8,19 a 43,60 km da costa (média 21,36 km). Espécie muito importante para a frota de linha de mão da região, representou 2,68% (5,55 t) do peso total amostrado, sendo a espécie de atum mais abundante no Nordeste. É importante recurso para frota industrial sediada em Natal (RN) e Cabedelo (PB). Nas amostragens do REVIZEE-Nordeste, apresentou sazonalidade nas capturas, com altas abundâncias entre outubro a março. É o principal recurso explotado pela frota que atua no ASPSP e em Fernando de Noronha. Foi o recurso mais abundante na prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE, capturada entre 60 e 263 m (média de 135 m) de profundidade. Possui alto valor comercial; exemplares pequenos (menores que 17 kg) são observados, com freqüência, no mercado de pescados do nordeste; acima desse peso são exportados.

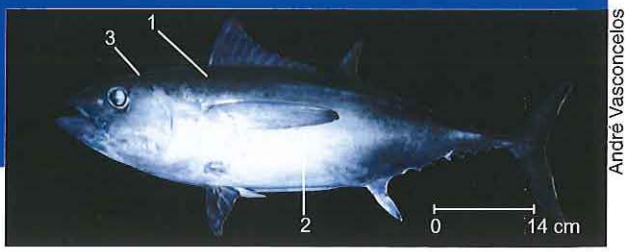
■ ***Tamanho***

Nas capturas de linha: 47 a 146 cm C_z (média 103,5 cm) e no espinhel: 46,5 a 162 cm C_z (média 113 cm).

■ ***Características***

D.XIII-XV, 13-16+8-9; A.II, 12-15+8-10. R.26-34. Segunda nadadeira dorsal amarela e longa (1); linhas e pontos esbranquiçados, verticais, no ventre (2); dorso azul-escuro metálico (3), com longa faixa amarela brilhante na lateral do corpo.

THUNNUS ATLANTICUS (LESSON, 1839)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Albacorinha (BRA); Blackfin tuna (ING); Thon à nageoires noires (FRA); Atún aleta negra (BRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Restrita ao oceano Atlântico ocidental, ocorre desde o sul de Massachusetts (EUA) até a Ilha de Trindade e Rio de Janeiro. Espécie epipelágica oceânica, habita águas de temperaturas maiores que 20°C, formando grandes cardumes misturados com *K. pelamis*. Foi amostrada em toda região Nordeste, nos desembarques da frota de linha de mão (superfície e fundo), porém apresentou maiores volumes no norte da Bahia (57,6%), Rio Grande do Norte (23,7%), Alagoas e Pernambuco (17,7%); foi rara no Ceará (0,8%) e no Piauí (0,1%). As capturas foram realizadas em áreas de profundidades de 27 a 135 m (média 76 m), distantes da costa entre 3,65 e 44,75 km (média 21,41 km). Representou 2,23%, em peso (4,63 t), do total amostrado na região. Nos meses de setembro a dezembro, ocorre a safra do *T. atlanticus* no nordeste brasileiro, quando a espécie apresentou altas abundâncias em Baía Formosa (RN). Foi pouco freqüente nas capturas da prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE-Nordeste, registrado entre 88 e 122 m de profundidade. É razoavelmente freqüente nas capturas da frota em Fernando de Noronha. Apresenta grande importância comercial para a frota artesanal do nordeste, mas sua carne é inferior às de outras espécies do gênero.

■ *Tamanho*

Linha: 36 a 88,5 cm C_z (média 63 cm); espinhel: 45 a 78 cm C_z (média 64 cm).

■ *Características*

D.XIII-XIV, 12-15+7-9; A.II, 11-15+7-8; R.19-26. É a menor espécie do gênero *Thunnus,* na região Nordeste. Possui dorso azul-escuro (1); flanco e ventre cinza-prateados, geralmente apresenta faixas pálidas verticais (2); freqüentemente com uma larga faixa bronzeada no dorso (3).

THUNNUS OBESUS (LOWE, 1839)

Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Albacora-bandolim (BRA); Bigeye tuna (ING); Thon obèse (FRA); Patudo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre em águas tropical e subtropical do Atlântico, Índico e Pacífico, ausente no Mediterrâneo. Ocorrendo da superfície até, aproximadamente, 250 m de profundidade, é encontrada em águas com temperatura entre 13° e 29°C. Foi muito abundante nos desembarques da frota de linha no norte da Bahia (79,9%) e, em menor proporção, em Pernambuco (18,8%); no Rio Grande do Norte (1%) e Ceará (0,3%), foi rara. As áreas de pesca apresentaram distâncias da costa entre 6,94 e 22,34 km (média 15,27 km). As profundidades dessas áreas variaram de 34 a 128 m (média 72 m). Como para outras espécies do gênero, registradas nas amostragens do REVIZEE-Nordeste, razoáveis abundâncias foram observadas na costa leste da região (principalmente entre outubro e março). Espécie importante para pesca artesanal, representou 1,65% (3,44 t) do peso total amostrado na região. Importante, também, para a frota industrial que opera na região oceânica do Nordeste e para frota artesanal do Arquipélago de Fernando de Noronha. Foi pouco abundante nas prospecções com espinhel pelágico do REVIZZE-Nordeste, capturada entre 60 e 231 m de profundidade (média 152 m). Eventualmente, é capturada no ASPSP pela frota que ali atua. Altos valores comerciais, sendo encontrada no comércio de pescados apenas os exemplares menores que 17 Kg.

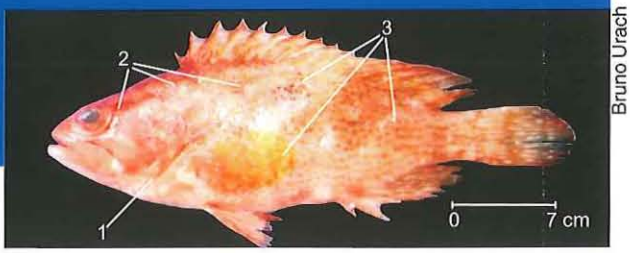
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 32 a 131 cm C_z (média 70,7 cm) e nas de espinhel: 64 a 143 cm C_z (média 111 cm).

■ *Características*

D.XIII-XIV, 14+8-9; A.II, 14+8-9; R.23-21. Corpo fusiforme; tórax mais largo do que em outras espécies do gênero; olho grande (1); dorso azul-metálico escuro (2); linhas ou pontos longitudinais ao longo do ventre; nadadeiras amarelo-escuras e pínulas amarelo-claras com bordas escura (3).

ALPHESTES AFER
(BLOCH, 1793)



Bruno Urach

■ *Nomes vulgares*

Sapê (BRA); Mutton hamlet (ING); Varech (FRA); Guaseta (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se desde Bermudas e Flórida (EUA), por todo o Caribe, até o sul do Brasil. Habita desde a costa até, aproximadamente, 40 m de profundidade, geralmente associada a fundos rochosos e coralinos. Sua ocorrência, na região Nordeste, foi muito baixa (0,091%), sendo 98,2% dos exemplares amostrados nos desembarques da frota de covo para peixe, em Pernambuco, e apenas 2 exemplares (1,8%) no estado do Ceará, um capturado com linha de fundo e um com rede de emalhar. Uma das espécies de menor importância comercial da família. Possui baixo valor comercial, sendo vendida, geralmente, na forma de "caíco", juntamente com outras espécies de pequeno porte.

■ *Tamanho*

Nas capturas do covo: 16,2 a 24 cm C_z (média 19,6 cm); e nas de linha: 32,5 cm C_z; e de rede: 19 cm C_z.

■ *Características*

D.XI, 17-18; A.III, 8-9; P.17. Apresenta cabeça pequena e focinho curto; um espinho evidente no ângulo inferior do pré-opérculo, dirigido para frente e para baixo (1). Cor varia de laranja-avermelhada a uma mistura de marrom e verde, com manchas negras, irregulares e difusas (2); muitos pigmentos laranja por todo o corpo, cabeça e nadadeiras (3).

CEPHALOPHOLIS FULVA (LINNAEUS, 1758)

■ *Nomes vulgares*

Piraúna (BRA); Coney seabass (ING); Coné ouatalibi (FRA); Cherna cabrilla (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental, das Bermudas e Bahamas (EUA), Caribe e toda a costa da América do Sul, até o Rio de Janeiro, incluindo os Arquipélagos de Fernando de Noronha e ASPSP. Habita águas claras com fundos de pedra e recifes de coral, próximos à costa, geralmente em profundidades de 20 a 40 m. Foi mais abundante nos desembarques do norte da Bahia (52,6%), do Ceará (32,1%) e em Pernambuco (14,6%), foi raro no Rio Grande do Norte (0,8%). A linha de fundo contribuiu com a maior parte das capturas (90,5%), contra, apenas, 8,5% do covo para peixe e 1% para rede de emalhar. As áreas de pesca apresentaram profundidades de 8 a 128 m (média 30 m), com distâncias da costa entre 2,33 e 21,67 km (média 7,14 km). Pouco observada nos desembarques da frota que atua em Fernando de Noronha. Foi a espécie de serranídeo mais amostrado na região Nordeste, representando 1,864% do total. Apresenta bom valor comercial, com carne muito saborosa, sendo freqüentemente observada nos mercados de pescado da região.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha: 11,3 a 51,5 cm C_t (média 23,4 cm) no covo: 11,5 a 30,2 cm C_t (média 24,3 cm) e na rede: 15 a 37,5 cm C_t (média 24,3 cm).

■ *Características*

D.IX, 14-15; A.III, 8-9; P.18. Pode ser encontrada em diversas colorações, desde marrom no dorso e ventre claro, até amarela e vermelha. Presença de duas pintas pretas na porção superior do pedúnculo caudal e outras duas na ponta da maxila inferior (1). Opérculo apresenta 3 espinhos chatos, onde o intermediário é o maior (2).

DIPLECTRUM FORMOSUM (LINNAEUS, 1766)

Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Jacundá (BRA); Sand seabass (ING); Serrano arenero (ESP); Serran de sable (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre desde a Virginia (EUA) e Golfo do México até, pelo menos, São Paulo. Espécie de hábitos demersais, encontrada entre 1 e 80 m de profundidade, em áreas com fundos de areia, cascalho e próximas a recifes. No nordeste do Brasil, foi exclusivamente registrada nos desembarques da frota de linha de fundo (73,7%), e covo para peixe (26,3%), em Pernambuco. As profundidades de captura variaram entre 18 e 30 m. Não apresenta valor comercial e não são observados no comércio de pescados. Representaram apenas 0,017% do total amostrado.

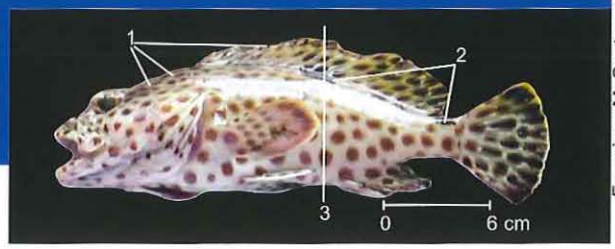
■ *Tamanho*

Na captura de linha: 16,5 a 18,5 cm C_z (média 17,15 cm) e no covo: 16 a 19 cm C_z (média 18,16 cm).

■ *Características*

D.X, 12; A.III, 7; P.16. Possui corpo alongado, margem do pré-opérculo com dois distintos lobos espinhosos, um no ângulo inferior e outro logo acima (1). Cor variável de cinza-claro a marrom, com faixas escuras verticais de tamanho irregulares (2); base da caudal com mancha arredondada.

EPINEPHELUS ADSCENSIONIS (OSBECK, 1771)



■ *Nomes vulgares*

Peixe-Gato (BRA); Rock hind (ING); Mérou oualioua (FRA); Mero cabrilla (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se desde o nordeste dos Estados Unidos (Massachusetts), Golfo do México, Caribe até o sudeste do Brasil; no oceano Atlântico oriental ocorre nas Ilhas Ascensão e Santa Helena. Espécie demersal habita fundos rochosos e de recifes de coral, sendo encontrada em profundidades de até 150 m. No norte da Bahia foi registrada a maior freqüência de exemplares (82,2%), sendo apenas 17% dos registros em Pernambuco e 0,7% no Rio Grande do Norte. A linha de fundo foi a principal arte de pesca empregada nas capturas (84,4%), sendo a rede de emalhar responsável por 11,1% e apenas 4,4% das amostras provenientes de covo para peixe. As áreas de pesca apresentaram distâncias da costa entre 1,37 a 31,67 km (média 12,27 km), em profundidades de 16 a 128 m (média 49 m). Apesar de apresentar carne branca e saborosa, seu valor comercial não é alto. Tem baixa freqüência no mercado de pescados da região. Representou apenas 0,111% das amostras coletadas no nordeste.

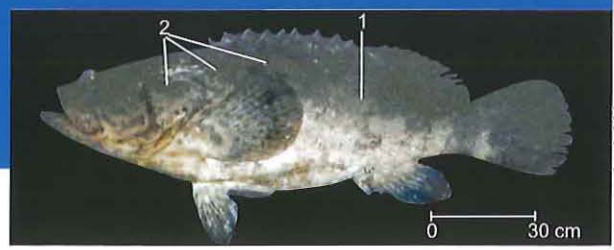
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 22 a 52 cm C_t (média 35,4 cm) na rede 22 a 52 cm C_t (média 33,5 cm) e no covo 22 a 38,5 cm C_t (média 29 cm).

■ *Características*

D.XI, 16-17; A.III, 8; P.18-19. Possui corpo todo pigmentado, inclusive nadadeiras, com pontos marrom-avermelhados (1); base da nadadeira dorsal com 2 a 3 manchas escuras e uma mais evidente no pedúnculo caudal (2); nadadeira peitoral ultrapassa a nadadeira pélvica (3).

EPINEPHELUS ITAJARA (LICHTENSTEIN, 1822)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Mero (BRA); Giant grouper (ING); Mero guasa (ESP); Mérou géant (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental da Flórida até o sudeste do Brasil, incluindo o Golfo do México e Mar do Caribe. Também registrada no Atlântico oriental como *Epinephelus esonue*. Espécie solitária habita águas rasas próximas da costa em fundos de pedra ou corais, geralmente até a quebra da plataforma. No nordeste brasileiro foram amostrados 19 exemplares, sendo 47,4% no norte da Bahia, 36,8% no Ceará, 10,5% em Pernambuco e 5,3% no Piauí. A linha de mão de fundo foi a principal arte de pesca nas capturas (42,1%), seguido pela rede de emalhar (36,8%) e 21,1% proveniente da frota que utiliza a caça submarina. As profundidades de captura variaram de 17 a 60 m (média 37 m) em áreas distantes da costa de 2,45 a 17,46 km (média 9,34 km). Ocorre no ASPSP, mas não faz parte das capturas da frota que ali atua. Espécie criticamente ameaçada de extinção na lista vermelha da IUCN, com pesca proibida no Brasil (IN 05, MMA, 2004). Carne é de alto valor, são muito raros no comércio de pescados da região Nordeste, onde já foram intensamente explotados.

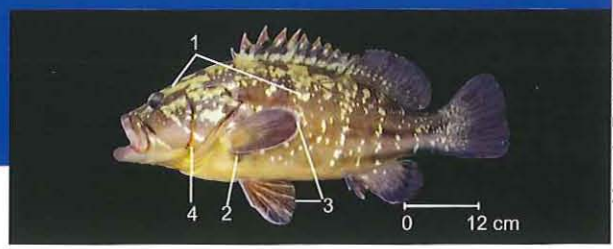
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 85,2 a 210 cm C_t (média 114,5 cm) nas de rede 67,2 a 111 cm C_t (média 84,4 cm) em caça submarina 61 a 165 cm C_t (média 102,5 cm).

■ *Características*

D.XI, 15-16; A.III, 8; P.19. É uma das espécies que atingem maiores comprimentos e pesos da família Serranidae. Nadadeiras pélvicas menores que as peitorais; são geralmente esverdeados ou acinzentados (1) com pequenos pontos pretos sobre o corpo (2). Em jovens ocorre a presença de barras verticais escuras irregulares.

EPINEPHELUS MARGINATUS (LOWE, 1834)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Garoupa (BRA); Dusky grouper (ING); Mero moreno (ESP); Mérou noir (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no Mar Mediterrâneo, no oceano Atlântico oriental da França à África do Sul e no oceano Atlântico ocidental de Pernambuco até a Argentina. Habita fundos rochosos, geralmente entre profundidades de 20 e 50 m. São raros no nordeste do Brasil, tendo sido amostrados apenas dois exemplares de linha de fundo no norte da Bahia e um em Pernambuco. As profundidades de captura variaram de 17 a 128 m. Espécie mais abundante nas regiões sudeste e sul do Brasil, mas raros no nordeste. Carne de alto valor comercial.

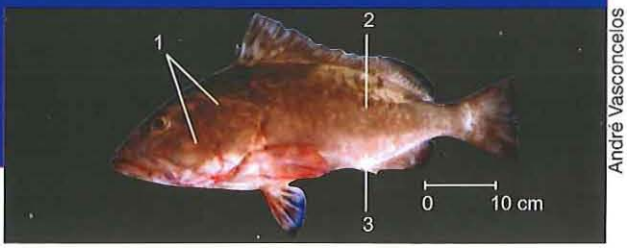
■ *Tamanho*

Comprimentos de 65 e 73 cm C_t.

■ *Características*

D.XI, 14-16; A.III, 8-9; P.17-19. Corpo e cabeça marrom-avermelhado escuro, acinzentado no dorso com manchas irregulares presentes, podendo ser brancas, amarelas e esverdeadas ou cinza-prateado na cabeça (1); ventre amarelo dourado (2); nadadeiras pélvicas menores que as peitorais (3); pré-opérculo arredondado e finamente serrilhado (4).

EPINEPHELUS MORIO (VALENCIENNES, 1828)



■ *Nomes vulgares*

Garoupa-verdadeira (BRA); Red grouper (ING); Mero americano (ESP); Mérou rouge (FRA).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental da Carolina do Norte (EUA) até o sudeste do Brasil, incluindo Bermuda, Golfo do México, Caribe. Prefere fundo rochoso e recifes de coral, entre profundidades de 5 e 130 m. Nas amostragens da região Nordeste apresentou maiores freqüências no Ceará (58,3%) e Pernambuco (31,9%), sendo pouco freqüente no norte da Bahia (8,3%) e Rio Grande do Norte (1,4%). A linha capturou 98,6% (n = 71) dos indivíduos e a rede de emalhar apenas um (1,4%). A profundidade de atuação das embarcações variou de 39 a 119 m (média 61 m), em pesqueiros que distaram de 13,94 a 17,70 km da costa (média 15,38 km). Ocorre eventualmente nos desembarques da frota de Fernando de Noronha. Representou 0,061% do total amostrado no nordeste. Carne de alto valor comercial, mas pouco encontrado nos mercados de peixes da região.

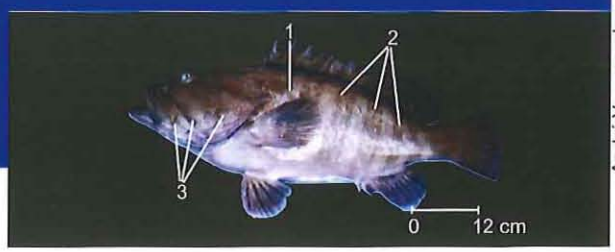
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 37,5 a 82 cm C_t (média 66,3 cm) e nas de rede 72,5 cm C_t.

■ *Características*

D.XI, 16; A.III, 9; P.17-19. Nadadeira peitoral maior que a nadadeira pélvica, pontos pretos presentes na região opercular e ao redor dos olhos, porém pouco definidos (1); corpo geralmente marrom-avermelhado (2); ventre claro com um padrão transitório de pontos brancos (3). Segundo espinho da nadadeira dorsal maior que o primeiro.

EPINEPHELUS MYSTACINUS (POEY, 1851)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Cherne-listrado (BRA); Misty grouper (ING); Mérou brouillard (FRA); Mero listado (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Sua distribuição é descrita desde a Flórida e Mar do Caribe até a região Nordeste do Brasil, em profundidades de 100 a 300 m, geralmente em fundos rochosos. Espécie rara nas amostragens, apenas um exemplar foi registrado no desembarque da frota de linha de fundo do norte da Bahia. A profundidade de captura foi de 120 m, em uma área distante 10,68 km da costa. Possuem carne de ótimo sabor, mas são raríssimos nos mercados de pescado da região.

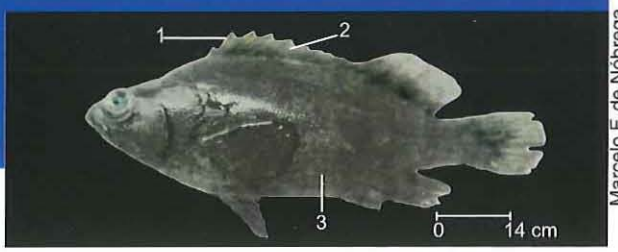
■ *Tamanho*

Comprimento do exemplar amostrado de 78 cm comprimento total.

■ *Características*

D.IX, 14-15; A.III, 9; P.19. Corpo cinza a marrom (1); com 8 a 10 faixas negras, da dorsal ao ventre, muito evidentes e com espaços entre as mesmas similares a sua largura (2); na cabeça três estrias negras irradiam-se do olho para baixo e para trás (3).

EPINEPHELUS NIGRITUS (HOLBROOK, 1855)



Marcelo F. de Nóbrega

■ ***Nomes vulgares***

Cherne-preto (BRA); Warsaw grouper (ING); Mérou polonais (FRA); Mero negro (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental do nordeste dos Estados Unidos até pelo menos o Rio de Janeiro. São encontrados geralmente em fundos rochosos e recifes de coral; exemplares jovens habitam profundidades de até 10 m, sendo os adultos capturados entre 40 e 450 m. No nordeste do Brasil foram registrados apenas 13 exemplares nos desembarques da frota de linha de fundo do Ceará (46,2%), Rio Grande do Norte (38,5%) e Pernambuco (15,4%). A profundidade de captura variou entre 20 e 140 m, com média de 63 m. Possui razoável valor comercial.

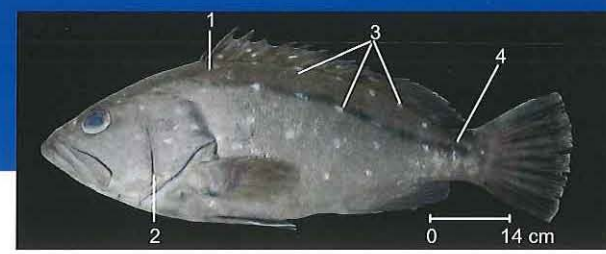
■ ***Tamanho***

Comprimentos entre 58 e 84,5 cm C_t, com média de 71,5 cm.

■ ***Características***

D.X, 14; A.III, 9; P.17-19. Exemplares adultos possuem o segundo espinho da nadadeira dorsal maior que os demais (1). É a única espécie do gênero *Epinephelus* que possui 10 espinhos na nadadeira dorsal. Parte dorsal do corpo marrom escuro quase negro (2); ventre cinza amarelado (3). Exemplares jovens podem exibir pequenas manchas brancas redondas dispostas irregularmente. Não apresenta manchas no pedúnculo caudal, exemplares adultos não possuem qualquer tipo de marcas ou manchas pelo corpo.

EPINEPHELUS NIVEATUS (VALENCIENNES, 1828)



Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Cherne-pintado (BRA); Snowy grouper (ING); Mérou neige (FRA); Cherna pintada (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre desde a Flórida (EUA), o Golfo do México e Caribe até o sul do Brasil. Os grandes exemplares se encontram em fundos rochosos e águas relativamente profundas (até 250 m); jovens são encontrados em águas rasas de substrato arenoso e junto à vegetação de algas. Foi amostrada principalmente nos desembarques da frota do Ceará (90%), sendo apenas 10% dos exemplares registrados em Pernambuco. A linha de fundo foi predominante nas capturas (89%), apresentando baixa freqüência nos desembarques de emalhe (11%) em profundidades de de 13 a 246 m (média 66 m). Foi relativamente bem representada nas amostragens, totalizando 0,570% das amostras. Eventualmente ocorre nas capturas da frota que atua em Fernando de Noronha. Foi uma das espécies mais freqüentes nas capturas da prospecção com espinhel de fundo do REVIZEE-Nordeste, capturado entre 100 e 300 m. Grande valor comercial, com carne de excelente qualidade, sendo observado com freqüência nos mercados de pescados da região.

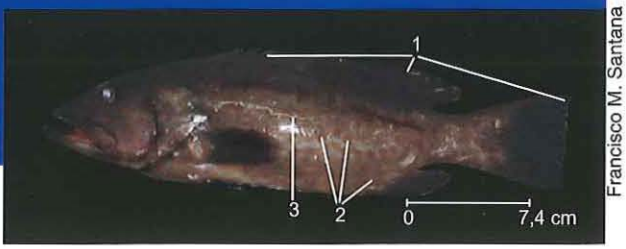
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 21,5 a 120 cm C_t (média 47,4 cm), na rede 21,8 a 64,8 cm C_t (média 47,3 cm) e no espinhel 53 a 82 cm C_t (média 69,7 cm).

■ *Características*

D.XI, 13-14; A.III, 9; P.18. Dorso vermelho ou marrom escuro (1); ventre claro, porção angulada do pré-opérculo serrilhada (2). Os jovens apresentam fileiras de pontos claros ao longo do corpo e nadadeira dorsal (3), mancha preta no pedúnculo caudal ultrapassando a linha lateral (4).

MYCTEROPERCA BONACI (POEY, 1860)



■ *Nomes vulgares*

Sirigado (BRA); Black grouper (ING); Badèche bonaci (FRA); Cuna bonací (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental desde a Flórida (EUA) até o sul do Brasil; ocorre também no Pacífico em Galapagos e no Peru. É a espécie de *Mycteroperca* ocorre na maior diversidade de ambientes, os jovens são encontrados em manguezais, fundos rochosos e de corais pouco profundos; adultos se encontram em profundidades de 20 a 130 m. Apresentou os maiores volumes em Pernambuco (31,3%), Ceará (30,6%) e norte da Bahia (20,7%); sendo menos freqüente no Rio Grande do Norte (11,4%) e Alagoas (6%). A frota de linha de fundo foi responsável pela quase totalidade dos desembarques (98,7%), sendo apenas 1,3% proveniente da rede de emalhar. As profundidades de captura variaram de 17 a 128 m (média 67 m), em pesqueiros distantes de 2,45 a 44,75 km da costa (média 18,93 km). Eventualmente ocorre nos desembarques de Fernando de Noronha; nas prospecções de espinhel de fundo do REVIZEE-Nordeste foi pouco freqüente, capturado entre 50 e 150 m. Representou 9,97% (20,7 t) do peso total registrado na região constituindo um dos mais importantes recursos pesqueiros da região para a frota artesanal. Carne de excelente sabor e elevado valor comercial.

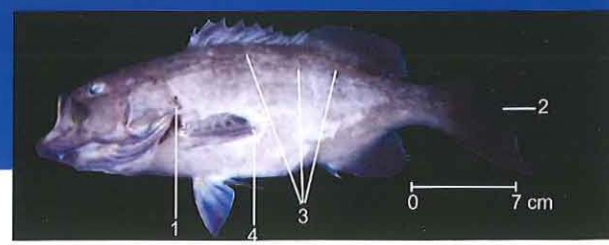
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 21,5 a 177 cm C_t (média de 86,9 cm); na de rede 58,4 a 127,9 cm C_t (média de 85,5 cm) e no espinhel 108 a 131 cm C_t (média 119,6 cm).

■ *Características*

D.XI, 15-17; A.III, 10-12; P.15-17. Apresenta pré-opérculo suavemente arredondado; as nadadeiras verticais apresentam uma margem preta (1); nadadeiras peitorais com uma margem alaranjada. Coloração de fundo é pálida com fileiras regulares de manchas hexagonais escuras que diminuem de tamanho em direção ao ventre (2); sobre o corpo pontos amarelos (3).

MYCTEROPERCA INTERSTITIALIS (POEY, 1860)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Badejo-amarelo (BRA); Yellowmouth grouper (ING); Badèche gueule jaune (FRA); Cuna amarilla (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental do Golfo do México, Bermudas e Caribe até o sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos e coralinos em águas claras, mas pode habitar regiões de até 140 m de profundidade. No nordeste brasileiro teve maior freqüência nos desembarques de linha de fundo no norte da Bahia e em Pernambuco (20%) e Rio Grande do Norte (12,5%). A frota atuou entre 33 e 128 m, com média de 86 m; os pesqueiros distaram em média 15,44 km da costa, variando entre 7,39 e 31,30 km. Pouco freqüente nos desembarques da frota artesanal do nordeste, perfez 0,034% das amostras em número. Espécie rara no comércio de pescados da região, apesar de sua carne ser de excelente qualidade.

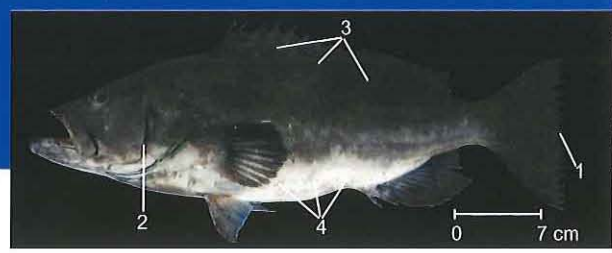
■ *Tamanho*

Tamanhos variaram entre 34 e 146 cm C_t, média de 68,6 cm.

■ *Características*

D.XI, 15-18; A.III, 10-12; P.16-17. Possui pré-opérculo angulado, com protuberância na porção mais inferior, bem serrilhado (1); caudal emarginada (2); a coloração é marrom ao fundo, quebrado por pontos escuros brilhantes (3); nadadeiras peitorais com margem branca (4); ventralmente são claros.

MYCTEROPERCA TIGRIS (VALENCIENNES, 1833)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Badejo-tigre (BRA); Tiger grouper (ING); Badèche tigre (FRA); Cuna gata (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre desde Bermudas, Flórida (EUA), Banco de Campeche (México), Antilhas até o sudeste do Brasil. Espécie associada a fundos rochosos e de corais e profundidade de até 50 m. No norte da Bahia (54,8%) e Alagoas (21,4%) foram registradas as maiores freqüências de exemplares; em Pernambuco (11,9%), Rio Grande do Norte (7,1%) e Ceará (4,8%), as menores. A linha de fundo predominou nas capturas (95,2%), sendo apenas 4,8% desembarcado pela frota de emalhe. As áreas de pesca distaram entre 5,91 e 41 km da costa (média 19,32 km), apresentando profundidades de 33 a 119 m (média 68 m). Recurso com baixa representatividade (0,035%) nos desembarques da região Nordeste. Sua carne é considerada excelente, mas não pouco comuns no mercado de pescados do nordeste.

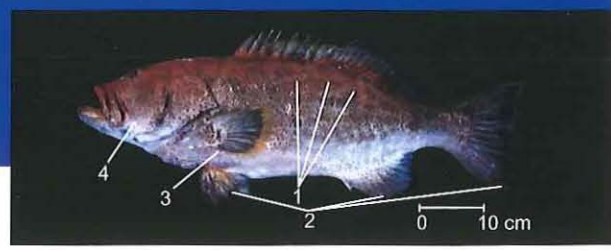
■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 39 a 112 cm C_t (média 69,5 cm), na rede 26 a 27,4 cm C_t.

■ *Características*

D.XI, 16-17; A.III,11; P.16-17. Nadadeira caudal levemente emarginada e com os raios prolongados (1); dentes caninos longos e fortes; pré-opérculo arredondado (2); coloração do dorso é esverdeada escura com 8 ou 9 barras pálidas inclinadas para trás (3). Ventralmente apresenta pequenas manchas espalhadas irregularmente (4).

MYCTEROPERCA VENENOSA (LINNAEUS, 1758)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Badejo-ferro (BRA); Yellowfin grouper (ING); Badèche de roche (FRA); Cuna de piedra (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorrem das Bermudas e sul da Flórida (EUA), Antilhas até São Paulo. Habitam fundos rochosos e coralinos em profundidades de 100 m; jovens são encontrados mais próximos da costa, em fundos de areia. Apresentou a maior abundância no norte da Bahia (58,5%), em Pernambuco (29,3%) e Alagoas (12,2%). A linha de fundo foi responsável pela totalidade dos desembarques amostrados. Os pesqueiros apresentaram distâncias da costa de 10,71 a 41 km (média 21,89 km), em profundidades entre 47 e 119 m (média de 70 m). Espécie com baixa ocorrência nas amostragens da região (0,034%). Carne de excelente qualidade e valor comercial, mas rara nos mercados.

■ *Tamanho*

Comprimentos entre 41 e 120 cm C_t, média de 82,5 cm C_t.

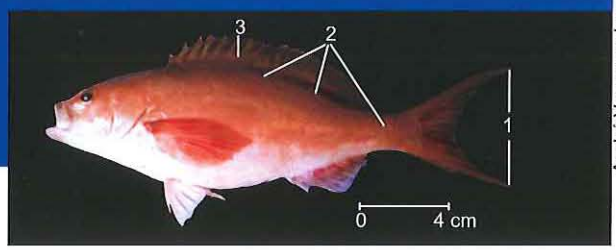
■ *Características*

D.XI, 15-16; A.III, 11; P.16-17. Sua coloração de fundo é verde oliva com linhas longitudinais e manchas escuras arredondadas (1); as nadadeiras pélvica, anal e caudal apresentam uma fina margem escura (2). O ventre é vermelho salmão. Nadadeiras peitorais apresentam uma região amarela marcadamente delineada do resto desta nadadeira (3). Partes ventrais da cabeça e do corpo em indivíduos grandes apresentam pequenos pontos vermelhos brilhantes (4).

Peixes Ósseos

Família Serranidae

Paranthias furcifer (Valenciennes, 1828)



André Vasconcelos

■ ***Nomes vulgares***

Pargo-mirim (BRA): Créole fish (ING); Badèche créole (FRA); Cuna lucero (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Ocorre no Pacífico e oeste do Atlântico, desde a Flórida e Bermudas (EUA), Golfo do México e Caribe até o sudeste do Brasil. Espécie com hábitos demersais, encontrada em fundos rochosos e coralinos entre 10 e 100 m de profundidades. No nordeste do Brasil ocorreu exclusivamente nos desembarques de linha de fundo no norte da Bahia (n = 27) e um exemplar no Ceará. As profundidades de captura foram entre 27 e 119 m, com média de 54 m, em áreas distantes de 3,65 a 20,45 km da costa (média 11,81 km). Recurso pouco freqüente nas amostragens representou apenas 0,024% do total amostrado na região. Carne com bom sabor, mas pouco conhecida e baixo valor comercial.

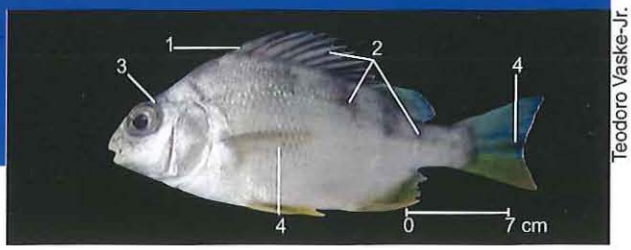
■ ***Tamanho***

Comprimento 19 a 26 cm C_z, com média de 22,7 cm C_z.

■ ***Características***

D.XI, 18-19; A.III, 9; P.20-21. A coloração e a forma da nadadeira caudal com lóbulos longos e pontiagudos (1) são os principais caracteres para diferenciar a espécie dos demais integrantes da família Serranidae. Apresenta coloração avermelhada escura na metade superior do corpo e, gradualmente passa a vermelho vivo na parte ventral. Base da nadadeira dorsal enegrecida (2) e parte distal vermelho esverdeado. Apresenta de três a quatro manchas brancas circulares acima da linha lateral (3).

ARCHOSARGUS PROBATOCEPHALUS (WALBAUM, 1792)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Sargo-de-dente (BRA); Sheepshead seabream (ING); Rondeau mouton (FRA); Sargo chopa (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se no oceano Atlântico ocidental da Nova Escócia (Canadá) até a região sudeste do Brasil. São costeiros, ocorrem desde lagoas salobras a fundos rochosos e de cascalho, até 30 m de profundidade. Apenas um exemplar foi registrado nas amostragens do Ceará, capturado com linha de fundo em uma profundidade de 18 m. Sua carne é considerada excelente, mas não possuem valor comercial, sendo raros nos mercados de pescados do nordeste.

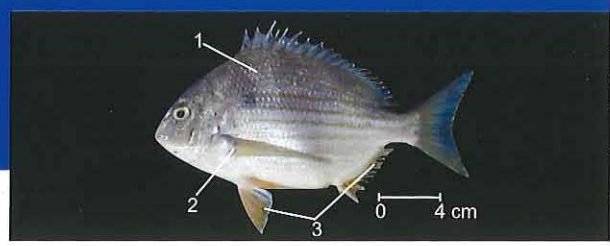
■ *Tamanho*

Comprimento de 34 cm C_z.

■ *Características*

D.XI-XII, 11-13; A.III, 10-11; P.14. Peixe comprimido lateralmente, alto, cabeça grande; um espinho antrorso, embelido na pele, à frente da dorsal (1). Prateado, mais escuro no dorso, com áreas amareladas e esverdeadas no dorso e flancos; 5 a 6 faixas evidentes, verticais, negras, ao longo do corpo (2); região acima do olho escura (3); nadadeira dorsal, anal e pélvicas escurecidas; caudal e peitoral amareladas (4).

ARCHOSARGUS RHOMBOIDALIS (LINNAEUS, 1758)



Francisco M. Santana

■ *Nomes vulgares*

Castanha (BRA); Western Atlantic seabream (ING); Rodeau brème (FRA); Sargo amarillo (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental de Nova Jersey (EUA) até Rio de Janeiro, incluindo o Golfo do México, do Caribe. Apresenta distribuição costeira, em manguezais, fundos rochosos, cascalho e recifes de coral até 30 m de profundidade. Apenas 18 exemplares foram amostrados na região Nordeste do Brasil, provenientes dos desembarques da frota de linha de fundo do Ceará, que atuaram em profundidades de 12 a 25 m. Sua carne é considerada excelente, mas não são muito conhecidos no mercado de pescados.

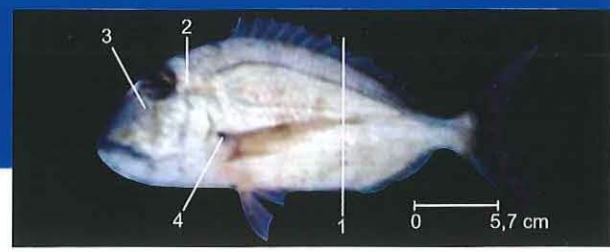
■ *Tamanho*

Comprimento 19,5 a 28 cm C_z, com média de 23,2 cm C_z.

■ *Características*

Possui corpo prateado com faixas amarelas longitudinais (1) e uma mancha negra evidente acima e atrás da base da peitoral, de tamanho similar ao do olho (2), nadadeiras anal e pélvica alaranjadas (3).

CALAMUS PENNA (VALENCIENNES, 1830)



André Vasconcelos

■ *Nomes vulgares*

Peixe-pena (BRA); Sheepsshead porgy (ING); Daubenet bélier (FRA); Pluma cachicato (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Ocorre no oceano Atlântico ocidental desde a Flórida (EUA), Antilhas, Sul do Caribe até o Rio de Janeiro. Espécie de águas costeiras, encontrados em fundos de rocha e áreas próximas de areia, cascalho e algas; os adultos podem ser encontrados até 80 m de profundidade. No norte da Bahia (96,3%) foi verificada a maior freqüência de exemplares desembarcados, sendo raros em Pernambuco (3,7%). A linha de fundo foi a arte de pesca predominante (92,6%), sendo pouco capturado pela rede de emalhar (7,4%). As profundidades de captura variaram de 17 a 128 m, com média de 52 m. Os pesqueiros apresentaram distâncias da costa de 2,4 a 21,3 km (média 12,3 km). Pouco freqüente nas amostragens da região Nordeste (0,044%). Sua carne é considerada muito boa, porém, como é pouco abundante não é conhecido, possuindo baixo valor comercial.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 20,7 a 32 cm C_t (média 27,84 cm) na rede 23,5 a 26 cm C_t (média 24,8 cm).

■ *Características*

D.XII, 12; A.III, 10-11; P.14-15. Apresenta corpo ovalado, alto, comprimido, peitoral não alcança a origem da anal (1). Prateado em geral, com reflexos brilhantes no corpo; linha cinza-azulada sob o olho (2); barra escura da boca ao olho; nem sempre distinta (3); pequena mancha negra na parte superior da base da peitoral (4).

CALAMUS PENNATULA (GUICHENOT, 1868)

Marcelo F. de Nóbrega

■ *Nomes vulgares*

Peixe-pena (BRA); Pluma porgy (ING); Daubenet plume (FRA); Pluma plumilla (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Sua distribuição ocorre das Bahamas e sul do Golfo do México, por todo Caribe até a região Nordeste do Brasil. Distribuição costeira em fundos rochosos e coralinos de águas claras; são encontrados até 85 m de profundidade. Sua ocorrência foi exclusivamente registrada no estado de Pernambuco, nos desembarques da frota de linha de fundo (89,7%) e, em menores proporções nas frotas de covo para peixe (5,8%) e de rede de emalhar (5%). As profundidades de captura variaram de 12 a 60 m, com média de 36 m. Espécie pouco freqüente nas amostragens (0,099%), apesar de carne com bom sabor, não apresenta muito interesse comercial, não sendo observado no mercado de pescados do nordeste.

■ *Tamanho*

Nas capturas de linha 17,5 a 31,5 cm C_t (média 23,5 cm) no covo 17,8 a 21 cm C_t (média 19 cm) e na rede 19 a 25,5 cm C_t (média 22,7 cm).

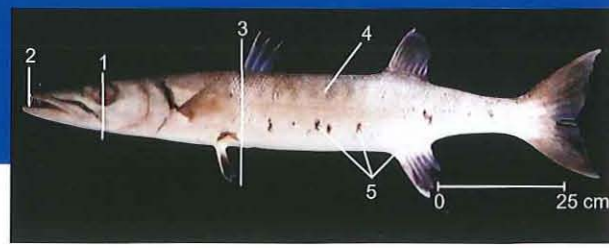
■ *Características*

D.XII, 12; A.III, 9-10; P.14. Apresenta nos adultos o quarto canino frontal do maxilar superior maior e recurvado; faixa larga azul acima do opérculo; linha azul sob o olho (1) e outras três na região anterior do mesmo; coloração prateada, dorso pouco mais escuro (2) e as escamas com áreas amarelas e azuis; mancha retangular escura logo acima do opérculo (3); região anterior do dorso amarelada.

Peixes Ósseos

Família Sphyraenidae

Sphyraena barracuda (Walbaum, 1792)



■ ***Nomes vulgares***

Barracuda (BRA); Great barracuda (ENG); Barracuda (FRA); Picuda barracuda (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Espécie pelágica dos oceanos Índico, Pacífico e Atlântico. Na costa oeste do Atlântico ocorre desde o nordeste dos Estados Unidos, Bermuda e por todo o Mar do Caribe até o sudeste do Brasil. São encontrados freqüentemente nas camadas superficiais do mar, em zonas de águas claras com formação rochosa e coralina. Exemplares jovens habitam locais próximos da costa e adultos possuem distribuição que vai desde a costa até áreas oceânicas. Ocorreu nos desembarques de toda região Nordeste, apresentando os maiores volumes no Ceará (57%) e norte da Bahia (33,3%), sendo menos freqüente em Alagoas (6,1%), Pernambuco (1,7%), Piauí (1,3%) e Rio Grande do Norte (0,7%). As capturas apresentaram proporções semelhantes para a linha de mão (superfície e fundo) (51,2%) e rede de emalhar (48,8%). As áreas de atuação da frota variaram de 8 a 128 m de profundidade, apresentando média para a linha de 75 m e para rede de 34 m. Caracteriza-se como um recurso de razoável importância no nordeste, representou 0,5% do total amostrado. São abundantes nas águas de Fernando de Noronha, sendo uma das principais espécies exploradas. Ocorre também no ASPSP, porém com menor abundância. Foi freqüente na prospecção com espinhel pelágico do REVIZEE no nordeste, capturada entre 56 e 214 m de profundidade (média 110 m). Carne de excelente sabor, mas não é freqüente no comércio.

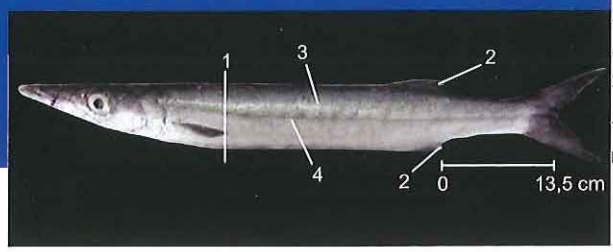
■ ***Tamanho***

Linha – 30 a 132 cm C_z (média 81,2 cm C_z); rede – 19,4 a 103 cm C_z (média 34,6 cm); espinhel – 65 a 138 cm C_z (média 96 cm).

■ ***Características***

D.V-I, 9; A.II,7-8. P.13. Possui a cabeça grande; maxilar poderoso ultrapassa a margem anterior do olho (1) e tem evidentes dentes caninos (2); dorsais bem separadas, a anterior com origem após a origem da pélvica (3); peitoral ultrapassa a origem da pélvica. Cinza-azulado a verde no dorso (4), flanco prateado, ventre branco; algumas manchas negras irregulares no flanco, evidentes (5); nadadeiras escura e caudal com pontas brancas.

SPHYRAENA GUACHANCHO (CUVIER, 1829)



Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Bicuda (BRA); Guachanche baracuda (ING); Bécune guachanche (FRA); Picuda guachanche (ESP).

■ *Região de captura e importância comercial*

Distribui-se de Massachusetts, Golfo do México e Caribe até pelo menos o sul do Brasil. Ocorre também no oceano Atlântico oriental. Espécie pelágica habita desde águas costeiras (estuários e manguezais) até áreas de aproximadamente 100 m de profundidade. Foram amostrados nos desembarques da frota de linha no norte da Bahia (70,7%) e em Pernambuco (29,3%). As áreas de captura apresentaram profundidades entre 28 e 128 m, com média de 59 m. As distâncias da costa destes pesqueiros variaram de 4,41 a 19,93 km da costa (média 14,64 km). Menos freqüente que *S. barracuda*, representou 0,068% do total registrado na região. Carne bastante apreciada, razoavelmente comum nos mercados de pescados.

■ *Tamanho*

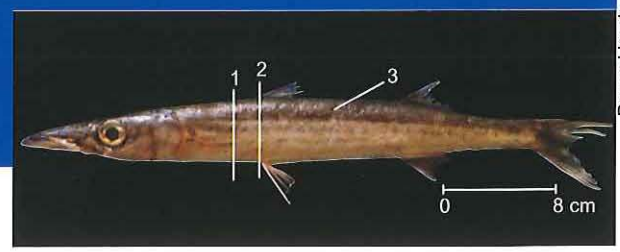
Comprimento zoológico entre 32,5 e 64,7 cm, com média de 47,9 cm.

■ *Características*

D.V-I, 9; A.II, 7-8. P.13. A extremidade da nadadeira peitoral ultrapassa a origem da nadadeira pélvica; origem da primeira dorsal atrás da origem da nadadeira pélvica (1); último raio da segunda nadadeira dorsal e da anal bem maior que o penúltimo e alongado (2). Coloração esverdeada a acinzentada, dorso mais escuro (3), flanco prateado, freqüentemente com uma faixa longitudinal mediana amarelo-dourado (4).

FAMÍLIA SPHYRAENIDAE

SPHYRAENA PICUDILLA (POEY, 1860)



Bruno Urach

■ ***Nomes vulgares***

Bicuda (BRA); Southern sennet (ING); Bécune chandelle (FRA); Picuda china (ESP).

■ ***Região de captura e importância comercial***

Ocorre no oceano Atlântico ocidental da Flórida e Bahamas até o sul do Brasil. Habita águas neríticas da plataforma continental, geralmente em fundos de areia, entre 10 e 65 m de profundidade. Apenas dois exemplares foram registrados pela frota de linha em Pernambuco, capturados em área com profundidade de 26 m. Carne considerada boa, mas sem valor comercial.

■ ***Tamanho***

Comprimento zoológico variou de 42,2 e 78,3 cm.

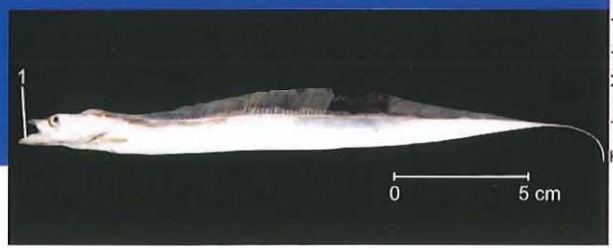
■ ***Características***

D.V-I, 9; A.II, 9. P.12-14. Nadadeira peitoral não chega à origem da pélvica (1) e o último raio da segunda dorsal e da anal é apenas ligeiramente maior que o penúltimo; origem da dorsal anterior, sobre a origem da pélvica (2). Prateada, dorso azulado (3), com reflexos bronzeados, ventre pálido; duas faixas laterais amarelas e estreitas.

Peixes Ósseos

Família Trichiuridae

Trichiurus lepturus (Linnaeus, 1758)



■ ***Nomes vulgares***

Espada-preta (BRA); Largehead hairtail (ING); Poisson sabre (FRA); Sable (ESP).

■ ***Região de ocorrência e importância comercial***

Espécie cosmopolita encontrada em águas tropical e temperada. No oceano Atlântico ocidental se distribui da Virginia (EUA) até a Argentina. São observados geralmente em águas superficiais, caracterizando-se como uma espécie pelágica, que habita áreas com profundidades de até 100 m; podem ser encontrados também em estuários, principalmente indivíduos jovens. As amostras coletadas indicaram grandes volumes desembarcados no Ceará (97%), sendo apenas 3% registrados no Rio Grande do Norte. A rede de emalhar foi predominante nas capturas (96,3%) e apenas 3,7% proveniente da frota de linha. As áreas de captura apresentaram profundidades entre 4 e 40 m. Apresentou boa representatividade (0,5%) nas amostragens, ocorrendo apenas na costa norte da região Nordeste. Possui baixo valor comercial, apesar de sua carne ser saborosa.

■ ***Tamanho***

Rede – 18,5 a 134 cm C_t (média 81,7 cm); linha – 53,4 a 119 cm C_t (média 81,8 cm).

■ ***Características***

D.133-136; P.11. É uma espécie inconfundível, por sua forma alongada e comprimida, coloração prateada brilhante e ausência de nadadeiras pélvica e caudal. Alguns dentes da mandíbula são grandes caninos (1). Nadadeira dorsal acinzentada e transparente, com tons verdes acima da metade basal. Nadadeira peitoral verde com uma mancha negra mais ou menos marcada, segundo distintos exemplares.

XIPHIAS GLADIUS (LINNAEUS, 1758)

Teodoro Vaske-Jr.

■ *Nomes vulgares*

Espadarte (BRA), Meca (BRA); Swordfish (ENG); Espadon (FRA); Pez espada (ESP).

■ *Região de ocorrência e importância comercial*

Espécie pelágica tropical e subtropical de todos os oceanos. Apresenta carne de excelente qualidade, representando a espécie alvo das capturas da frota industrial que atua com espinhel pelágico no nordeste brasileiro, devido ao seu elevado valor, principalmente no mercado externo. Foram registrados com freqüência nas prospecções de espinhel pelágico do SCORE-NE/REVIZEE. As profundidades de captura variaram de 59 a 224 m (média de 121 m). São capturados também com freqüência pelos barcos que atuam com espinhel no ASPSP e Fernando de Noronha.

■ *Tamanho*

O comprimento variou entre 76 e 252 cm C_z, apresentando média de 148,8 cm.

■ *Características*

D.34-39, 4-6; A.13-14, 3-4; P.16-18; V.26. Corpo alongado e cilíndrico; ausência de nadadeiras pélvicas (1); bico extremamente longo (2); ausência de escamas em indivíduos adultos; presença de duas grandes quilhas laterais (uma em cada lado); sulcos dorsal e ventral no pedúnculo caudal (3).

Referências Bibliográficas

Barros, A. R.; Hazin, F. H. V.; Correia, S.; Pedrosa, B.; Raposo, I.; Filizzola, M., 2001. Análise econômica da pesca marítima de Pernambuco. Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco – FADE/UFPE. Recife – PE. 261p.

Carvalho-Filho, A., 1999. Peixes da Costa Brasileira. São Paulo. Merlo. 320p.

Cervigón, F., 1991. Los peces marinos de Venezuela. Fundación Científica Los Roques. Volumen I. Caracas, Venezuela. 425p.

_____ , 1993. Los peces marinos de Venezuela. Fundación Científica Los Roques. Volumen II. Caracas, Venezuela. 497p.

_____ , 1994. Los peces marinos de Venezuela. Fundación Científica Los Roques. Volumen III. Caracas, Venezuela. 295p.

_____ , 1996. Los peces marinos de Venezuela. Fundación Científica Los Roques. Volumen IV. Caracas, Venezuela. 255p.

Cervigón, F; Alcalá, A., 1999. Los peces marinos de Venezuela. Fundación Museo del Mar. Volumen V. Caracas, Venezuela. 255p.

Collete, B. B.; Nauen, C. E., 1983. Scombrids of the world, an annoted and illustrated catalogue of tunas, mackerels, bonitos et related species known to date. FAO species catalogue. FAO Fish. Synop. Vol. 2: 125, Rome. 137p.

Compagno, L. J. V., 1984. FAO Species Catalogue. Vol. 4: Sharks of the world, Part 2; Carcharhiniformes. FAO Synopsis, vol. 125: pp. 251 – 655.

_____ , 1988. Sharks of the Order Carcharhiniformes. Princeton University Press, Princenton, NJ. 486p.

FAO, 1978. Food and Agriculture Organization. Department of Fisheries. Fishing Gear and Methods Branch FAO Catalogue of fishing gear designs. ROME.160p.

Figueiredo, J. L.; Menezes, N. A., 1978. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. 1. Ed. São Paulo: Empresa gráfica da revista dos tribunais S. A.. 110pp.

_____, 1980. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. 1. Ed. São Paulo: Empresa gráfica da revista dos tribunais S. A.. 102pp.

_____, 1985. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. 1. Ed. São Paulo: Empresa gráfica da revista dos tribunais S. A.. 116pp.

Fischer, W. (Ed.), 1978a. FAO species identification sheets for fishery proposes. Western Central Atlantic (fishing area 31) Vol. I a V. FAO-Roma.

_____ , 1978b. FAO species identification sheets for fishery proposes. Western Central Atlantic (fishing area 31) Vol. VI. FAO-Roma.

Fonteles-Filho, A. A., 1988. Sinopse de informações sobre a cavala, *Scomberomorus cavalla* (Cuvier) e a serra, *Scomberomorus brasiliensis* Collette, Russo e Zvala-Camin (Pisces: Scombridae), no estado do Ceará, Brasil. Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Fed. Ceará.27:21-48.

_____ , 1989. Recursos Pesqueiros: Biologia e Dinâmica Populacional. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará. 296p.

Garrick, J. A. F., 1982. Sharks of the Genus *Carcharhinus*. NOAA Tech. Rep. NMFS Circ. 94p.

Hazin, F. H. V.; Mattos, S. M. G.; Pedrosa, B. M. J.; Oliveira, J. E. L.; Vasconcelos, J. A., 1997. Diagnóstico da Pesca Artesanal Marítima do Estado do Rio Grande do Norte. Fundação Norte-Riograndense de Pesquisa e Cultura – FUNPEC, Natal. 78p.

IBAMA, 2002. GEO Brasil. Perspectivas do Meio Ambiente no Brasil. Edições IBAMA, Brasília. 447p.

IBAMA, 2002. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 136p.

_____ , 2001. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 135p.

_____ , 2000. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 138p.

_____ , 1999. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 136p.

_____ , 1998. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 142p.

_____ , 1997. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 133p.

_____ , 1996. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 139p.

_____ , 1995. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 134p.

_____ , 1994. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 140p.

_____ , 1993. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 137p.

_____ , 1992. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 132p.

_____ , 1991. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina (ESTATPESCA) do Nordeste do Brasil. Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira do Nordeste – CEPENE. Tamandaré-PE. 138p.

Lalli, C. M.; Parsons, T. R., 1997. Biological oceanografhy: an introduction. 2nd ed. 314p.

Lessa, R. P.; Nóbrega, M. F.; Bezerra-Jr., J. L., 2004. Dinâmica de populações e avaliação dos estoques dos recursos pesqueiros da região Nordeste. Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE), Sub-Comitê Regional Nordeste (SCORE/NE). Relatório final. Recife. 274pp.

Lessa, R.; Santana, F. M.; Hazin, F. H., 2004. Age and growth of the blue shark *Prionace glauca* (Linnaeus, 1758) off northeastern Brazil. *Fisheries Research*, 66: 19-30.

Lessa, R. P.; Nóbrega, M. F.; Araújo, B. A. M.; Bezerra-Jr, J. L., 2003. Dinâmica das frotas pesqueiras do Nordeste do Brasil. Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE), Sub-Comitê Regional Nordeste (SCORE/NE). Relatório síntese. Recife. 106p.

Lessa, R. P.; Ribeiro, A. C.; Nóbrega, M. F., 2001. Ocorrência de peixes pelágicos nas adjacências do Arquipélago de São Pedro e São Paulo. Resumos do I Workshop Científico/Ambiental, Natal-RN.

Lessa, R. P.; Santana F. M.; Batista, V.; Almeida, Z., 2000. Age and growth of the daggernose shark *Isogomphodon oxyrhynchus*, from Northern Brazil. Mar Freshwater Res. 51: 339-347.

Lessa, R. P.; Nóbrega, M. F., 2000. Guia de Identificação de Peixes Marinhos da Região Nordeste do Brasil. Programa REVIZEE. Relatório síntese. Recife. 123p.

Lessa, R.; Santana, F. M.; Paglerani, R., 1999a. Age, growth and stock structure of the oceanic whitetip shark, *Carcharhinus longimanus*, from the Southwestern Equatorial Atlantic. *Fishery Research*. 42: 21-30.

Lessa, R.; Paglerani, R.; Santana, F. M., 1999b. Biology and morphometry of the oceanic whitetip shark, *Carcharhinus longimanus* (Carcharhinidae), off North-Eastern Brazil. *Cybium*, 23(4): 353-368.

Lessa, R.; Santana, F. M., 1998. Age determination and growth of the smalltail shark, *Carcharhinus porosus*, from northern Brazil. *Marine and Freshwater Research*, 49: 705-711.

Lessa, R; Sales, L; Coimbra, R. M.; Guedes, D.; Vaske-Jr., T., 1998. Análise dos desembarques da pesca de Fernando de Noronha (Brasil). *Arq. Cienc. Mar, Fortaleza*. 31(1-2): 47-56.

Lessa, R. P.; Oliveira, J. L., 1995. Dinâmica de populações, avaliação dos estoques e estatística pesqueira. Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva (REVIZEE), Sub-Comitê Regional Nordeste (SCORE/NE). Relatório síntese. Recife. 107p.

Nakamura, I., 1985. BILLFISHES OF THE WORLD: an Annoted and Illustrated Catalogue of Marlins, Sailfishes, Spearfishes and Swordfishes Known to Date. FAO Fisheries Synopsis Nº 125, Vol. 5. Rome. 65p.

Nelson, J., 1994. Fishes of the World. A Wiley-Interscience Publication. John Wiley e Sons., New York. 523p.

Nóbrega, M. F.; Lessa, R. P.; Marcante, F. S., 2005. Recursos pesqueiros explotados pela frota artesanal da região Nordeste do Brasil. Livro de resumos do XVI Encontro Brasileiro de Ictiologia. João Pessoa-PB. p.105.

Nóbrega, M. F.; MonteAlegre-Quijano, S.; Lessa, R. P., 2004. Ictiofauna capturada da Zona Econômica Exclusiva da costa nordeste do Brasil. Livro de Resumos do XXIV Congresso Brasileiro de Zoologia. Itajaí-SC. p.375.

Nóbrega, M. F.; Lessa, R., 2005. Estrutura de tamanho e índices de abundância de atuns capturados pela frota pesqueira artesanal na região Nordeste do Brasil. Libro de Resúmenes del XI Congreso Latinoamericano de Ciencias del Mar. Viña del Mar-Chile. p.255.

Nóbrega, M. F.; Lessa, R., 2005. Estrutura de tamanho e índices de abundância da cavala-empinge (*Acanthocybium solandri* Cuvier, 1831) capturada na ZEE-Nordeste do Brasil. Libro de Resúmenes del XI Congreso Latinoamericano de Ciencias del Mar. Viña del Mar-Chile. p.255.

Nóbrega, M. F., 2002. Idade, crescimento e avaliação de estoque da serra *Scomberomorus brasiliensis* (Teleostei: Scombridae) na plataforma continental do nordeste do Brasil – Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Federal de Pernambuco – CCB. Biologia Animal. 106p.

Paiva, M. P., 1997. Recursos pesqueiros estuarinos e marinhos do Brasil. EUFC, 278p, Fortaleza.

REVIZEE, 1998. Levantamento do estado da arte da pesquisa dos recursos vivos marinhos do Brasil. SECIRM, MMA. Brasília-DF.

Rosa, S. R.; Moura L. R., 1997. Visual assessment of reef fish community structure in the Atol das Rocas Biological Reserve, off Northeastern Brazil. Proc. 8th Int. Coral Reef Sym. 1: 983-986.

Rosa, S. R.; Rosa, L. L.; Rocha, L. A., 1997. Diversidade da ictiofauna de poças de maré da praia do Cabo Branco, João Pessoa, Paraíba, Brasil. *Revta. Bras. Zool.* 14 (1): 201-212.

Rosa, S. R., 1980. Lista sistemática de peixes marinhos da Paraíba (Brasil). *Revta Nordest. Biol.*, João Pessoa, 3(2): 205-226.

Roux, C., 1973. Téléostéens du Plateau Continental Brésilien, Compagne de la Calypso au large des cotes Atlantiques de L'Amérique du Sud (1961-1962). Premiére partie. 189 p.

Santana, F. M.; Lessa, R. 2004. Age determination and growth of the night shark (*Carcharhinus signatus*) off the northeastern Brazilian Coast. *Fishery Bulletin*, 102: 156-167.

Souza, R. C., 1998. Distribuição, abundância relativa, reprodução e idade e crescimento do dourado *Coryphaena hippurus* (Linnaeus, 1758) na região Nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado do Curso de Oceanografia Biológica da Universidade Federal de Pernambuco. 73p.

Starks, E. C., 1913. The fishes of the Stanford expedition to Brazil. Leland Stanford Univ. Publ., Univ. Ser.: 1-77.

Vasconcelos, A. R. M., 2000. Amostragem de peixes demersais e pelágicos no litoral norte da Bahia. Relatório apresentado ao SCORE/NE do Programa REVIZEE. Recife. 42p.

Vasconcelos-Jr., L. C.; Alves, T. T.; Castro e Silva, S. M. M.; Matos, C. M. C.; Barros, G. M. L.; Ferreira, C. R. C.; Silveira, L. A.; Maia, C. A.; Nascimento, A. P. C.; Forte, A. G.; Bezerra, S. N., 1988. Diagnóstico do Setor Pesqueiro do Estado do Ceará. Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca – SUDEPE, Ministério da Agricultura, Brasília. 176p.

Vaske-Jr., T.; Lessa, R. P.; Nóbrega, M. F.; Amaral, F. M. D.; Silveira, R. M. S., 2006. Arquipélago de São Pedro e São Paulo: Histórico e Recursos Naturais. Ed. Livro Rápido-Elógica. Olinda. 191p.

Vaske-Jr., T.; Nóbrega, M. F.; Lessa, R. P; Pereira, A. A.; Ribeiro, A. C.; Andrade, C. P., 2005. Peixes capturados pela pesca comercial no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, Brasil. Livro de resumos do XVI Encontro Brasileiro de Ictiologia. João Pessoa-PB. p.104.

Vaske-Jr., T.; Lessa, R. P.; Nóbrega, M. F.; Montealegre-Quijano, S.; Marcante, F. S.; Bezerra-Jr., J. L., 2004. Checklist of fishes from Saint Peter and Saint Paul Archipelago, Brazil. *J. Appl. Ichthyo.* 20: 1-5.

ANEXOS

Anexo 1 – Composição específica; nome vulgar, em português e inglês; família; freqüência relativa de ocorrência (%), e comprimentos zoológicos mínimo, médio e máximo dos exemplares amostrados nos desembarques da frota artesanal da ZEE-Nordeste do Brasil.

* para essas espécies são relatados comprimentos totais mínimos, médios e máximos.

	Composição específica	Nome vulgar (Português)	Nome vulgar (Inglês)	Família	Freq.%	Min	Médio	Máx
1	*Acanthurus bahianus* (Castelnau, 1885)	caraúna	Ocean surgeon	Acanthuridae	0,001		21,0	
2	*Acanthurus chirurgus* (Bloch, 1787)	caraúna	Doctorfish	Acanthuridae	0,006	22,5	23,9	25,5
3	*Albula vulpes* (Linnaeus, 1758)	vitubarana	Bonefish	Albulidade	0,022	21,3	33,7	53,5
4	*Notarius grandicassis* (Marceniuk, 2005)	cambeba	Tomas sea catfish	Ariidae	0,021	18,0	34,1	62,3
5	*Sciades proops* (Marceniuk, 2005)	uritinga	Crucifix sea catfish	Ariidae	0,102	12,5	41,4	71,5
6	*Aspistor quadriscutis* (Valenciennes, 1840)	cangatan	Bressou sea cat fish	Ariidae	0,107	16,7	31,3	69,5
7	*Arius* sp.	bagre	Sea catfish	Ariidae	0,011	33,0	36,9	43,0
8	*Bagre bagre* (Linnaeus, 1766)	bagre-fita	Coco sea catfish	Ariidae	0,342	16,6	28,9	51,0
9	*Bagre marinus* (Mitchill, 1815)	bagre-branco	Gafftopsail sea catfish	Ariidae	0,061	16,8	31,0	50,0
10	*Bagre* sp.	bagre	Sea catfish	Ariidae	0,015	16,4	28,0	66,0
11	*Cathorops spixii* (Agassiz, 1829)	geremias	Madamango sea catfish	Ariidae	0,092	16,0	21,8	29,0
12	*Genidens genidens* (Valenciennes, 1839)	bagre	Sea catfish	Ariidae	0,001		30,0	
13	*Aspistor parkeri* (Marceniuk, 2005)	bagre-ariaçú	Gillbacker sea catfish	Ariidae	0,012	18,0	27,6	50,0
14	*Atherinella brasiliensis* (Quoy e Gaimard, 1824)	varapau	Silverside	Atherinidae	0,001		17,0	
15	*Balistes capriscus* (Gmelin, 1788)	cangulo-branco	Grey triggerfish	Balistidae	0,035	19,5	39,7	50,5
16	*Balistes vetula* (Linnaeus, 1758)	cangulo	Queen triggerfish	Balistidae	0,536	18,5	33,7	53,0
17	*Melichthys niger* (Bloch, 1786)	pufa	Black durgon	Balistidae	0,003	44,0	44,9	47,0
18	*Melichthys piceus* (Poey, 1863)	cangulo	Durgon	Balistidae	0,028	24,5	39,7	54,5
19	*Batrachoides surinamensis* (Bloch e Schneider, 1801)*	pacamon	Pacuma toadfish	Batrachoididae	0,002	33,0	35,2	37,5
20	*Porichthys porosissimus* (Valenciennes, 1837)*	peixe-sapo	Toadfish	Batrachoididae	0,001		45,5	

	Composição específica	Nome vulgar (Português)	Nome vulgar (Inglês)	Família	Freq.%	Min	Médio	Máx
21	*Ablennes hians* (Valenciennes, 1846)	zambaia	Flat needlefish	Belonidae	0,126	39,1	62,5	87,0
22	*Strongylura marina* (Walbaum, 1792)	zambaia-azul	Atlantic needlefish	Belonidae	0,097	44,3	60,5	113,5
23	*Tylosurus acus* (Lacepède, 1803)	zambaia-roliço	Agujon needlefish	Belonidae	0,014	52,7	72,3	119,0
24	*Bothos ocellatus**	solha	Flounder	Bothidae	0,001		17,0	
25	*Alectis ciliaris* (Bloch, 1788)	galo-do-alto	African pompano	Carangidae	0,080	31,5	67,8	118,5
26	*Caranx bartholomaei* (Cuvier, 1833)	guarajuba	Yellow jack	Carangidae	1,599	13,5	39,6	93,0
27	*Caranx crysos* (Mitchill, 1815)	xixarro	Blue runner	Carangidae	2,209	10,0	36,2	91,0
28	*Caranx ruber* (Bloch, 1793)	xaréu	Bar Jack	Carangidae	0,092	21,7	37,2	86,0
29	*Caranx hippos* (Linnaeus, 1766)	xaréu	Crevalle Jack	Carangidae	0,249	8,4	65,9	104,0
30	*Caranx latus* (Agassiz, 1831)	guaracimbora	Horse-eye jack	Carangidae	2,852	12,5	47,9	109,0
31	*Caranx lugubris* (Poey, 1860)	xaréu-preto	Black Jack	Carangidae	0,066	36,0	67,1	92,5
32	*Caranx* sp.	xaréu	Jack	Carangidae	0,007	58,1	69,1	76,0
33	*Chloroscombrus chrysurus* (Linnaeus, 1776)	palombeta	Atlantic bumper	Carangidae	0,837	9,4	15,2	26,0
34	*Elagatis bipinnulatus* (Quoy e Gaimard, 1824)	peixe-rei	Rainbow runner	Carangidae	0,734	28,0	56,0	113,0
35	*Oligoplites palometa* (Cuvier, 1833)	tibiro	Maracaibo leatherjack	Carangidae	0,158	40,0	45,9	65,2
36	*Oligoplites saliens* (Bloch, 1793)	tibiro	Castin leatherjack	Carangidae	0,002	27,0	28,0	28,5
37	*Selar crumenophtalmus* (Bloch, 1793)	garapau	Bigeye scad	Carangidae	0,649	16,0	20,5	29,0
38	*Selene setapinnis* (Mitchill, 1815)	peixe-galo	Atlantic moonfish	Carangidae	0,009	17,0	24,1	30,0
39	*Selene spixii* (Castelnau, 1855)	peixe-galo	Moonfish	Carangidae	0,002	21,0	26,6	32,2
40	*Selene vomer* (Linnaeus, 1758)	peixe-galo-de-penacho	Atlantic look down	Carangidae	0,016	14,0	31,3	41,3
41	*Seriola dumerili* (Risso, 1810)	arabaiana	Greather amberjack	Carangidae	1,762	28,0	99,4	178,0
42	*Seriola rivoliana* (Valenciennes, 1833)	arabaiana	Almaço Jack	Carangidae	0,122	28,0	77,7	135,8
43	*Seriola* sp.	arabaiana	Jack	Carangidae	0,001		60,0	
44	*Trachinotus carolinus* (Linnaeus, 1766)	pampo	Florida pompano	Carangidae	0,005	19,2	21,9	24,7
45	*Trachinotus falcatus* (Linnaeus, 1758)	pampo-galhudo	Great pompano	Carangidae	0,030	11,5	53,6	102,0
46	Trachinotus goodei (Jordan e Evermann, 1896)	pampo	Palometa pompano	Carangidae	0,010	12,5	21,9	32,0
47	*Uraspis secunda* (Poey, 1860)	cara-de-gato	Cottonmouth Jack	Carangidae	0,008	32,5	35,3	38,5
48	*Carcharhinus acronotus* (Poey, 1861) *	tubarão-flamengo	Blacknose shark	Carcharhinidae	0,010	38,2	62,0	84,0
49	*Carcharhinus falciformes* (Bibron, 1839) *	tubarão-lombo-preto	Silky shark	Carcharhinidae	0,002	124,0	137,0	150,0
50	*Carcharhinus leucas* (Valenciennes, 1839) *	tubarão-cabeça-chata	Bull shark	Carcharhinidae	0,001		120,0	
51	*Carcharhinus limbatus* (Valenciennes, 1839) *	tubarão-galha-preta	Blacktip shark	Carcharhinidae	0,008	50,8	61,2	92,0
52	*Carcharhinus maou* (Lesson, 1830) *	tubarão-estrangeiro	Oceanic whitetip shark	Carcharhinidae	0,001		116,0	
53	*Carcharhinus porosus* (Ranzani, 1839) *	tubarão-azeiteiro	Smalltail shark	Carcharhinidae	0,001		100,0	
54	*Carcharhinus* sp.*	tubarão	Shark	Carcharhinidae	0,061	35,0	65,9	124,0
55	*Galeocerdo cuvieri* (LeSueur, 1822) *	tubarão-tigre	Tiger shark	Carcharhinidae	0,001		72,0	
56	*Prionace glauca* (Linnaeus, 1758) *	tubarão-azul	Blue shark	Carcharhinidae	0,001		190,0	

	Composição específica	Nome vulgar (Português)	Nome vulgar (Inglês)	Família	Freq.%	Min	Médio	Máx
57	*Rhizoprionodon lalandei* (Valenciennes, 1841)*	tubarão	Brazilian sharpnose shark	Carcharhinidae	0,050	27,8	40,0	56,0
58	*Rhizoprionodon porosus* (Poey, 1861)*	tubarão-rabo-seco	Caribbean sharpnose shark	Carcharhinidae	0,411	26,8	64,5	100,5
59	*Centropomus parallelus* (Poey, 1860)	camurim	Fat snook	Centropomidae	0,008	44,4	66,6	98,0
60	*Centropomus* sp.	camurim	Snook	Centropomidae	0,008	23,5	32,7	40,0
61	*Centropomus undecimalis* (Bloch, 1792)	camurim	Common snook	Centropomidae	0,071	22,8	63,1	93,0
62	*Chaetodon striatus* (Linnaeus, 1758)*	borboleta	Banded butterflyfish	Chaetodontidae	0,007	10,5	12,9	14,5
63	*Opisthonema oglinum* (Lê Sueur, 1818)	sardinha	Atlantic Thread Herring	Clupeidae	7,745	5,6	19,2	31,4
64	*Pellona harroweri* (Fowler, 1917)	sardinha-grande	Bald sardine	Pristigasteridae	0,003		14,0	
65	*Coryphaena equiselis* (Linnaeus, 1758)	palometa	Pompano dolphin	Coryphaenidae	0,068	25,2	35,8	59,4
66	*Coryphaena hippurus* (Linnaeus, 1758)	dourado	Common dolphinfish	Coryphaenidae	1,963	10,5	96,1	180,5
67	*Dasyatis americana* (Hildebrand e Schroeder, 1928)*	raia-manteiga	Southern stingray	Dasyatidae	0,117	25,0	131,0	222,0
68	*Dasyatis centroura* (Mitchill, 1815) *	raia-prego	Roughtail stingray	Dasyatidae	0,003	178,0	219,0	260,0
69	*Dasyatis geijskesi* (Boeseman, 1948)*	raia-morcego	Sharpsnout stingray	Dasyatidae	0,013	63,4	69,4	80,0
70	*Dasyatis guttata* (Bloch e Schneider, 1801) *	raia-lixa	Longnose stingray	Dasyatidae	0,112	108,0	126,6	146,0
71	*Dasyatis* sp. *	raia	Stingray	Dasyatidae	0,087	205,0	220,5	236,0
72	*Echeneis naucrates* (Linnaeus, 1758)*	rêmora	Sharksucker	Echeneidae	0,002	47,0	48,8	50,5
73	*Elops saurus* (Linnaeus, 1766)	ubarana	Ladyfish	Elopidae	0,020	26,5	42,8	60,0
74	*Lycengraulis grossidens* (Agassiz, 1829)	sardinha	Toothed anchovy	Engraulidae	0,005	14,0	17,6	20,0
75	*Chaetodipterus faber* (Broussonet, 1782)*	parú branco	Atlantic spadefish	Ephippidae	0,082	9,0	21,8	33,5
76	*Cypselurus cyanopterus* (Valenciennes, 1846)	peixe-voador	Margined flyingfish	Exocoetidae	0,101	20,5	30,3	32,4
77	*Hirundichthys affinis* (Gunther, 1866)	peixe-voador	Fourwing flyingfish	Exocoetidae	4,762	18,0	23,1	29,8
78	*Diapterus auratus* (Ranzani, 1840)	carapeba	Irish Mojarra	Gerreidae	0,001		18,0	
79	*Diapterus rhombeus* (Cuvier, 1829)	carapeba	Caitipa mojarra	Gerreidae	0,002	12,0	15,7	19,5
80	*Eucinostomus* sp.	carapau	Mojarra	Gerreidae	0,001		14,0	
81	*Ginglymostoma cirratum* (Bonnaterre, 1788) *	tubarão-lixa	Nurse shark	Ginglymostomatidae	0,021	78,5	131,7	221,0
82	*Anisotremus surinamensis* (Bloch, 1791)	pirambú	Black margate	Haemulidae	0,055	15,5	30,9	52,0
83	*Anisotremus virginicus* (Linnaeus, 1758)	salema	Porkfish	Haemulidae	0,150	11,2	21,9	35,5
84	*Genyatremus luteus* (Bloch, 1795)	coró	Torroto grunt	Haemulidae	0,002	19,0	24,0	29,0
85	*Haemulom aurolineatum* (Cuvier, 1829)	xira branca	White margate	Haemulidae	1,246	10,5	16,0	33,0
86	*Haemulon chrysargyreum* (Gunther, 1859)	xira amarela	Smallmouth grunt	Haemulidae	0,358	12,0	16,2	19,2
87	*Haemulon macrostomum* (Gunther, 1859)	cocoroca	Spanish grunt	Haemulidae	0,016	19,0	22,2	27,7
88	*Haemulon melanurum* (Linnaeus, 1758)	sapuruna-preta	Cottonwick	Haemulidae	0,610	13,5	21,4	30,5
89	*Haemulon parrai* (Desmarest, 1823)	cambuba	Sailor's choice	Haemulidae	0,077	15,0	21,9	33,7
90	*Haemulon plumieri* (Lacepède, 1802)	biquara	White grunt	Haemulidae	2,119	13,0	23,5	40,0
91	*Haemulon steindachneri* (Jordan e Gilbert, 1882)	xira	Latin grunt	Haemulidae	0,086	10,5	15,4	21,0
92	*Orthopristis ruber* (Cuvier, 1830)	canguito	Corocoro grunt	Haemulidae	0,086	11,0	15,2	32,5

	Composição específica	Nome vulgar (Português)	Nome vulgar (Inglês)	Família	Freq.%	Min	Médio	Máx
93	*Pomadasys corvinaeformis* (Steindachner, 1868)	coró-branco	Roughneck grunt	Haemulidae	0,013	13,0	15,2	18,5
94	*Conodon nobilis* (Linnaeus, 1758)	coró	Barred grunt	Haemulidae	0,007	14,8	21,7	35,4
95	*Hemiramphus brasiliensis* (Linnaeus, 1758)	agulhinha-preta	Ballyhoo halfbeak	Hemiramphidae	2,899	8,0	19,5	31,0
96	*Hyporhamphus unifasciatus* (Ranzani, 1842)	agulhinha-branca	Common halfbeak	Hemiramphidae	1,585	11,9	17,8	25,2
97	*Holocentrus ascensionis* (Osbeck, 1765)	mariquita	Squirrelfish	Holocentridae	1,213	13,2	20,9	32,0
98	*Myripristis jacobus* (Cuvier, 1829)	mariquita	Blackbar soldierfish	Holocentridae	0,012	16,0	21,0	27,4
99	*Istiophorus albicans* (Latreille, 1804)	agulhão-vela	Atlantic sailfish	Isthiophoridae	0,03	76,5	138,0	180,0
100	*Tetrapturus albidus* (Poey, 1860)	agulhão-branco	White marlin	Isthiophoridae	0,003	113,2	127,8	134,0
101	*Tetrapturus pfluegeri* (Robins e de Silva, 1963)	agulhão-verde	Spearfish	Isthiophoridae	0,004	145,0	160,6	171,6
102	*Bodianus rufus* (Linnaeus, 1758)	budião-papagaio	Hogfish	Labridae	0,001	20,0	20,5	21,0
103	*Halichoeres radiatus* (Linnaeus, 1758)	budião	Puddingwife	Labridae	0,002	27,0	36,0	45,0
104	*Lobotes surinamensis* (Bloch, 1790)*	chancarana	Tripletail	Lobotidae	0,010	54,0	61,6	72,0
105	*Etelis oculatus* (Valenciennes, 1828)	mariquitão	Queen snapper	Lutjanidae	0,090	15,5	46,9	85,0
106	*Lutjanus analis* (Cuvier, 1828)	cioba	Mutton snapper	Lutjanidae	4,241	14,5	48,5	99,0
107	*Lutjanus apodus* (Walbaum, 1792)	baúna-de-fogo	Schoolmaster	Lutjanidae	0,254	17,5	28,7	68,2
108	*Lutjanus buccanella* (Cuvier, 1828)	pargo-boca-negra	Blackfin snapper	Lutjanidae	0,192	23,0	37,6	68,0
109	*Ociurus chrysurus* (Bloch, 1791)	guaiúba	Yellowtail snapper	Lutjanidae	12,765	12,0	34,5	86,9
110	*Lutjanus cyanopterus* (Cuvier, 1828)	caranha	Cubera snapper	Lutjanidae	0,110	24,0	77,5	128,5
111	*Lutjanus griseus* (Linnaeus, 1758)	caranha	Gray snapper	Lutjanidae	0,035	23,0	68,0	107,8
112	*Lutjanus jocu* (Bloch e Schneider, 1801)	dentão	Dog snapper	Lutjanidae	3,476	12,5	53,7	103,0
113	*Lutjanus purpureus* (Poey, 1875)	pargo	Southern red snapper	Lutjanidae	2,785	19,8	37,6	79,5
114	*Lutjanus synagris* (Linnaeus, 1758)	ariocó	Lane snapper	Lutjanidae	6,379	7,5	26,1	60,0
115	*Lutjanus vivanus* (Cuvier, 1828)	pargo-verdadeiro	Silk snapper	Lutjanidae	2,095	17,0	31,9	73,0
116	*Rhomboplites aurorubens* (Cuvier, 1829)	pargo-piranga	Vermilion snapper	Lutjanidae	1,107	14,0	26,6	70,0
117	*Malacanthus plumieri* (Bloch, 1786)	pirá	Sand tilefish	Malacanthidae	0,650	19,0	36,9	53,0
118	*Megalops atlanticus* (Valenciennes, 1846)	camaurupim	Tarpon	Megalopidae	0,026	36,0	131,5	188,0
119	*Manta birostris* (Donndorff, 1798)*	raia-manta	Devil ray	Mobulidae	0,002	197,0	216,5	236,0
120	*Aluterus monoceros* (Linnaeus, 1758)*	cangulo	Unicorn filefish	Monacanthidae	0,002	26,5	34,7	43,0
121	*Mugil curema* (Valenciennes, 1835)	sauna	White mullet	Mugilidae	0,123	19,5	24,4	29,0
122	*Mulloidichthys martinicus* (Cuvier, 1829)	saramunete-guaiúba	Yellow goatfish	Mullidae	0,002	15,2	20,0	24,8
123	*Pseudupeneus maculatus* (Bloch, 1793)	saramunete	Spotted goatfish	Mullidae	3,867	5,5	19,5	29,0
124	*Gyminothorax* sp.*	moréia	Moray	Muraenidae	0,036	33,0	70,4	111,0
125	*Gyminothorax funebris* (Ranzani, 1840)*	moréia-verde	Green moray	Muraenidae	0,007	119,0	142,2	162,0
126	*Gymnothorax moringa* (Cuvier, 1829)*	moréia-pintada	Spotted moray	Muraenidae	0,010	56,5	78,3	109,0
127	*Aetobatus narinari* (Euphrasen, 1790)*	raia-pintada	Spotted eagle Ray	Myliobatidae	0,006	18,0	43,5	77,0
128	*Rhinoptera bonasus* (Mitchill, 1815)*	ticonha	Cownose	Myliobatidae	0,010	25,0	61,4	94,4

	Composição específica	Nome vulgar (Português)	Nome vulgar (Inglês)	Família	Freq.%	Min	Médio	Máx
129	*Ophichthus ophis (Linnaeus, 1758)**	miroró	Spotted snake eel	Ophichthidae	0,001		59,5	
130	*Syacium papillosum* (Linaeus, 1758)*	linguado-de-areia	Dusky flounder	Paralichthyidae	0,006	22,2	23,8	26,0
131	*Polydactylus virginicus* (Linnaeus, 1758)*	barbudo	Barbu threadfin	Polynemidae	0,002	18,0	18,7	20,0
132	*Priacanthus arenatus* (Cuvier e Valenciennes, 1829)	piranema	Atlantic bigeye	Priacanthidae	0,133	19,0	29,8	40,0
133	*Pristigenys alta* (Gil, 1862)	olho-de-boi	Bulleye	Priacanthidae	0,002	22,5	22,6	22,8
134	*Rachycentron canadum* (Linnaeus, 1766)	beijupirá	Cobia	Rachycentridae	0,203	31,2	81,5	150,0
135	*Rhinobatos lentiginosus* (Garman, 1880)*	raia	Atlantic guitarfish	Rhinobatidae	0,002	49,0	52,5	56,0
136	*Rhinobatos percellens* (Walbaum, 1792)*	raia-viola	Guitarfish	Rhinobatidae	0,005	41,6	54,2	69,0
137	*Scarus coelestinus* (Valenciennes, 1839)	bico-verde	Midnight parrotfish	Scaridae	0,007	49,0	63,5	73,0
138	*Scarus coeruleus* (Bloch, 1786)	budião	Blue parrotfish	Scaridae	0,001		68,0	
139	*Sparisoma chrysopterum* (Bloch e Schneider, 1801)*	budião	Redtail parrofish	Scaridae	0,031	16,5	25,3	41,5
140	*Sparisoma rubripinne* (Valenciennes, 1839)*	bobó	Redfin parrotfish	Scaridae	0,080	18,0	23,8	44,5
141	*Sparisona* sp. *	budião	Parrotfish	Scaridae	0,108	15,3	20,4	29,0
142	*Sparisoma viride* (Bonnaterre, 1788)	budião	Stoplight parrofish	Scaridae	0,003	33,0	38,7	44,5
143	*Cynoscion acoupa* (Lacepède, 1802)*	pescada-amarela	Acoupa weakfish	Sciaenidae	0,022	55,0	77,3	93,0
144	*Cynoscion jamaicensis* (Vaillant e Bocourt, 1833)*	pescada	Jamaica weakfish	Sciaenidae	0,074	22,1	33,2	84,0
145	*Cynoscion leiarchus* (Cuvier, 1830)*	pescada-branca	Smooth weakfish	Sciaenidae	0,225	14,4	25,7	75,0
146	*Cynoscion* sp.*	pescada	Weakfish	Sciaenidae	0,142	10,4	26,3	75,4
147	*Cynoscion virescens* (Cuvier, 1830)*	pescada-real	Green weakfish	Sciaenidae	0,015	18,0	41,2	81,5
148	*Larimus breviceps* (Cuvier, 1830)*	boca-mole	Shorthead drum	Sciaenidae	0,005	15,0	20,9	25,0
149	*Macrodon ancylodon* (Bloch e Scheneider, 1801)*	pescadinha	King weakfish	Sciaenidae	0,572	20,0	29,5	46,0
150	*Menticirrhus americanus* (Linnaeus, 1758)	judeu	Southern kingfish	Sciaenidae	0,235	13,0	22,8	31,0
151	*Micropogonias furnieri* (Desmarest, 1823)*	corvina	Whitemouth croaker	Sciaenidae	0,151	26,7	41,7	59,0
152	*Nebris microps* (Cuvier, 1830)*	pescada-sete-buchos	Smalleye croaker	sciaenidae	0,013	23,0	31,0	37,0
153	*Pareques acuminatus* (Bloch e Schneider, 1801)*	pescada-de-dente	Highhat	Sciaenidae	0,016	37,7	42,9	45,5
154	*Stellifer rastrifer* (Jordan, 1889)*	cabeça-dura	Rake stardrum	Sciaenidae	0,002	16,5	18,2	20,0
155	*Acanthocybium solandri* (Cuvier, 1831)	cavala-empinge	Wahoo	Scombridae	0,448	63,0	121,2	175,0
156	*Auxis thazard* (Lacepède, 1803)	bonito	Frigate tuna	Scombridae	0,072	19,0	33,9	50,0
157	*Euthynnus alletteratus* (Rafinesque, 1810)	bonito	Little tunny	Scombridae	0,640	17,0	43,1	90,5
158	*Katsuwonus pelamis* (Linnaeus, 1758)	bonito-listrado	Skipjack tuna	Scombridae	0,211	25,2	46,4	87,5
159	*Scomberomorus brasiliensis* (Collete, Russo e Zavala-Camin, 1978)	serra	Spanish mackerel	Scombridae	5,061	9,1	43,5	97,0
160	*Scomberomorus cavalla* (Cuvier, 1829)	cavala	King mackerel	Scombridae	5,791	1 1,5	73,9	146,0
161	*Scomberomorus regalis* (Bloch, 1793)	serra-pininga	Cero	Scombridae	0,178	35,3	63,8	118,5
162	*Thunnus alalunga* (Bonnaterre, 1788)	albacora-branca	Longfin tuna	Scombridae	0,006	57,0	75,9	111,0
163	*Thunnus albacares* (Bonnaterre, 1788)	albacora-laje	Yellowfin tuna	Scombridae	0,291	47,0	103,4	146,0
164	*Thunnus atlanticus* (Lesson, 1830)	albacorinha	Blackfin tuna	Scombridae	0,912	39,0	63,1	89,0

	Composição específica	Nome vulgar (Português)	Nome vulgar (Inglês)	Família	Freq.%	Min	Médio	Máx
165	*Thunnus obesus* (Lowe, 1839)	albacora-bandolim	Bigeye tuna	Scombridae	0,477	32,0	70,7	131,0
166	*Thunnus* sp.	albacora	Tuna	Scombridae	0,004	48,0	61,0	92,0
167	*Alphester afer* (Bloch, 1793)*	sapê	Mutton hamlet	Serranidae	0,091	16,2	19,7	32,5
168	*Cephalopholis fulva* (Linnaeus, 1758)*	piraúna	Coney seabass	Serranidae	1,864	11,3	23,2	51,5
169	*Diplectrum formosum* (Linnaeus, 1766)	jacundá	Sand seabass	Serranidae	0,017	16,0	17,6	19,0
170	*Epinephelus adscensionis* (Osbeck, 1771)*	peixe-gato	Rock hind	Serranidae	0,111	22,0	34,8	52,0
171	*Epinephelus itajara* (Lichtenstein, 1822)*	mero	Giant grouper	Serranidae	0,016	61,0	102,3	210,0
172	*Epinephelus marginatus* (Lowe, 1834)*	garoupa	Dusky grouper	Serranidae	0,002	65,0	69,0	73,0
173	*Epinephelus morio* (Valenciennes, 1828)*	garoupa-verdadeira	Red grouper	Serranidae	0,061	37,5	66,4	82,0
174	*Epinephelus mystacinus* (Poey, 1851)*	cherne-listrado	Misty Grouper	Serranidae	0,001		78,0	
175	*Epinephelus nigritus* (Holbrook, 1855)*	cherne-preto	Warsaw grouper	Serranidae	0,010	58,0	71,5	84,5
176	*Epinephelus niveatus* (Valenciennes, 1828)*	cherne	Snowy grouper	Serranidae	0,570	21,5	47,4	120,0
177	*Epinephelus* sp.*	cherne-pintado	Grouper	Serranidae	0,396	17,5	40,9	96,0
178	*Mycteroperca bonaci* (Poey, 1860)*	sirigado	Black grouper	Serranidae	1,572	21,5	86,4	177,0
179	*Mycteroperca interstitialis* (Poey, 1860)*	badejo	Yellowmouth grouper	Serranidae	0,034	34,0	68,6	149,0
180	*Mycteroperca* sp.*	badejo	Grouper	Serranidae	0,002	46,0	54,3	69,0
181	*Mycteroperca tigris* (Valenciennes, 1833)*	garoupa-pintada	Tiger grouper	Serranidae	0,035	39,0	69,4	112,0
182	*Mycteroperca venenosa* (Linnaeus, 1758)*	badejo-ferro	Yellowfin grouper	Serranidae	0,034	41,0	82,5	120,0
183	*Paranthias furcifer* (Valenciennes, 1828)	pargo-mirim	Creole-fish	Serranidae	0,024	19,0	22,7	26,0
184	*Archosargus probatocephalus* (Walbaum, 1792)	sargo-de-dente	Sheepshead seabream	Sparidae	0,001		34,0	
185	*Archosargus rhomboidalis* (Linnaeus, 1758)	castanha	Seabream	Sparidae	0,016	19,5	23,2	28,0
186	*Calamus penna* (Valenciennes, 1830)*	peixe-pena	Sheepshead porgy	Sparidae	0,044	20,7	27,6	32,0
187	*Calamus pennatula* (Guichenot, 1869)*	peixe-pena	Pluma porgy	Sparidae	0,099	17,5	23,2	31,5
188	*Sphyraena barracuda* (Walbaum, 1792)	barracuda	Great barracuda	Sphyraenidae	0,500	19,4	58,2	132,0
189	*Sphyraena guachancho* (Cuvier, 1829)	bicuda	Guachanche barracuda	Sphyraenidae	0,068	32,5	47,9	64,7
190	*Sphyraena picudila* (Poey, 1860)	bicuda	Southern picudilla	Sphyraenidae	0,028	42,2	45,2	48,3
191	*Sphyrna lewini* (Cuvier, Griffith e Smitha, 1834)*	tubarão-martelo	Scalloped hammerhead	Sphyrnidae	0,005	45,6	77,8	178,0
192	*Sphyrna* sp.*	tubarão-martelo	Hammerhead	Sphyrnidae	0,004	66,0	147,0	228,0
193	*Synodus* sp.*	peixe-lagarto	Lizardfish	Synodontidae	0,001		24,0	
194	*Trachinocephalus myops* (Forster, 1801)*	peixe-lagarto	Snakefish	Synodontidae	0,008	15,0	19,2	22,5
195	*Trichiurus lepturus* (Linnaeus, 1758)*	espada-preta	Largehead hairtail	Trichiuridae	0,500	55,0	82,3	109,0

AGRADECIMENTO

Agradecemos a todos os bolsistas DTI, ITI e Recém-Doutores que atuaram na Área de Dinâmica de Populações e Avaliação dos estoques e estiveram envolvidos no Programa de Amostragem do SCORE-NE;

Às diversas Universidades Federais e Centros de Pesquisa da região Nordeste, que abrigaram vários bolsistas disponibilizando as facilidades de suas infra-estruturas, em especial: UFRPE, UFPE, UFAL, UFBA, UFRN, UFCE e CEPENE/IBAMA;

Às Colônias de Pescadores, Associações de Pescadores, peixarias e empresas de pesca da região, que colaboraram para a coleta de informações, facilitando o acesso dos bolsistas;

Aos diversos Professores e Pesquisadores vinculados à Área, lotados nas universidades e centros de pesquisa supracitados;

À Coordenação do Programa REVIZEE, especialmente ao Dr. Silvio Jablonski.

Por fim, agradecemos a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.